

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 20721, 20722, 20723, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Herança sagrada

Das declarações que o prof. Adriano Moreira fez ontem em Lourenço Marques, perante o Conselho Legislativo da Província, e que tiveram larga repercussão tanto na Metrópole como no Ultramar, destaca-se aquela em que o ministro pôs em relevo a importância da ocupação escolar, «problema de uma complexidade que tem de catalogar-se entre os de primeira urgência — afirmou —, encarando os seus aspectos pedagógicos, técnicos e financeiros em função das circunstâncias de cada província e da unidade nacional da formação de base para que já hoje estão orientados os programas».

O elo mais poderoso dessa unidade tem de ser, indubitavelmente, a expansão da língua portuguesa nos territórios que ocupamos há mais de quatro séculos e onde, infelizmente, não se fez ainda um esforço proporcional à grandeza da tarefa, para alcançar esse objectivo essencial. «A difusão da língua — acentuou o prof. Adriano Moreira —, com as suas implicações no movimento comunitário, é condição de fundamental importância para a consolidação do denominador cultural comum que perpetua as unidades políticas».

Deixou-se tantas vezes, inadvertidamente, a missões protestantes estrangeiras — que nos deram o paga da hospitalidade com que as acolhemos aliciando, os seus educandos

contra Portugal — o encargo de ensinar a língua, o que constituiu um erro grave, para o qual se chamou, repetidamente, a atenção, sem que os diferentes Governos que se sucederam no Poder ousas-

(Continua na página seguinte)



PRESIDENTE NASSER



VICE-PRESIDENTE SARRAJ

Pararam a circulação no cérebro para o operar

STANFORD (Califórnia), 28. — Dois cirurgiões da Escola de Medicina de Stanford conseguiram operar um tumor no cérebro de um doente de 54 anos, depois de interromperem, durante 10 minutos, a circulação do sangue no cérebro, que, previamente, fora colocado a 20 graus centígrados.

Decorrida uma semana sobre a operação o doente está bem.

O dr. Robin Michelson, que efectuou a operação, declarou que depois desta intervenção lhe parece que a circulação do sangue no cérebro pode ser interrompida durante 20 minutos, e provavelmente, até meia hora, sem inconvenientes para o doente. — (F. P.)

O Exército sírio revoltou-se para «restituir ao povo a sua liberdade» mas a revolta durou apenas algumas horas

Nasser opõe-se à dissolução da R. A. U.

LONDRES, 28. — Segundo notícias recebidas nesta cidade, as tropas sírias ter-se-iam revoltado e apoderado da Emissora de Damasco.

O presidente Nasser proferiu um discurso pela rádio declarando a sua intenção de manter a unidade da República Árabe Unida, que reúne o Egipto e a Síria. — (R.)

CAIRO, 28. — A Rádio do Cairo

repetiu o discurso de Nasser e as ordens deste ao I Exército (o da Síria) para reprimir o movimento do pequeno grupo de amotinados.

que se apoderara da Rádio de Damasco e do comando superior das Forças Armadas da Província do Norte. — (F. P.)

OBJECTIVOS DO GOLPE DE ESTADO

DAMASCO, 28. — Texto completo do comunicado que anuncia o

(Continua na 16.ª página)

Para evitar ataques as viaturas circularão em comboio e com escolta na estrada de Carmona ao Negage

LUANDA, 28. — Pelas estradas de que essas viaturas têm sido alvo que irradiam de Carmona deixaram, temporariamente, de circular viaturas isoladas, numa tentativa de pôr termo aos repetidos ataques

(Continua na 3.ª página)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

24

PAGINAS

nas quais se inclui

«VIDA LITERÁRIA»

VISADO PELA CENSURA



A FAMÍLIA KENNEDY NA O. N. U.

Foi grande o interesse do clan Kennedy pelo discurso que o presidente dos Estados Unidos proferiu nas Nações Unidas. Aqui vemos, na tribuna do público, a sr. Jacqueline Kennedy, acompanhada, à esquerda, pela sua amiga sr. de Charles Wrightsman, e, à direita, pelas três irmãs de John Kennedy. A última da fila, é a esposa do actor Reter Lawford. Atrás dela, a sr. Eleanor Roosevelt. Terminado o discurso, a esposa de Kennedy não esconde o seu orgulho, ao ouvir as felicitações que seu marido recebeu do exigente Andrei Gromiko, primeiro-ministro da U. R. S. S.



TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

ESFORÇO E HABILIDADE

O trabalhador português merece, sem dúvida, um destino feliz. Possui qualidades excepcionais, adapta-se facilmente a todos os mistérios e às mais severas condições de labor, como mostra, tantas vezes, quando se lhe proporciona, a oportunidade, na nossa terra, ou quando, levado por anseios mais amplos, procura no estrangeiro, exercer a sua actividade. O que é preciso é fornecer-lhe recursos e dar-lhe ocasiões! Foi o que ontem ficou mais uma vez provado, na visita que o Chefe do Estado fez a Alverca, onde pôde verificar o progresso considerável das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e onde quis, expressamente, marcar a sua admiração pelo trabalho feito, com justas palavras de elogio, pelas aptidões do operário português, «que sabe fazer tudo com perfeição». Alverca, que foi um dos pilares do progresso da nossa aviação, tem sido também uma escola de técnicos, e constitui o testemunho vivo da capacidade de realização do operário português, bem orientado e bem apreciado.

BANCARIOS

Num momento em que se debatem problemas de grande interesse para os empregados bancários e se levantam divergências entre o órgão que os representa e o que engloba os representantes da classe patronal, não deixa de ser significativa e digna de assinalar-se a reunião dos que trabalham no Bank of London and South America, Ltd., designado vulgarmente por Banco Inglês. A pretexto do 99.º aniversário da quele importante estabelecimento de crédito, reuniram-se, efectivamente, em alegre convívio, empregados e dirigentes, numa prova evidente de que nenhuma razão justificam a separação dos homens, em dois campos distintos, se houver compreensão pelos seus mutuos interesses e respeito pelas legítimas anseios dos que vivem conscientes do progresso material e social dos nossos dias.

HOSPITALIDADE

Terminou mais um dos congressos realizados nesta quadra do ano, no nosso País, que recebeu, no curto espaço de um mês, delegados estrangeiros das mais diversas nacionalidades, para reuniões dos temas mais dispares. O 8.º Congresso da Associação Internacional do Direito Penal, que reuniu juristas categorizados de tantas procedências, não fugiu à

CONTRASTE

Estava a pobre octogenária, desproporcionadamente, sentada à porta da sua humilde residência, quando a camioneta lhe roubou a vida. Maria do Filipe, a «Filipa», alheia aos benefícios da civilização, foi esmagada por um dos instrumentos do progresso mais vulgarizados. Acarinhada pelos seus conterrâneos, a pobre não foi assim poupada por um destino cruel.

PALACIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu em audiência o bispo de Macau. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos, os srs. ministro das Corporações e Previdência Social; governador militar de Lisboa; e drs. Pedro de Castro e Almeida e António Alberto Monteiro; coronel Manuel Domingues, tenente-coronel Manuel Martins dos Reis; Armando Vilar e Manuel Possolo.

HERANÇA SAGRADA

(Continuação da página anterior)

sem tomar as decisões aconselhadas.

Não se criaram em número suficiente, como era indispensável que se fizesse, missões laicas portuguesas, às quais competia esse encargo, nem se deu às missões católicas, cuja acção patriótica é por todos reconhecida, o estímulo e o auxílio necessários para prosseguirem a sua obra de cristianização — e de integração nacional. O resultado está à vista.

Que nos compete fazer agora? Seguir sem demora as directrizes apontadas no seu discurso pelo ministro do Ultramar e o exemplo do governador-geral de Moçambique, que tem feito da defesa e da expansão da língua portuguesa uma das maiores preocupações do seu governo. Para que, no meio das dúvidas e das incertezas do futuro, que nos cumpre encarar com inabalável confiança, fazendo um esforço de adaptação às realidades do presente, se salve, como herança sagrada a legar às gerações vindouras, esse instrumento precioso de cultura e esse sinal de presença que é a língua herdada dos nossos avós e conservada com tanto amor como sacrifício através dos séculos, a língua em que pensamos e se exprimem hoje no Mundo dezenas de milhões de almas que se irmanam no mesmo pensamento, com exclusão daqueles que — felizmente em número diminuto — a aprenderam no berço e se têm servido dela para renegar e insultar a própria mãe que lhes deu o ser.

Em certa altura do seu discurso, o prof. Adriano Moreira afirmou:

«As ameaças que nos cercam são demasiadamente graves para que se possa desculpar seja quem for que não esteja consciente da interdependência dos interesses que temos de salvaguardar. Por esta razão confiamos em que todos darão o melhor do seu esforço para encontrar um equilíbrio das actividades dentro do novo condicionalismo com a certeza de que o interesse geral estará sempre acima do interesse dos particulares. Por isso todos devem estar preparados, a todo o momento, para deitar fora os anéis que fazem sombra aos dedos».

Infelizmente, ainda há entre nós quem não o compreenda assim e teime em fazer um jogo perigoso, que não os poupará na hora das opções decisivas, se tivermos de enfrentar um dia o pior. E, nesse dia, os anéis já não servirão de nada, se tivermos a infelicidade de perder os dedos.

Bairro de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21 e 15: «Acorda-me depois da tormenta» (17 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15: «Querido assassino» e «Ritmos modernos» (17 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21 e 30: «Paraíso Proibido» (17 anos).
SINTRA — Cine-Teatro — A's 21 e 30: «Shane» (12 anos).
ERICEIRA — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Hércules e a Rainha» e «Suzana e eu» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Carmele — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 931303).
— Helénica — R. Elias Garcia, J. P. L. loja B (Tel. 930213).
QUELUZ — Zeller — Rua da Republica, 83 (Tel. 950045).
SINTRA — Simões — Estefania — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
BURACA — Vaz Martins — Rua António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).
DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, lote D.

A CIDADE

Pelos hospitais

CHOQUE DE VEÍCULOS — O pedreiro Fernando Oliveira Filipe, 31 anos, residente no lugar de Pires Coxo, Santa Iria de Azóia, e o agente de vendas Sabino Duarte Lisardo, de 63 anos, morador na Rua Chaby Pinheiro, 6-1., seguiram hoje de manhã numa carrinha da fábrica de vidros Covina, a qual foi embater num automóvel que passava no Alto da Boa Viagem, próximo do Estádio Nacional. Do choque resultou terem ambos ficado feridos, pelo que receberam tratamento no Hospital de S. José, onde ficaram internados.

O motorista da carrinha sofreu também ligeiros ferimentos.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um estojo com um alfinete de peito, um par de brincos, um anel e um alfinete de gravata, achado num banco; uma nota do Banco de Portugal; um porta-moedas com selos e determinada quantia; um cão de luxo; um cartão da Obra Social do Exército, pertencente a António Ramalho Rubio; um pneu de auto pesado; um porta-moedas para senhora; um título de Isenção Militar em nome de Silvério Fernandes Matias; um bilhete de identidade em nome de Maria Antónia de Carvalho Gomes da Cruz; um recibo de renda de uma casa em nome de Fernando Rodrigues Brígido; um embrulho com diversas peças de vestuário; uma agenda com fotografias e selos fiscais; um requerimento em papel selado de António Pereira de Sá; um bloco com senhas da Companhia das Águas Medicais; duas barbatanas próprias para praia; um tubo metálico; um tampão para depósito de gasolina; um manipulo de uma porta de automóvel; dois limpapára-brisas; um aro de roda de automóvel; três tampões de roda de automóvel; diversas argolas com chaves; e chaves desirmanadas.

JOAN WOODWARD deu à luz

uma menina
HOLLYWOOD, 28. — A artista de cinema Joan Woodward, mulher do actor Paul Newman, deu à luz, ontem à noite, uma menina com o peso de 4 quilos e 200, no «Hospital» Cedros do Libanó.
E' a segunda filha do casal. A primeira chama-se Nell e tem dois anos. — (A. N. I.).

Vida social

DR. MANUEL GONÇALVES

FUNCHAL, 28. — Chegou ontem a esta cidade o dr. Manuel Henriques Gonçalves, chefe do gabinete do ministro das Comunicações, que se desloca ao arquipélago em missão de serviço.

O dr. Manuel Gonçalves chegou de avião ao aeródromo do Porto Santo, cujas instalações percorreu, seguindo depois para o Funchal onde ficará alguns dias. — (A. N. I.).

CASAMENTO

Realizou-se na igreja de N. S. de Fátima o casamento da sr. D. Maria Manuela Ponces de Carvalho e Amaral filha da sr. D. Maria da Conceição Ponces de Carvalho e Amaral e do sr. dr. Eurico José de Loureiro e Amaral com o sr. dr. João Nuno de Mello Ayres de Abreu filho da sr. D. Ana Clara de Araújo das Neves e Mello Ayres de Abreu e do sr. brigadeiro Francisco Ayres de Abreu. Foram padrinhos os pais dos noivos. No final foi servido, no Castelo de S. Jorge, um fino copo-d'água.

DR. SALAZAR LEITE

De avião, seguiu para Istambul o prof. dr. Salazar Leite, que ali vai tomar parte numa conferência da Organização Mundial de Saúde.

CASCAIS-ESTORIL CURSOS DE FRANCÊS

A Alliance Française tem o prazer de comunicar que atendendo a numerosos pedidos, vai abrir um centro de ensino de francês em Cascais, na Avenida Marginal, Lote 12-1.º, Esq.º (em frente ao cinema S. José e perto da Estação de Caminho de Ferro).

As inscrições abrirão a 9 de Outubro próximo e as aulas a 16.

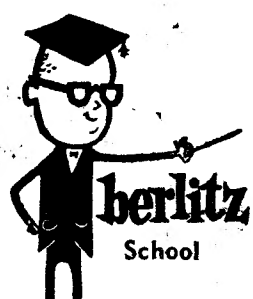
RÁDIO INDUSTRIAS, LDA.

COMUNICA

aos seus estimados clientes e amigos que a partir do dia 1 de Outubro, os seus telefones passam a ser:

555693 — 555564 — 555897

Instituto de Línguas de renome mundial



INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO

Lições das 9 às 23 horas sem interrupção
Cursos especiais para crianças
RUA SOCIEDADE FARMACÉUTICA, 30, 1.º
Telefone 54530

CASINO

APRESENTA

LECUONA CUBAN BOYS

consagração de uma das mais notáveis orquestras que tem vindo a Portugal, na sua fulgurante carreira de triunfos, com as vedetas

RAUL MARTELL
BERTA ROSEN

E

KETTA DEL ROY
A emotiva intérprete do fado
MARIA JOSÉ DA GUIA
e em reaparição extraordinária, devido ao invulgar êxito alcançado, os bailarinos de classe excepcional

LEON GRIEG
E
JUNE HAZEL
em momentos de rara beleza plástica
(MAIORES DE 17 ANOS)

ESTORIL

STUDIO 4

**Jantar de homenagem
a um chefe da Polícia**

No restaurante Floresta, ao Ginjal efectua-se hoje um jantar de homenagem ao chefe da P. S. P. de Almada, José Domingos Lopes, que recentemente se aposentou. Estão inscritas mais de 200 pessoas.

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — A's 21 e 15: «A imperatriz guerreira» (17 anos). — *Academia* — A's 21 e 30: «O favorito dos Bórgias» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — A's 21 e 15: «Pedro, o pescador» (12 anos).

PINHAL NOVO — *Soc. Filarmónica* — A's 21 e 30: «Perdida pelo Mundo» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 034100).

ALMADA — *Castro Rodrigues* — R. Capitão e Lito (Tel. 070076).

BARREIRO — *Avenida* — Av. da Bélgica, 88 (Tel. 023212).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 070254).

MOITA — *Silva Rocha* — P. da República (Tel. 039029).

MONTIJO — *Higiene* — R. José Joaquim Marques.

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candeio dos Reis, 67 (Tel. 029028).

SETUBAL — *Marques* — R. Aronches Junqueiro, 111 (Tel. 22972).

**O regime algodoeiro
em Angola
e Moçambique**

O subsecretário de Estado de Administração Ultramarina marcou para hoje a posse da comissão que nomeou, em cumprimento de um despacho que exarou recentemente, para proceder ao estudo e revisão do regime das zonas algodoeiras estabelecido para o Ultramar.

Dessa comissão, que será presidida pelo sr. dr. Vicente Loff, inspector superior do Ultramar, fazem ainda parte dois concessionários, que são o sr. dr. João Ferreira dos Santos e um representante da firma Lagos & Irmão, bem como de delegados das províncias de Angola e Moçambique, que serão, respectivamente, os srs. eng.º Dias Santos e Melo Furtado.

**O ministro do Ultramar
chegou à cidade da Beira
onde foi muito aclamado**

BEIRA, 28 — Recebido entusiasticamente pelo povo da Beira, chegou a esta cidade o ministro do Ultramar, que inicia aqui a sua visita ao Norte da Província, onde permanecerá doze dias.

O avião ministerial aterrou no aeroporto da Manga, às 11 horas da manhã. Logo que o prof. Adriano Moreira, acompanhado pelo governador-geral, apareceu à porta do avião, milhares de pessoas que haviam acorrido ao aeroporto aclamaram entusiasticamente o representante do Governo Central e o chefe da Província.

Junto da escada de acesso ao avião, encontravam-se o governador do distrito de Manica e Sofala, comandante Lopes Graça, e outras entidades oficiais, bem como o bispo, D. Sebastião Soares de Resende.

O ministro, depois de receber os cumprimentos do governador, foi apresentado às restantes entidades. Forças do Regimento de Infantaria da Beira prestaram a guarda de honra ao prof. Adriano Moreira e desfilaram depois perante este membro do Governo.

Seguiu-se a cerimónia da entrega solene das chaves da cidade pelo presidente do Município, comandante Soares. Perdigão, que apresentou ao ministro do Ultramar todos os vereadores do Município.

O povo da cidade e arredores, que ocorreu em grande numero ao aeroporto, continuou a aclamar com entusiasmo o ministro e o almirante Sarmiento Rodrigues, enquanto estes se dirigiam para a adegare, onde se encontravam as restantes entidades oficiais e outras entidades, entre as quais, todos os membros do corpo consular. O ministro apertou a mão a todos e dirigiu-se em seguida para a saída do aeroporto, onde o povo voltou a entusiástica ovação.

Organizou-se depois um cortejo automóvel que se dirigiu para a cidade. Ao longo do percurso, alas de povo, numa perfeita comunhão de raças e empunhando bandeiras nacionais, saudando efusivamente o ministro Adriano Moreira que, com a sua natural simpatia, que conquistou já Moçambique, respondeu às saudações que lhe eram constantemente dirigidas bem como

ao governador Sarmiento Rodrigues, considerado justamente, «um governador muito popular entre nós». O cortejo dirigiu-se para o edifício da Câmara Municipal, onde se efectuou uma sessão solene de boas-vindas.

Junto dos Paços do Concelho, a multidão que ali se havia juntado em grande numero voltou a tributar ao representante do Governo entusiástica ovação.

O salão nobre do Município encontrava-se vistosamente engalanado, vendo-se ali todos os estandartes das colectividades beirenses. Quando o prof. Adriano Moreira ali deu entrada, seguido do sr. almirante Sarmiento Rodrigues e do comandante Lopes Graça, a assistência, que enchia por completo aquela vasta sala, saudou, de pé, o ministro, ouvindo-se vivas a Portugal, a Moçambique, a Adriano Moreira e ao governador-geral.

O prof. Adriano Moreira tomou a presidência, ladeado pelos governadores-geral e do distrito e presidente da Câmara Municipal, que usou da palavra para saudar o ministro.

O discurso do ministro

Ao agradecer o sr. prof. dr. Adriano Moreira saudou os homens bons da Beira, representantes dessa geração de esforçados colonos que conquistou aos pantanos o terreno onde assenta a urbe, demonstrando, assim, «como são aleivosas as acusações de colonialismo de que hoje somos objecto tão frequentemente».

Anunciou, depois, que se vai proceder à reforma administrativa ultramarina, cujos trabalhos foram já iniciados. Referiu-se, ainda, à criação de um Instituto de Trabalho e Acção Social, para fiscalização do cumprimento sobre as novas normas do trabalho, e acrescentou que se entendeu oportuno instituir o ensino superior nas províncias de Angola e Moçambique, começando por instalar os estudos gerais.

A concluir sublinhou que «a experiência vivida desde Bandung demonstra que o racismo contra o branco abriu caminho até dominar o próprio plenário da O. N. U.; tudo pois nos aconselha a persistir na defesa da nossa concepção de vida, que simultaneamente protege brancos e pretos do vendaval de ódio que domina a vida internacional. — (L.).

REVOLUÇÃO

**na INDUSTRIA
de tecelagem:
um «pull-over»
feito em casa
em 10 minutos**

LONDRES, 28. — Principiou a fabricação, em série, na África do Sul, de uma nova máquina de tricotar, inventada pelo engenheiro B. J. Van As, que além de pesar simplesmente um quilograma e de ser capaz de confeccionar um «pull-over» em 10 minutos, não deve importar em mais de 147 escudos. As numerosas encomendas já recebidas do estrangeiro pelos fabricantes, fazem prever uma produção anual de um milhão de unidades para os mercados externos. — (F. P.).

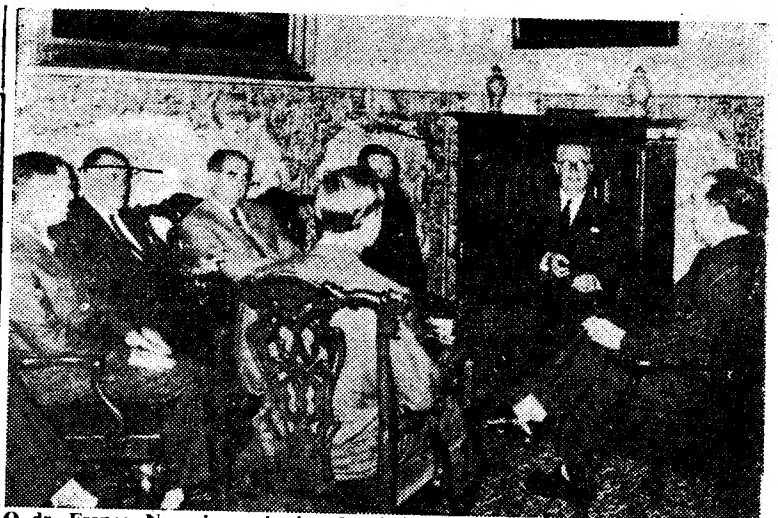
**PERFUMARIA
CEZAL**

FUNDADA EM 1910
PRODUTOS DR. PAVOT
E STIKS LANDER

Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial: sabonetes Franceses e Ingleses: Camy, Pinaud, Palmolive, etc.

A célebre pasta dentífrica Colgate a 13\$80 cada. Preços especiais para revenda. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs, de fabrico de origem, etc.

RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14
TELEFONE 26498 L. I S B O A



O dr. Franco Nogueira, primeiro da direita, recebe os parlamentares britânicos que há dias se encontram no nosso País

**Ida para a escola
ao volante do automóvel
emprestado pelo pai
mas tinha apenas seis anos**

SUDBURY (Ontário), 28. — Terry Appleby arrumou impecavelmente o seu automóvel perto de uma escola infantil, mas foi detido por um polícia. A causa da detenção: Terry, que é aluno da referida escola, tem apenas seis anos.

Convocado pela Polícia, o pai do prodigioso volante, explicou, muito orgulhoso, que emprestava o carro ao filho para ir às aulas visto que Terry guiava muito bem. O papá do prodígio está sujeito a pagar uma multa e Terry terá que esperar pelos 16 anos para obter uma carta de condução que lhe permita ir para as aulas ao volante de um automóvel. — (F. P.).

FOI ISOLADO

o estrôncio 90

OTAWA, 28. — Um cientista do Ministério da Agricultura do Canadá, dr. Migicovsky, conseguiu, em laboratório, isolar o estrôncio 90, que aparece no leite e em outros produtos alimentares contaminados pela radioactividade.

O ministro da Saude informou o Parlamento que esta descoberta abria vastas perspectivas de aplicação prática, acrescentando que as experiências tendentes a eliminar o estrôncio 90 do corpo humano tinham até agora dado poucos resultados. — (F. P.).

**A «Medalha de Colombo»
para Gagarine**

GÉNOVA, 28. — A «Medalha de Colombo» foi atribuída, ontem, a Yuri Gagarine pela municipalidade de Génova. Esta medalha destina-se a homenagear as pessoas, de qualquer nacionalidade, que pelo seu saber, coragem e experiências fizeram progredir a Ciência. — (F. P.).

A situação em Angola

(Continuação da 1.ª página)

Na estrada de Carmona ao Negage, haverá diariamente quatro viagens sob escolta, em que deverão encorporar-se camiões de carga e outros veículos.

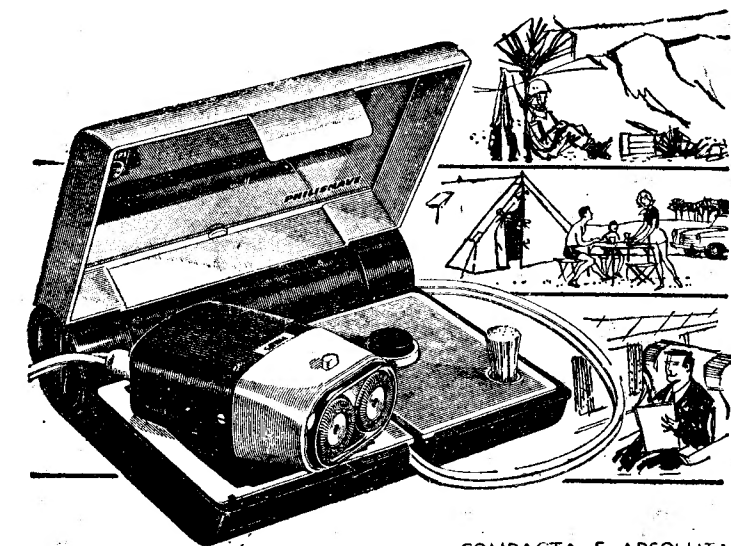
Espera-se, com esta decisão, levar os terroristas — que actuam em pequenos bandos, restos de bandos maiores, que foram há muito castigados e dispersos — a desistirem dos seus ataques.

**UMA BAIXA NO CORPO
DE VOLUNTARIOS**

Dois membros do Corpo de Voluntários recolheram ontem ao hospital de Carmona, feridos durante um encontro com os terroristas na estrada entre o Bengo e a Mucaba.

Outro voluntário, Helder Manuel da Silva e Sousa, morreu noutro encontro, este na região da serra de Massarelos. — (A. N. I.).

Onde estiver e quando quiser!



**Pode barbear-se
perfeitamente
com**

**a
PHILISHAVE**

para pilhas secas.

Também com a famosa

acção rotativa

que celebrizou

a PHILISHAVE

COMPACTA E ABSOLUTAMENTE AUTÓNOMA, É FORNECIDA COM UM ESTOJO QUE CONTÉM TODOS OS ACESSÓRIOS, INCLUINDO O ESPELHO. FUNCIONA COM 2 PILHAS DE 1,5 V, QUE PERMITEM FAZER A BARBA DIARIAMENTE DURANTE UM MÊS

PREÇO

495\$00



Instituto Alemão

LISBOA — Avenida da Liberdade, 222-2.º — Telefone 73 03 05

CURSOS DE LÍNGUA ALEMÃ

Para principiantes e adiantados e cursos superiores. Cursos especiais para médicos e correspondentes. Cursos de literatura, de aperfeiçoamento e círculos de conversação.

Os cursos realizam-se de manhã, à tarde e à noite.

Abertura das aulas no dia 12 de Outubro. As inscrições estão abertas, na Secretaria do Instituto, Avenida da Liberdade, 222, 2.º, das 11 às 13 e das 16 às 19 horas, todos os dias úteis, excepto aos Sábados.



Nacional Rádio, Ld.ª, de Lisboa e Soc. de Rep. Santos Guimarães & Oliveira, S. A. R. L. do Porto, representantes exclusivos em Portugal das Fábricas «GRUNDIG VERKAUFS G. M. B. H. de FURTH/BAYERN, Alemanha Ocidental, tem o prazer de informar que o concurso relativo ao mês de Agosto será transmitido hoje cerca das 22.30 horas, pela Rádio Televisão Portuguesa.

PROGRAMA COM A COLABORAÇÃO DE
CARLOS SILVA apresentando
HORÁCIO REINALDO
e o conjunto de **JAIME JOÃO**

TEATROS E CINEMAS

«A. E. I. O. U.», NO TRINDADE

Autor — Alexandre Rosado.
Interpretes — António João Ferreira, Arlete Maria Rodrigues, Maria Isabel da Encarnação Rosa, José Manuel Guerreiro da Costa, Silvério Serra, Josué da Conceição Matos, Vítor Manuel Pinto dos Santos, Maria Eugénia Romero Zambujo, Alberto Luis da Fonseca Moleiro, José Martins Lopes, Delfina de Matos Marçalo, José Joaquim Penelrol, António Luís Pascoal, Adermal Augusta da Costa Salgueiro, Manuel Luís Batalha, etc.

Desempenhada pelo grupo dramático do «Lusitano Ginásio Clube», de Évora.

• A mãe do Fernando queria que o filho fosse para a escola, que ele aprendesse a ler «— é uma tristeza que me entra na alma lembrar-me que o meu Fernando fica sem saber ler!».

Mas o pai de Fernando mandou-o para ajuda de ovelhas, já para fazer a vontade ao patrão «— quem é pobre tem que andar a jeito de quem

lhe dá o pão a ganhar» — já para alívio da sua vida difícil de trabalhador de campo «— sempre é uma boca a menos á mesa e o que ganhase sempre ia chegando para lhe comprar uns sapatos, umas calças...».

Uma tarde, o Fernando veio a casa para mudar de roupa e encontrou-se com o Joaquim Maria, rapazote da mesma idade — 10 anos — também filho de um trabalhador do campo, e que andava á escola e já sabia ler muito bem. O Joaquim Maria aponta e ensina.

Dai em diante, o ajuda de ovelhas, nas horas lentas da solidão dos campos, atrás do rebanho, vai rezando: «a. e. i. o. u...» e ele, subido a umas pedras, fascinado, «quer apanhá-las com as mãos, quer agarrá-las».

Os divertimentos não roubam

(Continua na 6.ª página)

AMANHÃ CAPITÓLIO

REABERTURA DO

COMO CINEMA DE ESTREIAS

UM FILME ESPECTACULAR DE AUDÁCIA, AVENTURA E EMOÇÃO
O PRIMEIRO GRANDE ÉXITO DA LISTA METRO-GOLDWYN-MAYER
PARA A NOVA ÉPOCA!



O SEGREDO DE MONTE CRISTO

COM

**RORY CALHOUN
GIANNA MARIA CANALE**

(M/ DE 12 ANOS)

UM EXTRAORDINÁRIO
FILME PARA AS GRAN-
DES MULTIDÕES
AMANTES DOS GRAN-
DES ESPECTACULOS!

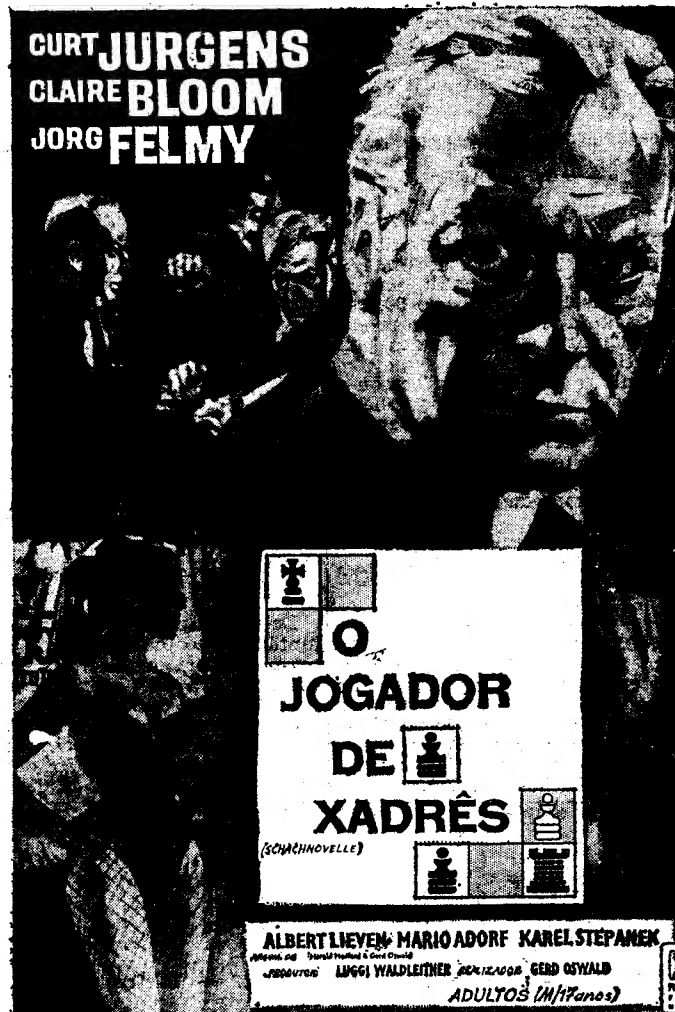
**AMOR!
TRAÍÇÃO!
AVENTURA!
«SUSPENSE»!**

EM
DIALISCOPE
EASTMANCOLOR

SÃO JORGE
TELEF. (B. 54154)
(P. 54153)

APRESENTA HOJE EM ESTREIA
UM FILME EXTRAORDINÁRIO
EXTRAÍDO DA FAMOSA OBRA DE
STEFAN ZWEIG

**GURT JURGENS
CLAIRE BLOOM
JORG FELMY**



O JOGADOR DE XADRÊS
(ROMANOVIC)

ALBERT LIEVEN MARIO ADORF KAREL STEPANEK
ADULTOS (M/ 17 anos)

UM CONFLITO EMOCIONANTÍSSIMO QUE PÔE À
PROVA OS NERVOS DE QUALQUER PESSOA POR
MAIS HABITUADA QUE ESTEJA ÀS MAIS FORTES
EMOÇÕES

FEIRA POPULAR DE LISBOA

(A ENTRECAMPOS)

**Só mais três dias do maior
espectáculo da capital**

TODAS AS ATRAÇÕES EM MOVIMENTO

EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO EM MAJESTOSOS
PAVILHÕES ONDE HÁ MUITO QUE VER E APRENDER

«STANDS» DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, ATRAÇÕES IN-
FANTIS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, CINEMA, ETC.

ENTRADA: QUINZE TOSTÕES

TRANSPORTES FÁCEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS «ELEC-
TRICOS», AUTOCARROS E COMBOIOS

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Amanhã - Noite Socomir e Sonipol
COM UM VALIOSO SORTEIO DE UMA MÁQUINA DE FILMAR
CANON - CINE 8 T



RONALD REGAN - RUTH HUSSEY - CHARLES COBURN

NUMA COMÉDIA QUE É UM DESFILAR CON-
STANTE DE CENAS BURLESCAS!

HOJE
Às 21.45

AVIS

(M/ 12 anos).
DOPERFILME

A HISTÓRIA PICARESCA DE UMA AVÓ QUE QUER
DESMENTIR O TEMPO... ENQUANTO DOIS CAVA-
LHEIROS DISPUTAM O SEU CORAÇÃO MADURO!...

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

DELICIE-SE COM A COZINHA TÍPICA
E OUÇA OS MELHORES ARTISTAS DO FADO
da Nau Catrineta Tr. de S. Miguel ALFAMA Ar condicionado

FOI UM NOVO E ÊXITO!

A ESTREIA
ONTEM
NO

A's 21.45 h. P. M/ 12 anos

VARIEDADES
Emp. F. Ribeiro e H. Santana
TELEF. 28037
PELA ALEGRIA E MAGNIFICA
COMPANHIA BRASILEIRA DE COMEDIA
ANDRÉ VILLON — CILLO COSTA
da irresistível e típica comédia brasileira
«ESPANTA GATO»
Um primor de interpretação
A Companhia viaja nos serviços da «PANAIR-T.A.P.» (Voo de Amizade)

com ELZA GOMES, VAN-DA LACERDA, FRANCISCO DANTAS, MARILIA PERA, ALTAMIRO MARTINS, DOMICIO COSTA e GRAÇA MELO, FILHO

COLISEU

Emp. Ricardo Covões (Herd.)
Telef. 31997



Amanhã às 21.30
GRANDE COMPANHIA
Parada de atrações
Palhaços
Um mundo de alegria
Novidades—Fenômenos
BILHETES A VENDA

LISBOA EM FESTA!
Inauguração
DA
Temporada
DE
CIRCO
O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO



As 5.ª Feiras, Sábados, Domingos e Feriados, Tardes, às 16 h., com entrada gratuita a todas as crianças M/ 6 anos devidamente acompanhadas

CAMPO PEQUENO

AVISO

Devido ao mau tempo a corrida anunciada para hoje foi transferida para o próximo dia 5 de Outubro (feriado oficial), às 15.30 horas, sendo válidos os bilhetes com a data de 28 de Setembro.

A homenagem

a Paulo José, no Teatro ABC

Continuam a receber-se adesões de artistas para a festa de homenagem ao bailarino Paulo José, marcada para depois de amanhã, às 16 horas, no Teatro ABC.

Como já referimos, além de um acto da revista «O trunfo é espadas», gentilmente cedido pelo empresário José Miguel, actuarão na simpática festa de homenagem aquele artista muitas vedetas do teatro, rádio e televisão. Entre as últimas adesões espontâneas recebidas contam-se Amália Rodrigues, Irene Isidro, Helena Tavares, Maria Adelina, Mimi Gaspar, Tomé de Barros Queirós, Humberto Madeira, Raul Solnado, Carlos Coelho, Domingos Marques, José António, Simone de Oliveira, Rui Mascarenhas, Patrícia, Salvador e Artur Agostinho.

A venda de bilhetes para este espectáculo unico continua na bilheteira do ABC.



Aos sábados: 2 SESSÕES
As 20.45 e 23 h.—Aos Domingos: A Tarde, às 16 h.
A Noite, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS—M/ 17 anos)

ESTA SEMANA Estreia

A's 21.45 h.

TEATRO Tel. 27273 AVENIDA

VASCO MORGADO apresenta
A SENSACIONAL REAPARIÇÃO DO POPULAR ACTOR
EUGÉNIO SALVADOR
NO TEATRO DECLAMADO, AO LADO DE
IRENE ISIDRO
NUMA DIVERTIDÍSSIMA COMÉDIA DE JORGE LLOPIS
Tradução e adaptação de Sérgio Guimarães

O DIABO É UM ANJINHO

No elenco: SUSANA PRADO — CARMEN MENDES — BAPTISTA FERNANDES — BEATRIZ DE ALMEIDA — ALBERTO GHIRA — JOAQUIM MIRANDA — RUI LUIS
Encenação e dir. artística de SALVADOR — Cenas de PINTO DE CAMPOS

PARA
INAUGURAÇÃO
DA NOVA EPOCA
1961/62



ATENÇÃO

Em virtude da grande procura de bilhetes, as marcações só se repetem até às 20 horas de HOJE

HOJE 21.30 NO POLITEAMA

SENSACIONAL ACONTECIMENTO DE ESTREIA

NUNCA SE VIU UM FILME TÃO CORAJOSO!



APAIXONANTE



REALISTA



UMA OBRA QUE REPRESENTA A MAIOR AUDACIA DO CINEMA EM REVELAR O DRAMA DE UMA JOVEM QUE REPUDIOU SER ESCRAVA DO PECADO...

NÃO QUIS VENDER OS SEUS BEIJOS MAS SOUBE SER MUITO MULHER SEM ATRAIÇOAR A PUREZA DO SEU CORAÇÃO!



EXCLUSIVO DA
ASTÓRIA FILMES

AVOZ DO DESEJO

VERSÃO INTEGRAL
DO
DISCUTIDO
ROMANCE
DE

TENNESSEE WILLIAMS

PRODUÇÃO



A OBRA-PRIMA DE
ELIA KAZAN
COM
CAROL BAKER
KARL MALDEN
ELI WALLACE

(M/ DE 17 ANOS)

No Monumental

Laura Alves, num grande êxito de gargalhada

As enchentes continuam no Teatro Monumental, onde o publico ri a bandeiras despregadas todas as noites, com a divertida e maliciosa comédia francesa de Barillet & Grédy «Criada para todo serviço», no desempenho notável de Laura Alves, na figura de uma criada que tudo consegue na vida, pois que até adivinha as coisas que vão acontecer. A seu lado aparece Assis Pacheco, o «patrão», Maria Paula, a «esposa», Maria Dulce «uma rapariga moderna», e Artur Semedo, o «filho» trompetista, rapaz moderno. «Criada para todo serviço» representa-se todas as noites, às 21 e 45.



RESTAURANTE TÍPICO

MARCIA CONDESSA

Praça da Alegria, 38 — Tel. 367093

Ao comemorar hoje o seu aniversário natalício, a proprietária deste restaurante convida todos os seus amigos e clientes a assistirem à abertura da época de Inverno.

JANTAR ESPECIAL
FADOS — VARIEDADES

Não deixe de marcar a sua mesa

Para maiores de 17 anos

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

um só momento às suas horas de estudo. Até, para não perder uma edição, ele não vai ver passar os corredores da volta — «primeiro está a lição».

Um dia, alguém ofereceu-se para lhe arranjar um emprego — modesto, é claro, — em Lisboa, logo que faça o exame da quarta classe. Mas o Fernando agradece e não aceita — «eu deixar a vida do campo para ir para Lisboa? Era o mesmo que me meterem dentro duma prisão... faz algum mal que um trabalhador tenha a quarta classe?... nasci a trabalhar no campo, quero morrer a trabalhar no campo».

Assim, o Fernando quer honrar mais, dignificar mais, a sua profissão de trabalhador do campo com a luz que dimana das letras da sua quarta classe.

E assim era o tema, ontem desenvolvido na peça do sr. Rosado. Sem dúvida, de grande interesse e utilidade nos tempos que vão correndo.

«ESPANTA GATO», NO VARIEDADES



Quatro figuras da peça vistas por Fernando Bento

A Companhia Brasileira de Comédias estreou ontem «Espanta Gato», de Luis Maranhão, Filho, o seu grande original apresentado nesta sua temporada de Lisboa. Digamos, desde já, que a estreia

da companhia, não tendo sido auspiciosa, podia cair na repetição o que, a verificar-se, lhe criaria uma situação difícil já que, companhia deslocada propositalmente do Brasil a Portugal para aqui dar espetáculos, iria cair no sempre temível descalabro financeiro. No entanto, em relação ao espectáculo anterior, podemos afirmar que a actuação da companhia subiu de nível. Contudo, parece-nos que o problema das peças continua a ficar de pé, embora não seja agora difícil arranjar explicação para tal. «Espanta Gato», comédia regional brasileira desdobrada ao longo de 3 actos, é uma peça desigual. Tem momentos felicíssimos mas abundam nela os tempos mortos que cortam ao desenvolvimento da acção o interesse ideal. O seu 1.º acto é fraco, embora compensado pelos 2.º e 3.º.

A sua temática tem um interesse relativo, mesmo quando, como na cena final do ultimo acto, o autor parece querer mostrar-nos que a peça não é um puro «divertissement», feito com motivos de província. O publico, sempre receptivo, viu frequentes vezes, particularmente com as intervenções desse grande actor que é André Villon. Ele foi, mais uma vez, o eixo sobre o qual girou todo o espectáculo. O seu pároco de província é um primo de intenção. Está de tal modo bem composto que muitas vezes tudo se anula à sua volta pela força da sua actuação. Francisco Dantas não teve, na primeira peça, grandes possibilidades de mostrar a sua capacidade de actor. Cilo Costa, continuou a não nos convencer. Elza Gomes teve um pequeno papel de importância secundária e intermitente. Marília Pera e Graça Melo, Filho, fizeram o jovem par de namorados e, estamos certos, ao coração da plateia teria sido muito sensível a actuação dos dois jovens, particularmente nas cenas com André Villon. Especialmente Graça Melo, Filho, que ainda não víamos representar, não nos desiludiu. Os restantes intérpretes integraram-se facilmente no conjunto. O espaço onde se desenrola a peça é aceitável, integrando-se no estilo geral da obra. O publico aceitou bem a peça e viu frequentes vezes. — L. d'O. N.

um ritmo deveras interessante, em que Salvador como encenador e director artístico pôs toda a sua dedicação.

A interpretação desta comédia tem, como primeira figura, a notável artista Irene Isidro, ao lado de Susana Prado, com Carmen Mendes, Baptista Fernandes, Beatriz de Almeida, Alberto Ghira, Joaquim Miranda e Rui Luís.

As cenas de «O diabo é um anjinho» foram executadas por Pinto de Campos, artista plástico, a quem se deve parte dos grandes êxitos do teatro português. A empresa chama a atenção do publico habitual das «primeiras», que tem de levantar os bilhetes até às 20 horas de hoje, atendendo a que há grande procura de bilhetes, para a estreia.

Primeiras exhibições

«O sangue e a rosa», no Império

Para fecho da sua temporada de Verão, o Império apresentou-nos ontem um filme sedutor. Baseado numa velha lenda segunda a qual uma jovem, vítima de taras congénitas, tem uma necessidade imperiosa de sugar sangue humano — vampirismo — o filme consegue aliar em si, servidos por excelentes imagens, o mistério e o amor.

Desenrolando-se num velho castelo romano, o filme torna-se, por isso, ainda mais atraente.

Produção franco-italiana dirigida por Roger Vadim, é interpretada pela bela Annette Vadim, segunda esposa do realizador, Elsa Martinelli, Alberto Bonucci e Gaby Fari-non, com musica de Prochmides que contribuiu poderosamente para acentuar o clima da obra.

Filme sem dúvida muito recomendável para todas as pessoas que gostam de temas fortes, impressionantes e misteriosos. «O sangue e a rosa» tem grandes motivos de interesse.

Bons complementos entre eles o documentário «Visor» e «Actualidades francesas». — Visor 13.

POLITEAMA

Integrado no ciclo «Os grandes romances de amor», o cinema Politeama exhibe hoje, às 18 e 15, em sessão para adultos, a discutida obra de Rossellini, «Viagem em Itália», com Ingrid Bergman, George Sanders e Maria Mauban nos principais papéis. É a apaixonante história de dois seres que se amavam loucamente e que só o descobriram através da separação. Em imagens de surpreendente beleza, «Viagem em Itália» descobre os mais típicos recantos da histórica cidade de Nápoles, a ilha de Capri, as ruínas de Pompeia, o templo de Apolo e o Museu de Escultura, um dos mais belos do Mundo.

Romance sedutor, cheio de imprevisto e rico de excitações, «Viagem em Itália», que se exhibe agora pela ultima vez em Lisboa, resulta num espectáculo maravilhoso, suave e terno — um espectáculo para atrair as atenções do melhor publico da capital.

Festival

do fado na Ericeira

Realizou-se ontem, na Ericeira, no Restaurante Adega da Foz, um festival de fado a favor dos pobres protegidos pela Santa Casa da Misericórdia daquela vila, no qual gentilmente colaborou Amália Rodrigues que obteve mais um extraordinário êxito junto do publico que enchia sala. Amália interpretou vários numeros do seu vasto repertório perante o entusiasmo da assistência que pôde assim homenagear mais uma vez a grande artista.

Igualmente prestaram graciosamente a sua colaboração a este festival outros prestigiosos artistas: Carlos Ramos, sempre castiço, que ouviu calorosos aplausos; o jovem Vicente da Camara que foi inextinguível nas suas interpretações e Fernando Alvim.

Raul Solnado, um artista da cena portuguesa, sempre pronto a colaborar nas causas generosas, actuou de forma a despertar no publico o maior agrado, o que também se verificou com a estreia na Ericeira do guitarrista amador Carlos Paredes que, segue assim a carreira brilhante de seu pai, Artur Paredes.

3.ª SEMANA

no teatro MONUMENTAL

VASCO MORGADO apresenta

LAURA ALVES

numa DIVERTIDÍSSIMA COMÉDIA FRANCESA

ao lado de

ASSIS MARIA MARIA ARTUR
PAULA DULCE SEMEDO

uma peça para RIR... mas RIR muito

S A B A D O — TARDE POPULAR, às 16 h., preços red.
A' noite, 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
DOMINGO, á tarde, às 16 h. A' noite, sessão única, às 21.45 h.

(12 anos)

Eni ensaios para espectáculos á tarde, a peça de Vasco Mendonça Alves «MEU AMOR É TRAIÇOEIRO»

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — A VOZ DO DESEJO — POLITEAMA
DE HOJE — O JOGADOR DE XADRES — SÃO JORGE

A's 15.15 e 18.15
(Pr. red.)
e 21.30

Um filme de «sus-pense» inesquecível!

ESPIÕES EM ACÇÃO

Mais do que um filme de acção... é um verdadeiro espectáculo!

Com Juliette Mayniel e Bernard Blier

Hoje às 21.30
(M. 17 anos)

ESTREIA

a sensacional real-ização de Elia Kazan

A VOZ DO DESEJO

com Carrol Baker e Karl Malden

A corajosa história de uma jovem que repudiou ser escrava do pecado.

A's 18.15 — Ingrid Bergman em VIAGEM EM ITALIA.

A's 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)

A maior e mais es-petacular obra que

o cinema realizou com o melhor elenco até hoje reunido

SPARTACUS

com Kirk Douglas — Charles Laughton — Peter Ustinov — Laurence Olivier — Jean Simmons — John Gavin — Tony Curtis

A's 21.45
(M. 12 anos)

Ronald Regan
Ruth Hussey
Charles Cohn

são os protagonistas de uma comédia cheia de espirito

LOUISA

Uma avó enamorada... e uma família em alvoroço

A's 21.15
(M. 12 anos)

O ESCUDO NEGRO

com Tony Curtis e Janet Leigh

A's 21.30
(M. 17 anos)

KATIA

(O grande amor do Czar)

com Romy Schneider e Curd Jurgens

A's 3 e 6.15 da tar-de (p. red.) e 9.30 da noite

A famosa e espec-tacular obra - prima de Gershwin, reali-zada por Otto Preminger

PORCY E BESS

com Sidney Pottier e Dorothy Dandridge

(M. 12 anos)

A's 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 17 anos)

3.ª SEMANA

Um espectáculo de alta fantasia artística

O MUNDO DE NOITE

Technicolor — Technirama

A's 15.15 e 18.15
(p. red.) e 21.30
(M. 17 anos)

Brigitte Bardot

Adorável Maliciosa Picante em

UMA PARISIENSE

com Charles Boyer — Henri Vidal

AR CONDICIONADO — Technicolor

A's 15.45 (p. red.) e 21.45

Um filme empol-gante

A's 15 h. e 21 h.
(M. 17 anos)

PROFISSÃO PERIGOSA

NASCIMENTO DE UM IMPERIO

A's 21 horas
(M. 17 anos)

O COMBOIO APITOU 3 VEZES

TOMMY E A PRINCESA

A's 21
(M. 12 anos)

OS BRAVOS NÃO VOLTAM COSTAS

TRÊS ESTAROLAS E UM FO-GUETÃO

A's 15.15 e 21.30
(Adultos)

Annette Vadim e Elsa Martinelli

no filme de Roger Vadim

O SANGUE E A ROSA

Technirama e Technicolor

A's 21.30
(M. 17 anos)

ESTREIA

PLATEIA 54153

BALCÃO 54154

(Ver anuncio especial)

A's 18.15 — Ultima — M. 17 anos

— UM VOTO PARA JOHNNIE.

A's 15.30 e 21.45
(M. 17 anos)

Uma comédia pi-cante, alegre e mali-ciosa

UMA PARISIENSE

com Brigitte Bardot e Charles Boyer

nunca esteve tão maliciosa... ousada... amorosa e tão ingénua

A's 15.15 e 21.15
(M. 12 anos)

A sensacional obra-prima galardoada com 9 «oscars»

OS MELHORES ANOS DA NOSSA VIDA

com Frederic March, Myrna Loy, Dana Andrew, Teresa Wrigth e Virginia Mayo

AVISO: O espectáculo da noite com-ça ás 21.15 devido á exhibição inte-gral do filme.

A's 21.15
(M. 12 anos)

NUNCA DIGAS ADEUS

E O SEGREDO DO CULPADO

A's 21 h.
(M. 12 anos)

UMA BALA PARA JOEY

O APRENDIZ DO DIABO

DESPORTOS



Na transformação de um «livre» contra o Hibernian os escoceses parece que estão a jogar raguebi. Diga-se que o «temível» Matateu, o executante do «livre», justifica a confusão dos visitantes

BELENENSES, 1
HIBERNIAN, 3

Os escoceses deram tudo...

...mas a defesa dos portugueses também ajudou

Cumprimentos, em primeiro lugar, aos rapazes que envergaram a camisola verde e branca do Hibernian e uma exclamação de aplauso ao seu magnífico espírito de luta, que se integrou, admiravelmente, na interpretação (de campeonato) que o difícil jogo exigia. Esse punhado

OS VISITANTES

pela sua aplicação
entusiasmo e técnica
deixaram
boa impressão

de escoceses, como que atraíram uma tradição, não se mostrando avaros no dispêndio de energias, ao mesmo tempo que desmentiram a requintada fleuma britânica, de que não estão alheados, exemplificaram sobre o relvado um potencial psicofisiológico de impressionante pujança como se o velho nome, do bom vernáculo escocês — Hibernian — precisasse de mostrar ao Mundo que nas montanhas encadernadas de verdadeira latejam corações ardentes em jovens de indômita bravura.

Ontem, no Restelo, tivemos a nítida sensação de que a bela equipa, que eliminou o Belenenses da «Taça das Cidades com Feiras», tinha na bancada uma densa multidão de prosélitos a estimulá-la, incessantemente. Verdade seja que o público presente não se mostrou hostil aos visitantes, mesmo nos momentos em que eles mostravam a teoria de que a utilização do corpo é admitida na prática — consentido pelas regras. Mas a foga dos hibernianos, aliada a um extraordinário apego, forneceram essa ilusão de estarem como na sua própria casa, em amém, sintomático...

A cronologia dos golos não se afasta muito da realidade dos acontecimentos, embora o 2-1, registado numa fase em que o Belenenses carregava (desordenadamente) tentando vencer os vigorosos como atletas defesas com a bola pelo ar, tenha dado à partida uma feição definida. Aliás, contrastante com a toada animada, que foi característica anterior, mesmo descontando o desentendimento entre médios e defesas (especialmente, entre Cordeiro e Alfredo) sempre que se tratava de anular os «mortíferos» lançamentos dos dianteiros, visitantes — à maneira da escola britânica.

O encontro começou em velocidade endiabrada, afirmando-se desde logo, notoriamente em relação aos escoceses, que um profissional, perfeitamente formado, ou se quer, modeladamente mentalizado, pode igualar e até superar o espírito desinteressado, mas de entrega absoluta, de um amador. Neste aspecto, frise-se, o Hibernian sentou-se na cátedra, revelando ainda que tem

muito mais campeonato nas pernas e nos pulmões do que os belenenses...

Após uns lances afortunados para os locais, devido às hesitações da defesa nas soluções que exigiam prontidão — esclareça-se que de um modo geral os homens do Restelo pecaram por demasiado estatismo ao preferirem receber a bola, parados, quando em várias circunstâncias se impunha o movimento para ajudar e, simultaneamente, para contrariar o antagonista — surgiu o 1.º golo, aos 19 minutos. Marcou-o Baxter e nele colaborou, eficientemente, o décimo de segundo de paragem de Cordeiro, já que José Pereira (temos dúvidas se entre os dois houve comando de vozes, que é recurso indispensável) estava condenado a ser derrotado...

O Belenenses não acusou o toque e foi para diante, mas inconsequentemente, e sem um padrão definido. A seguir, a um «tiro» de Salvador, Matateu, à meia-volta, afinal relem-



O guarda-redes Simpson arroja-se aos pés de Matateu. A bola ficou presa entre duas tenazes

brando os seus mais resplandecentes momentos de oiro, bateu, especificamente, o ágil como desembaraçado guarda-redes escocês. Um golo que não ficará mal colocado na vitrine dos feitos gloriosos do incomensurável Matateu, a quem nem os anos fazem moossa.

Na segunda parte, já com o ritmo moderado, o que se verificou, seguidamente ao golo de Matateu, ao 29.º minuto, o Belenenses deu a noção de poder discutir a vitória, mas, após uma série de «corners» (os defesas visitantes não vacilaram na concessão desses «castigos»), Baxter, ao 51.º minuto, com a colaboração de José Pereira, que saiu paulatina-

mente e saltou mal, «picou» a bola, obtendo o 2.º golo. A partir de então, já não constituiu surpresa o 3.º golo, obra de Stevenson, a concluir, de cabeça, um «corner». Diga-se que nos dois tentos, a defesa belenense não agiu com a presteza indispensável...

O jogo, que esteve longe de ser uma sensaboria, demonstrou vários pormenores interessantes. Um, inexistimos, foi o temperamento latino exteriorizado pelos escoceses a que não faltou um admirável companheirismo. Outro, consistiu na capacidade atlética vinculada num coeficiente de resistência que reflecte adiantada rotina de jogos de competição.

No reverso das citações, veja-se a exemplificação dos lusitanos que, no entanto, lutaram até ao limite do que lhes era possível. Com vista ao futuro, aconselha mais «alma»...

A arbitragem, com o senão do preciosismo na repetição do «livre», foi também digna de apreço. Rapidez, critério aceitável, autoridade e total imparcialidade. No benefício ao infractor compreende-se o critério utilizado. De começo, é arriscado conceder largas...

Quanto a referências individuais, diga-se que nos preocupou a apatia de Yauca. Carência de forma ou má disposição? Matateu foi o melhor dianteiro entre os locais, apesar de contar só com a colaboração efectiva de Salvador, já que Estêvão e Carvalho agiram em nível modesto.

Dos visitantes, um «bom» para todos, muito embora Baxter, Fra-

A taça «Ericeira» foi conquistada pelo Beira-Mar

Defrontaram-se, ontem, na Ericeira, dois mistos do Sporting e Beira-Mar que disputaram a taça «Ericeira» num jogo que foi presenciado por numeroso público.

Os azeiteiros venceram por 3-2.

As duas equipas:
BEIRA-MAR — Violas; Lourenço e Girão; Valente, Evaristo e Jurado; Paulino, Belério, Correia, Calisto e Chaves.

SPORTING — Rodrigues; Castro e Pedro Gomes; Casaca, Graça e Ferreira Pinto; Figueiredo, Seranito, Alexandre, Baptista e J. Manuel.

Arbitro: Nuno Martinheira. Marcaram os golos Correia e Calisto, na primeira parte; Correia, Ferreira Pinto («penalty») e Oliveira Duarte que, entretanto substituiu Casaca.

A F. P. F. castiga

A comissão executiva da F. P. F. reunida ontem, em relação aos jogos efectuados no passado domingo, aplicou os seguintes castigos: Repreensão por escrito — José da Silva Almeida, da Sanjoanense, por

“Perdemos bem sem qualquer atenuante”

— opinião do treinador do Belenenses

JOSÉ PEREIRA (guarda-redes) — Parece-me que sou acusado de ter consentido os dois ultimos golos dos escoceses. Ora eu não tenho dúvidas em dar a mão à palmatória, mas apenas no primeiro dos referidos tentos. Não me perguntem por que falhei. Só sei que devia socar a bola e não o fiz. Acontece um dia a todos os guarda-redes, penso eu. Os escoceses são todos bons, especialmente o n.º 11. Em Edimburgo ainda jogaram melhor do que aqui.

HENRIQUE VEGA (treinador) — Contra uma equipa constituída por excelentes e velozes executantes como esta do Hibernian, o Belenenses, que reudeu aquilo que está dentro das suas possibilidades, não podia alcançar outro resultado do que o registado. Perdemos bem, sem qualquer atenuante.

SHAW («manager») — Tudo correu favorável para os meus jogadores — bom jogo e bom resultado. Não está nos meus hábitos apreciar o trabalho dos jogadores, mas ainda que o fizesse hoje apenas me limitaria a louvar a acção da equipa do Hibernian que jogou, realmente, como equipa. Quanto ao Belenenses, pareceu-me muito melhor em Edimburgo. De resto, nós tratamos de contrariar as armas deles. E fomos, no fundo, felizes...

BAIRD («capitão») — O triunfo encheu-nos de compreensível alegria, pois tínhamos enorme interesse em prosseguir na prova. O Belenenses foi, como esperava, um adversário difícil. Surpreendeu-me, porém, a quebra dos portugueses na 2.ª parte. O contrário, precisamente, de nós que repetimos a «explosão» de Edimburgo, também no período final do jogo...

FUTEBOL

NO ESTRANGEIRO

Para a «Taça das Cidades com Feiras», em jogos realizados ontem, apuraram-se os seguintes resultados:

F. C. Colónia, 4-«Inter», 2
Espanhol, 2-Hanover, 0
M. T. K., 10-Estrasburgo, 2
Spartak, 2-Leipzig, 2
Birmingham, 2-Roma, 2
Heart, 3-U. St. Gilloise, 1

Estão apurados para fase imediata: M. T. K., Novidad, Espanhol, Hibernian e os isentos, Iraklis e Lausanne.

«Taça dos Vencedores das Taças»: Dunfermline, 4-St. Patriks, 0
Ujpest, 10-Floriana, 2
Leicester C., 3-Glenavon, 1
A. Madrid, 4-Sedan, 2

«Taça dos Campeões Europeus»: Juventus, 2-Panathinaikos, 1
Rapid, 2-Varna, 0

O Juventus ficou apurado para a fase seguinte.

Os basquetebolistas do Benfica e a equipa feminina de Benguela em dois torneios europeus

Com a desistência do C. A. C. O. de continuar a praticar a modalidade (vítima numero um do falso amadorismo, que a nova lei não protege), o Sacavenense subiu à Divisão de Honra, juntando-se, assim, ao Sporting, Benfica, Alge, Belenenses, Liberdade, Queluz e Nacional.

A Associação de Lisboa, que tem desenvolvido trabalho profícuo, especialmente, no aspecto do desenvolvimento do basquetebol na sua região, efectuou uma diligência na Camara Municipal, a fim do campeonato regional de juniores se disputar no Pavilhão dos Desportos, de Lisboa. A diligência pa-

rece ter sido bem sucedida, pois a entidade camarária facilitou à Associação lisboeta aquele recinto em condições muito agradáveis no aspecto económico.

Foram já distribuídas por todo o País e pelas províncias ultramarinas as Novas Regras, que se apresentam excelentes no aspecto gráfico. Numa primeira análise parece-nos que os novos articulados estão claros, compreensíveis, não deixando dúvidas quanto à sua interpretação.

O Benfica inscreveu-se na «Taça dos Clubes Campeões Europeus», enviando a F. I. F. A. um cheque de 50 dólares que corresponde à sua inscrição. Os «encarnados» para este torneio, que se inicia em Novembro, contam com os seguintes jogadores: Manuel Campos, Julio Campos, Carlos Alberto, Joaquim Coelho, Mário Machado, Furtado Santos, Galhoz, João Pires, José Alberto e outros.

Também, a equipa feminina do Sport Lisboa e Lubango (Benguela), campeã nacional, representará o País, na «Taça dos Campeões Europeus Femininos». A sua inscrição na F. I. B. A. foi pedida por intermédio da Federação Portuguesa de Basquetebol. Aquela equipa jogará em Lisboa o encontro que lhe compete no conjunto das duas «mãos». O sorteio far-se-á na F. I. B. A. em princípios de Novembro. A final da Taça disputar-se-á na Alemanha Ocidental.

Estavam previstos para esta época internacional três encontros: Holanda, Alemanha e Marrocos. Porém, devido às costumeiras dificuldades financeiras, os dois primeiros encontros não se devem realizar. O encontro com os marroquinos não se pode deixar de efectuar dado que existe um compromisso oficial que não pode ser anulado.

HOJE, À NOITE

Pugilismo — Torneio de Principiantes, às 21.30 horas, no recinto do C. A. C. O.

Xadrez — No Clube Alekhine, às 21.30 horas, «Torneio de Verão».

Os ursos brancos de "Skansen"

por CÉSAR FAUSTINO

Centenas de moedas reluzem no fundo limoso do lago existente no Jardim Berzelli, em Estocolmo. O local não tem a majestade da "Fontana de Treva". Mas, para compensação, ali não há quem violenta a poesia, surripando as peças mal os turistas as fazem ziguezaguear na água...

De qualquer modo, e em qualquer lugar, o que se reconhece através desse gesto romântico, embora fútil, é o desejo humano de viver feliz e em paz, seja em que canto for da Terra. A moedinha simbólica é lançada num impulso de pureza, fugaz ilusão apenas. Se não cair nas garras de algum exemplo desse materialismo insensível que tem contaminado o Globo, ficará para sempre silenciosa e perdida entre os limos do lago.

E' certo que, com o correr dos tempos, o Mundo se transformou numa bolinha muito comprimida e, por causa dos pontapés, também muito amachucada... Subsistem, porém, nas massas racionais que o habitam inúmeros fenômenos que as tornam vincadamente distintas umas das outras.

Querem um bom exemplo? — a diferença entre Latinos e Escandinavos.

No entanto, se apesar da intensificação dos contactos, esse desencontro se afirma em múltiplos aspectos, anímicos e materiais — vigoram nas duas raças, por outro lado, exactas as mesmas porcos instintos primários. Também nos delicias por ver uma criança às cambalhotas na relva e, como os estudantes suecos e dinamarqueses, somos capazes de participar numa marcha de protesto contra a ameaça das bombas nucleares...

A Escandinávia pode ir-se de vários modos, incluindo as rotas marítimas dos vikings ou o "auto-stop" pela "E-3", que é a estrada que une Lisboa a Estocolmo. O mais rápido é, naturalmente, por "jacto", assim como o mais demorado seria andar verticalmente sobre as mãos, isto é, em pino...

Ainda não há muito tempo que os Meridionais tinham certo receio de viajar até ao Norte da Europa. Ouviam falar de neves eternas, frios glaciais e de ursos polares

caminhando pelas ruas das cidades... Hoje, porém, esses rumores fantasiosos estão completamente esquecidos. A neve não dura mais que escassos meses e gera encanto. O frio não é tão intenso como pensam e é amortizado pelo calor artificial que se sente por todo o lado e quase nos sufoca. E quanto a ursos polares — podemos admirá-los facilmente no paradisíaco recanto de Estocolmo que é o "Skansen"...

E' impossível definir o "Skansen" em duas palavras que não sejam "uma maravilha". Quase todo o Mundo o conhece, pelo menos de nome. Algo diferente de tudo. Uma vasta colina de onde se desfrutam os mais belos panoramas da cidade e que é, ao mesmo tempo, o mais antigo museu etnológico ao ar livre, centro de folclore, exposição de artes populares, jardim zoológico, parque de diversões, sítio de comens e bebés e, sobretudo, documento vivo da cultura e das tradições de um povo desde múltiplos séculos atrás até aos nossos dias.

Três milhões de pessoas por ano visitam o "Skansen". Admiram a primitiva cabana dos lapões; a "estuga" e a fazenda características de cada província sueca representadas também por exemplares humanos de trajos regionais; as residências palacianas de personalidades ilustres; e os artistas do vidro e da madeira. Ouvem famosas orquestras e músicos e bailam ritmos modernos e folclóricos em pistas onde por cada duas danças se paga o equivalente a 2 escudos e 70. Os rapazes compram uma boa porção de fichas para dançar e vão convidando pela noite fora lindas raparigas que ali se aglomeram exactamente para isso...

As crianças preferem, no entanto, os animais. Se não montam doces elefantes ou os populares "ponnies" suecos, elas estão com certeza fascinadas pelos veados vermelhos, os sapos da scania, os lobos da Dalicália, as renas e as focas da Lapónia, os gansos iguais aqueles em que Nils Holgersson voou sobre todo o país ou pelos alces, pois se encontram por todo o lado, pois em cada ano nascem 20 mil na Suécia. São, porém, os majestosos ursos brancos do Pólo que

(Continua na 15.ª página)



Os ursos polares são uma das principais atracções do Skansen

TROCO

O BISPO DE MACAU almoçou na Nunciatura

Os vossos móveis usados, por modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição. Oficinas próprias para fabrico por encomenda ou restauração. Facilidades de pagamento.

ARMAZENS DE MÓVEIS JORGE Av. Almirante Reis, 35 — Tel. 832161

(Quase em frente da igreja dos Anjos)

O nuncio apostólico, monsenhor Giovanni Panici, ofereceu hoje, no palácio da Nunciatura, um almoço ao bispo de Macau, D. Paulo José Tavares, agora de passagem por Lisboa, vindo de Roma, a caminho da sua terra natal, os Açores. O almoço decorreu na maior intimidade.

A' procura de um Romeu

O Teatro Nacional de D. Maria II e o "Diário de Lisboa" correm hoje o pano para o início do concurso «A' procura de um Romeu», destinado a encontrar o intérprete para a principal personagem masculina do «Romeu e Julieta», peça com que o nosso primeiro teatro abre a sua época. Deveria o concurso ter começado há já dez dias, logo que Cayetano Luca de Tena terminasse a encenação da peça que hoje deverá apresentar em Madrid. Sucedeu, porém, que um dos principais intérpretes houve que interromper os ensaios para ir participar, em Atenas, no desempenho de um filme. A não ser que se verifique qualquer novo revisto adiamento, Cayetano Luca de Tena chegará a Lisboa amanhã. E amanhã mesmo deverá iniciar-se as provas do concurso «A' procura de um Romeu».

Em que consiste o concurso? Seleccionou o Teatro Nacional sete jovens, todos já com alguma prática de pisar as tábuas do palco e com

as condições mínimas para a interpretação do papel de «Romeu». Constará o concurso na escolha do jovem actor a quem será confiada a representação do Romeu. Haverá provas de figura e de voz, como provas de arte de dizer. A cada um dos candidatos foram já distribuídos os textos que terá de interpretar, os mesmos para todos: a entrada de Romeu no primeiro acto, os diálogos do balcão (antes e depois de Romeu pernoitar no quarto de Julieta), a cena de atroz desespero em que Romeu toma conhecimento da morte de Julieta. As provas, que não serão pu-

blicas, serão prestadas perante um júri, presidido por Luca de Tena e em que estará representado o nosso jornal.

E' um empreendimento ousado este a que se lançou o D. Maria II. O «Diário de Lisboa» ao dar inteira cooperação a esta oportunidade oferecida aos nossos mais jovens actores, reafirma a sua confiança no futuro do teatro português. E dá novamente o seu contributo a corajosa tarefa de dignificação da cena portuguesa a que se lançou há tempo a empresa Robles Monteiro-Amélia Rey Colaço.

A modernidade de Shakespeare

por LUÍS DE SOUSA REBELO

Poucos são os autores, considerados clássicos universais, que mais presentes estejam na cultura do nosso tempo do que Shakespeare. Esta aura não provém, como supõem alguns, de certa tradição literária que, sentindo-se vexada com a sua própria incompreensão no século do Romantismo, decidisse fazer emenda honrosa, passando

a demonstrar as excelências do dramaturgo. Ela nasce, com efeito, da descoberta directa da sua obra e num momento em que uma consciência crítica de formação classicizante procura sinceramente libertar-se dos seus prejuízos. Outros há, como Molière e Corneille, que, devido a uma unidade artística mais evidente, ofereciam maior grau de acessibilidade ao espectador médio. Mas o «ethos» e a paixão, a desmesura dramática das personagens shakespearianas, contrapontadas com a pavorosa sensateza dos seus bufoes, traduziam um excesso e uma grandeza que repeliavam um gosto nutrido de lógica e bom-senso.

Confiança no futuro

do Teatro português

— afirma

Amélia Rey Colaço

A sr.ª D. Amélia Rey Colaço, a quem a cena portuguesa deve um esforço prolongado e tenaz, inteligente e frutuoso, justifica assim o arrojado e generoso empreendimento em que se lançou o Teatro Nacional de D. Maria II:

«No momento em que tanto se agita o problema do Teatro e se manifesta a natural ansiedade da juventude, parece-me oportuno aproveitar uma série de oportu-

nidades para demonstrar a importância da obra de Shakespeare. Já na Inglaterra, mais liberta dos pruridos académicos que atormentavam a França e do arcadismo que os nossos românticos beberam com o leite materno, a glória de Shakespeare nunca chegou a conhecer zonas crepusculares. Aí a continuidade da representação manteve o espírito da obra sempre vivo e, quando a França seguiu o exemplo britânico, apresentando a obra do poeta ao seu próprio público, ela enriqueceu a sua própria tradição de Shakespeare, não havendo quase ano em que uma das suas peças não seja reposta com franco aplauso.

Ora donde vem este fervor pela obra de Shakespeare, a fervor que se estende das Américas à União Soviética e se tem revelado ultimamente num bom numero de versões cinematográficas de alto nível? Como explicar esta popularidade que irmana numa mesma emoção estética uma burguesinha da Quinta Avenida e uma camponesa do «kolkoz»?

Entre os vários e complexos factores que se poderiam enumerar resalta o sentido de acuidade trágica da época que vivemos, a consciência de que o «tempo está fora dos eixos». (The times are out of joint), de que oculta larva vai carcomendo o reino da Dinamarca.

Há ao mesmo tempo em muitas peças de Shakespeare a noção da amplitude histórica, que engolfa no

(Continua na 13.ª página)



AMÉLIA REY COLAÇO

tancias para reatar uma tradição que sempre nos entusiasmou, a meu marido e a mim.

Aproveitando, mais uma vez, a colaboração do «Diário de Lisboa», que tão gentilmente me ofereceu o seu apoio, e a apaixonada sugestão de Cayetano Luca de Tena, vou dar, novamente, ocasião a dois jovens artistas de provarem as suas possibilidades numa obra de grande envergadura. Trata-se das figuras emortais de Romeu e de Julieta. Para a intérprete feminina não me foi difícil, depois das provas já prestadas, encontrar a artista que se me afigurava ajustada. Será Teresa Mota. Restava encontrar o intérprete masculino, e é neste sentido que nos vamos lançar num empreendimento certamente arriscado, mas que terá, pelo menos, o valor de estímulo e de confiança no futuro do Teatro.

A minha esperança é que o artista que vai ser lançado agora, venha a ter no Teatro português a mesma projecção de todos aqueles que connosco começaram a sua carreira».

A cobrança do imposto sobre consumos preocupa os proprietários de pastelarias, confeitarias e leitarias

Um grupo de proprietários de pastelarias, confeitarias e leitarias dirigiu ao director-geral das Contribuições e Impostos uma exposição acerca de certas dúvidas suscitadas na aplicação do decreto-lei n.º 43764, de 30 de Junho último, que criou o imposto sobre o consumo de alguns produtos e serviços considerados superfluos ou de luxo, bem como do respectivo Regulamento.

Acentuando as dificuldades com que deparam, tantos os que têm de pagar, como até os que têm de cobrar o imposto, diz a exposição «O publico, a vasta clientela destas pastelarias, confeitarias e leitarias reage firmemente contra o pagamento do imposto relativo aos consumos ou aos serviços, visto que todas as pessoas que aí consomem os produtos ou utilizam os serviços —

simples consumidores — não consomem os produtos ou serviços em si mesmos, mas apenas para os seus clientes. Os artigos de luxo e de maior valor são vendidos a preços mais altos e, portanto, os seus consumidores são os que pagam o imposto. Os artigos de consumo geral são vendidos a preços mais baixos e, portanto, os seus consumidores são os que não pagam o imposto. Os artigos de consumo geral são vendidos a preços mais baixos e, portanto, os seus consumidores são os que não pagam o imposto.

perante um
de Tena e
ado o nosso
ousado es-
Maria II. O
dar inteira
portunidade
mais jo-
a sua con-
trato portu-
seu contri-
le dignifica-
a a que se
eresa Robles
olaço.

de
re
EBELO

cias do dra-
n efeito, da
sua obra e
uma consi-
ção classifi-
nte libetar-
Outros há,
le, que, de-
tística mais
ior grau de
ador médio.
io, a desme-
ongens sha-
tadas com
seus bu-
esso e uma
um gosto
senso.

mais liberta-
s que ator-
do arcadis-
manticos be-
verno, a gló-
ma chegou
sculares. Ai
representação
bra sempre
ga seguiu o
esentando a
óprio publi-
fundamente
dezenas as
re, não ha-
uma das
eposta com

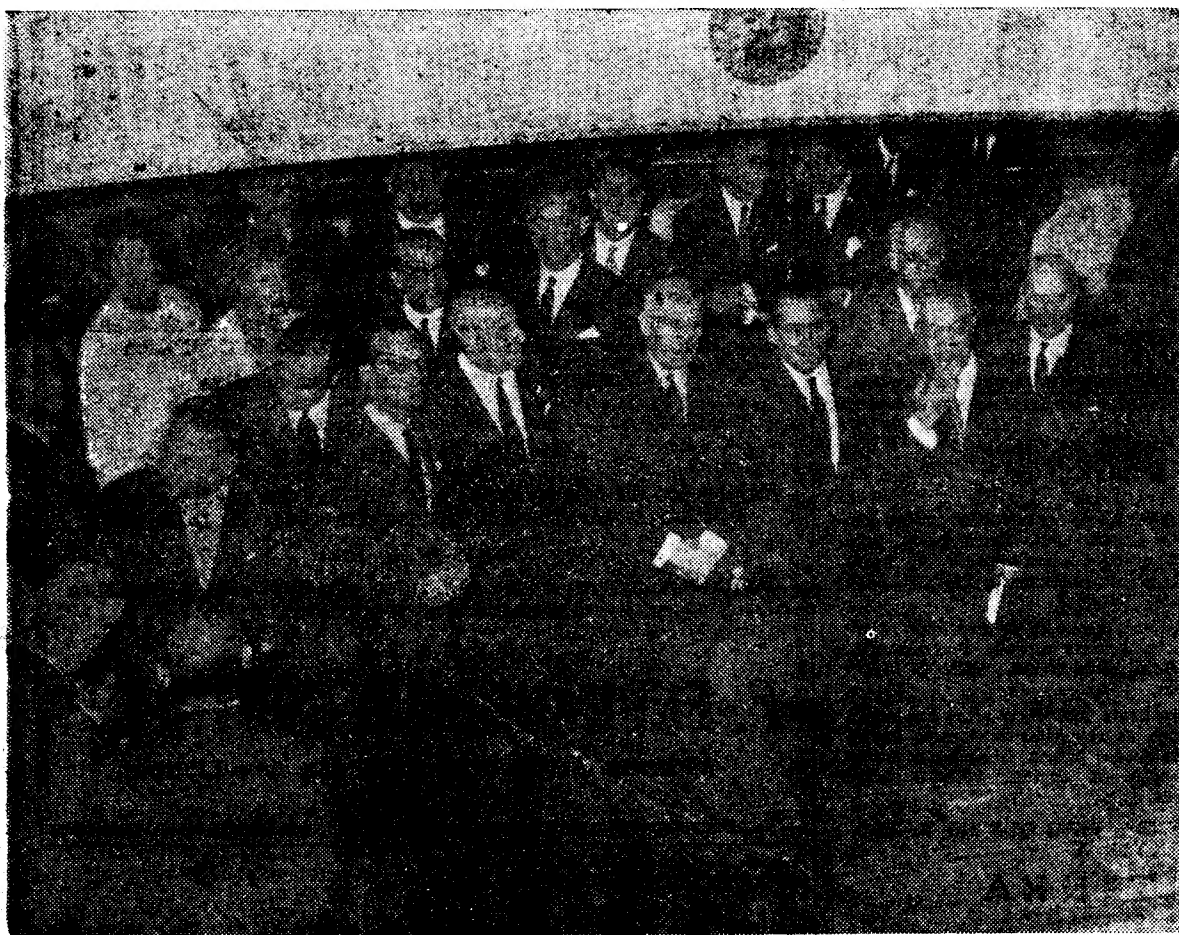
fervor pela
fervor que
as a União
lado última-
o de versões
o nível? Co-
aridade que
moção estéti-
Quinta Ave-
do «kolko-

plexos fac-
enumerar
cuidade trá-
dos, a consi-
po está fora
are out of
erva vai car-
namarca.
em muitas
a noção da
e engolfa no

maça do imposto
consumos supérfluos
os proprietários
rias, leiteiras e leiteiras

rietários de
e leiteiras
al das Con-
uma exposi-
vidas susci-
creto-lei n.
último, que
o consumo
serviços con-
de luxo
ativo regula-

uldades com
que têm de
e têm de co-
exposição «O
ntela destas
e leiteiras
tra o paga-
tivo aos con-
vismo que to-
consumem os
serviços —



O Chefe do Estado e um grupo de convidados no «hall» principal do navio

O «Infante Dom Henrique» foi visitado pelo Chefe do Estado e por oito membros do Governo Seiscentos convidados a bordo

O sr. Presidente da Republica, acompanhado pelas suas duas filhas e por um neto, visitou hoje, demoradamente, o novo paquete «Infante Dom Henrique», da Companhia Colonial de Navegação, que, no dia 4 de Outubro, inicia as suas carreiras para as provincias portu-
guesas de Africa.

O Chefe do Estado chegou, ás 11 horas, ao cais privativo da Companhia, na Rocha do Conde de Obidos, onde o aguardavam os srs.: ministros do Estado, da Marinha, da Justica, da Educação Nacional e das Obras Publicas; chefe do gabinete do ministro das Corporações e Previdência Social; secretário de Estado do Comércio; subsecretários de Estado do Exército e da Administração Ultramarina, comandantes-gerais da G. N. R. e da P. S. P. e um representante do comandante-

geral da Guarda Fiscal; governador civil de Lisboa; presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa; dr. Soares da Fonseca, almirante Filipe Castela, Raul Vieira, tenente-coronel José Raposo Pessoa, Jaime Pinho e comandante Armando. Loura, respectivamente presidente do conselho de administração, administradores e inspector da companhia; almirante Nuno de Brion, dr. José Correia de Barros, presidente da Corporação dos Transportes e Turismo; comandante Jerónimo Henrique Jorge, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante; almirante Newton da Fonseca, director-geral da Marinha; governador militar de Lisboa; comandante da Academia Militar; comandantes da P. S. P. de Lisboa, da Polícia Marítima e da Polícia da Administração-Geral do Porto de Lisboa; capitão do Porto de Lisboa; almirante Vasco Lopes Alves; comodoro Gabriel Teixeira, dr. Silva Tavares, comandante Celestino Ramos, comandante Simões Maia, comandante do paquete «Santa Maria», eng. José Frederico Ulrich, presidente da Junta de Energia Nuclear; embaixador José Nosolini, engenheiros José Manuel de Melo, Vaz Pinto, Albano Homem de Melo, Santos Pedroso, Mário Costa e Rogério Vargas Moniz; dr. Francisco Cortês Pinto, dr. Afonso Marchueta, eng. Melo e Castro, presidente do conselho de administração do Metropolitano de Lisboa; tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, D. Francisco Xavier de Echarri, conselheiro de imprensa da Embaixada de Espanha; conde de Monte Real, Jorje de Kerchove d'Ousselghem e Paul Lambert de Pouvroit, representantes dos Estaleiros Cocquerille, de Antuérpia, onde foi construído o paquete, etc.

O almirante Américo Tomás — que era acompanhado pelo general da Força Aérea Humberto Pais e pelo comandante Benvenuto da Fonseca, chefe da sua Casa Militar e ajudante de campo, foi recebido, ao portaló, pelo comandante Paulo Baptista, após o que iniciou a sua visita, acompanhada pelas entidades referidas e pelos outros convidados, em numero total de seis centenas.

Foram visitados, sucessivamente: o «hall» de entrada, a capela, camarotes de luxo, camarotes simples e a piscina da 1.ª classe; a piscina da classe turística e os seus salões-bares; salas das crianças da 1.ª classe e da turística; o salão-bar e o salão de festas da 1.ª classe; a sala de jantar da 1.ª classe; a cozinha e as suas dependências de padaria, pastelaria, o hospital e o salão da classe turística, onde foi servido um vinho de honra.

O dr. Soares da Fonseca, em no-

me da Companhia, saudou o Chefe do Estado, agradecendo a sua visita a um grande paquete que é o ultimo fruto do verdadeiro milagre

(Continua na 15.ª página)



O sr. Lazare Leon lendo o contrato dos filmes que a M. G. M. reservou para o Capitólio. Distingue-se, em segundo plano, um cartaz do famoso filme «O Ladrão de Bagdad» que vai ser ali exibido brevemente

A nova empresa do Capitólio assina o contrato dos filmes a estrear

O Capitólio vai entrar mais uma vez na lista dos cinemas de estreia, da qual desaparecera há tempos para mal das nossas fracas disponibilidades em matéria de espectáculos. A programação do popular cinema do Parque Mayer está exclusivamente a cargo da M. G. G. e da Leo-Filmes Estudios, duas firmas distribuidoras que em Portugal têm o seu nome ligado a muitos dos maiores êxitos cinematográficos exibidos entre nós. A sua participação na programação do Capitólio constitui só por si uma inestimável garantia da qualidade

das obras a estrear no Capitólio, que em boa hora regressa ás primeiras filas das salas de exibição lisboetas.

O contrato foi assinado ontem, estando presentes, por parte da nova empresa exploradora do Capitólio, os srs. dr. Gustavo de Mendonça e Elisio Correia Ribeiro e, por parte da M. G. M., o sr. Lazare Leon.

A inauguração do Capitólio como cinema de estreias verificar-se-á amanhã, dia 29, com o filme em dialiscope e eastmancolor, «O Segredo de Monte Cristo».

Numerosos empregados de mesa vivem exclusivamente à custa das gorjetas dos clientes

No vasto sector dos empregados na industria hoteleira e similares, há diversas espécies de trabalhadores em situações distintas. Se aqueles que trabalham em hotéis estão sujeitos a um horário desumano, capaz de os forçar a um período ocupacional de cerca de 18 horas, como já vimos, outros, que exercem as suas funções em «cafés», leitarias, pastelarias e certos bares, vivem em regime diferente. Têm já um regime de 8 horas de trabalho.

Se este período de serviço, já de si pesado, terá de classificar-se como vantagem, em relação ao outro, dizem-nos que, quanto a remunerações, o sistema chega a roçar pela indignidade, dado um mau costume que se adoptou, principalmente, no Sul do País.

Enquanto no Norte, os proprietários desses estabelecimentos instituíram a cobrança obrigatória da percentagem de 10 % sobre todas as despesas dos clientes, revertendo ela para pagamento dos honorários do pessoal, no Sul nunca se assentou num critério uniforme. A maioria dos estabelecimentos do género impede, até, a cobrança dessa percentagem. O caso é tão flagrante que se verifica, mesmo, em numerosos restaurantes.

Em consequência, há muitos milhares de empregados de mesa que vivem das gorjetas dos clientes, que passam, assim, a ter o carácter de esmolas, já que, se estes nada quiserem dar, ninguém os pode coagir a tal. Ora, ninguém de boa formação achará legítimo nem digno que tanta gente trabalhadora viva de uma esmola, que é ou não dada consoante a consciência, a educação, ou a disposição de quem é servido. E quantas vezes não são os que menos pagam por esses serviços aqueles que mais exigem e mais mal tratam o pessoal?

A percentagem é a mesma mas a vida aumentou

A carta de um empregado de

mesa, que a seguir transcrevemos, põe em relevo quanto acima dizemos:

«Só quem trabalha nesta industria é que sabe e pode dar valor ao que se passa com horários, ordenados, alimentação, fiscalização e outras coisas mais. Estamos em 1961 e a percentagem mantém-se como foi fixada em 1944 — 10 %. Eu acho que isto não está certo, pois a vida aumentou e de que maneira!

Se nós tivéssemos um ordenado certo, já fazíamos conta com aquilo que recebíamos e estava estipulado. Não se dava o caso de termos de estar em cuidado com a solução desta incógnita — chegara, não chegara?

Poderia evitar-se, assim, o recurso á garjeta, que o mesmo é dizer á esmola. Este sistema só pode dar origem a espectáculos tristes.

(Continua na 14.ª página)

A recepção no Brasil

à caravana minhota

do «Voo da Amizade»

RIO DE JANEIRO, 28.—Constituiu grande acontecimento a chegada ao aeroporto do Galeão dos jornalistas e presidentes das Camaras do Minho. Foram recebidos pelo dr. Felner da Costa, director do Centro de Turismo de Portugal; António Sarda, presidente do Conselho da Colónia Portuguesa no Brasil, directores da Casa do Minho no Rio de Janeiro, representantes da embaixada e do consulado de Portugal e altas individualidades da colónia portuguesa.

Após a chegada, o grupo visitou a embaixada de Portugal e o Centro de Turismo Português, tendo sido obsequiados com doces e vinhos regionais portugueses.

Hoje, a caravana minhota visita as autoridades locais, o governador Carlos Lacerda, a Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, a Associação Brasileira de Imprensa e a Federação das Associações Portuguesas.

Durante a sua permanência no Brasil, a caravana minhota visitará, também, as cidades de Teresopolis e de Petropolis e, mais tarde, Brasília, onde será recebida pelo presidente João Goulart.

Os visitantes vão ser alvo das homenagens das associações e conjuntos folclóricos portugueses.—(A. N. I.).

O CALIFA-GERAL DO ISLÃO

foi recebido pelo ministro
dos Negócios Estrangeiros

O califa-geral do Islão na Africa Negra, no prosseguimento da visita ao nosso País, onde veio a convite da Agência Geral do Ultramar, visitou, esta manhã, o Museu Nacional de Arte Antiga. Dali dirigiu-se ao Palácio das Necessidades onde, ás 12 e 30, foi recebido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, a quem apresentou cumprimentos.

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência

GRANDE OURIVASARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 257



Pasta Medicinal Couto

TRATA — Gengivas descarnadas ou sangrentas

EVITA — Estomatites mercuriais ou bismuticas

MATA — Os micróbios da boca

(Continua na 13.ª página)

PROPRIEDADES

VENDAS

PRÉDIO 12 inq. e quintais, isento, renda anual 79.000\$00. Preço 1.200.000\$00 tem na Caixa 400 contos que pode ficar ao juro 4%. Trata: LARANJO, ALEGRO & GARCIA, Praça Alegria, 58-2.º, Sala E. Telef. 26718.

LOJA — De rendimento a dar 8% no melhor local da Amadora, construção moderna. Preço 120 contos, está alugada, ótima aplicação de capital. Vende: EMPRESA PREDIAL NORTENHA — Praça da Alegria, 58-2.º — Telef. 366812-362228.

EMPRESTAMOS

sobre automóveis e camions, as melhores condições. Rapidez e sigilo, uma consulta e terá a confirmação. Rua Conceição da Glória, 66-A T. 23031. (A Av. da Liberdade).

Prédios de rendimento:

AO LUMIAR, bom imóvel c/ 4 pisos, para 10 inquil. c/ 3 boas casas assoalh. Todos os requisitos modernos. Transporte á porta. Rende 8%. **PREÇO 800 CONTOS**, s/ oferta.

AOS ANJOS, prédio de construção de há 20 anos, de construção impecável. 5 pisos, 10 inquil. Esplêndido local. Rendimento muito bom. **PREÇO 1.100 CONTOS**, s/ oferta.

EM ALGÉS, em acabamentos, excelente prédio de 4 pisos, para 8 inquil. a 3 boas casas assoalh. c/ todos os requisitos modernos. Bom rendimento. **PREÇO 1.400 CONTOS**, s/ oferta.

ALÉM DOS PRÉDIOS INDICADOS TEMOS OUTROS MAIS PARA VENDA, PELO QUE NO V/ PRÓPRIO INTERESSE E ANTES DE QUALQUER TRANSACÇÃO DEVEM CONSULTAR A

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO:

Praça D. João I, 25-1.º, Dt.º
Tel. 26706 — 30181 — 31038

LISBOA:

Praça da Alegria, 58-2.º
Tel. 362228 — 366812 — 366731

DINHEIRO

A FINANCIADORA COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO S. A. R. L.

Tem o gosto de informar o Ex.º Público interessado de que se incumbe da colocação de capitais, quaisquer que sejam as importâncias com garantia em 1.ª hipotecas e juros anuais de 8% pagos adiantadamente. Os financiamentos realizados por seu intermédio sobre propriedades não excedem geralmente 50% dos valores reais, valores previamente verificados e atribuídos por peritos idóneos, pelo que se pode responsabilizar inteiramente por todas as transacções que efectua, orienta e acompanha até completo recebimento.

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTAR ESTA COMPANHIA

SEDE EM LISBOA: AVENIDA DA LIBERDADE, 3

SUCURSAL NO PORTO: PRAÇA DA LIBERDADE, 12

DEPENDÊNCIA EM COIMBRA: RUA FERREIRA BORGES, 15

COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

A EMPRESA PREDIAL NORTENHA, chama a atenção de todas as pessoas interessadas numa EFICIENTE E RENDOSA APLICAÇÃO DE CAPITAIS, para o facto de estar apta a colocar quaisquer quantias, por meio de financiamento em transacções hipotecárias e SEMPRE EM 1.ª HIPOTECA. Estas transacções dão um juro adiantado de 8% e, gratuitamente, tem o interessado toda a assistência da n/ parte, desde a avaliação das propriedades a onerar, até ao completo reembolso do capital. As inúmeras transacções deste género, realizadas por n/ intermédio em todo o País, são a afirmação do cuidado e garantias que só uma grande Empresa pode oferecer. Por isso e no v/ próprio interesse, consultem a

EMPRESA PREDIAL NORTENHA COLHAM REFERÊNCIAS

PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º — TELEF. 26706-30181-31038
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — TELF. 362228-366731-366812

PROPRIEDADE HORIZONTAL

NA DAMAIA

Rua General Fernando Tamagnini, lote 160
Avenida Padre Himalaia, lotes 78-90-92
140.000\$00 a 160.000\$00

Magníficas habitações com 3 e 4 casas assoalhadas em prédios modernos de boa construção e impecáveis acabamentos
PRONTOS A HABITAR E A FAZER ESCRITURA

Mostram-se nos locais todos os dias

EM LINDA-A-VELHA

Avenida do Brasil, lote 7

Habitações de 3 boas casas assoalhadas em prédio moderno. Óptimo local. Restam poucas fracções. A 155.000\$00

Mostra-se no local

NOTA: Os preços acima indicados são com sisa e escritura a cargo dos vendedores

TRATA

F. FERNANDES & COSTA, L.ª

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 104, 2.º — LISBOA
Telefs. 736111/2/3

CAPITAIS

AO COMÉRCIO

Está a terminar o prazo para o registo das sociedades e demais actos correspondentes. Consulte: INTERPOSTO DO CONTRIBUINTE, Rua da Glória, 63, 1.º, D. — Tel. 368987.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

Capitais

Precisa-se

1.ª hipotecas de prédios em Lisboa e Arredores, ao juro da lei. Laranjo, Alegro & Garcia, Lda. — Praça da Alegria, 58-2.º — Telef. 26718.

IBERIA-EXPRESSO

Comunica-nos a C. P. que por motivo da mudança da hora legal e com o fim de assegurar a necessária ligação, na estação de Fuentes de Oñoro, é antecipada de 1 hora, no dia 1 de Outubro próximo, a marcha do comboio «Iberia-Expresso». A partida deste comboio de Lisboa (Santa Apolónia) no citado dia far-se-á, portanto às 22 e 25.

Sociedade «ESTORIL» VENDA DE BILHETES PARA OS COMBOIOS DOS DOMINGOS

Esta venda começa-se a fazer às sextas-feiras na estação do Cais do Sodré.

Aos domingos, tanto do lado da Avenida 24 de Julho, como do lado do Jardim, funcionarão outras bilheteiras destinadas aos Srs. passageiros que se dirijam a Santo Amaro, Oeiras, Carcavelos e Cascais, mantendo-se nas bilheteiras normais a venda para todas as estações.

PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS

Rigorosa técnica de adaptação a actuar com os mais aperfeiçoados e recentes modelos. Eficiência comprovada. Garantia absoluta. APARELHOS ORTOPÉDICOS, CINTAS MEDICINAIS E ORTOPÉDICAS, FUNDAS, MEIAS ELÁSTICAS, BENGALAS, MULETAS, ETC. CADEIRAS E CARROS PARA DOENTES.

CONSULTE O:

CENTRO ORTOPÉDICO

RUA DO ARCO DA GRAÇA, 51
(á entrada do Hospital de S. José)

Telef. 861925
LISBOA

Senhores Proprietários e Capitalistas:

Na compra de Propriedades, Quintas, Prédios de rendimento, Moradias, Terrenos para construção em Lisboa, arredores ou em qualquer parte do País, antes de efectuarem qualquer transacção consultem sempre

A ALENTEJANA

qualquer propriedade em que esteja interessado. Trata de todo o serviço nas Repartições Públicas com pessoal competente.

• A única organização que tem advogado privativo. Não faça pois qualquer transacção sem primeiramente consultar a A ALENTEJANA, na Praça da Alegria, 6-2.º, Esq.ª. Telefones 366662-366087 — LISBOA

que também se encarrega da colocação dos vossos capitais em hipotecas, ao juro da lei. A ALENTEJANA é a mais completa organização do País ao serviço de V. Ex.ª. Em carros desta casa sem dispêndio algum para V. Ex.ª poderá ver

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

CARRO USADO: em estado de conservação e de mecânica impecáveis a preço módico, vende-se com facilidades de pagamento. CITROËN 2 CV. Tratar pelo Telefone 26350.

CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCAS

DA
AUTO RALI, LDA.
CONCESSIONÁRIOS

FORD

STAND
Automóveis. Chandler Limitada

Rua Rodrigues Sampaio, n.º 43
Telefone 45996

OPEL CARAVAN 1700 ...	EA-32
PREFECT	DC-23
ARMSTRONG	CH-17
FIAT 600	GD-87
CITROËN DS 19	CI-60
FIAT 1100	CI-34
B. M. W.	HE-60

FURGONETAS	
MORRIS MINOR STATION	IA-23
THAMES utilitária	EC-53
FORDSON 350 kg	EC-16
CITROËN 2 CV	HI-10
MORRIS	HD-13

Há mais unidades em stock
Facilidades de trocas e pagamentos

DINHEIRO EM UMA HORA

Sobre automóveis, em condições e facilidades únicas

COLHAM REFERÊNCIAS
NORTENHA
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º
366731/366812

ALUGUER:

■ AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 89-A. Telef. 50060.
■ LARGO ST.ª BARBARA, 5-B. Telef. 734657.

AUTOS DE ALUGUER S/ CONDUTOR SO AUTO

aluga, como novos, Taunus, 17-M. Neckares, NSU, 600. L.ª de St.ª Bárbara, 5-B, Tel. 734657.

AUTOS DE ALUGUER S/ CONDUTOR AUTOMÓVEIS AMOREIRAS

Ricos carros a ópt. preços. Volkswagen, Rekord, Chevrolet, etc. Avenida João Crisóstomo, 89-A. Telefones 50060 e 51047 (Junto à antiga Feira Popular).

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS a realizar NO MÊS DE SETEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do presente mês, as feiras, festas e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

TORTOZENDO—Feira Anual, no dia 29.

SOUSEL—Feira Anual, nos dias 29 e 30.

FAMALICÃO—Feira Anual, nos dias 29 e 30.

CORUCHE—Festas e Feira de São Miguel, nos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

FIAT

AGENTES OFICIAIS DAS PEÇAS FIAT

para LISBOA

STOCK PERMANENTE PARA OS PRINCIPAIS MODELOS

peças legítimas

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA e FEIRA DE SÃO MATEUS em ABRANTES

(nos dias 24 de Setembro a 2 de Outubro de 1961)

A C. P. vende nos próximos dias 23 do corrente a 2 de Outubro para a estação de Abrantes, bilhetes especiais, de ida e volta, a preços reduzidos, nas estações e apeadeiros desde Entroncamento até Belver e até Torre das Varagens.

AR CONDICIONADO

COM CONDICIONADORES



silenciosos
resistentes
económicos

Eng.º J. Nunes Correia
R. DO ALECRIM, 29 — TEL. 30901/4 — LISBOA
R. DA FIRMEZA, 482 — TEL. 28034 — PORTO

A SUÉCIA

pedirá em Novembro a sua admissão

no Mercado Comum

ESTOCOLMO, 28. — A Suécia deve pedir em Novembro a sua admissão no Euromercado — afirmou hoje um informador autorizado, declarando que os planos do Governo sueco sobre o assunto foram ontem debatidos numa reunião da Comissão de Política Externa, organismo consultivo que usualmente dá o seu parecer ao Governo de Estocolmo antes que este tome qualquer decisão importante.

O mesmo informador sublinhou que o Governo sueco estava pronto, há já algum tempo, a enviar o pedido de admissão no Euromercado, decidindo, porém, precedê-lo de um debate parlamentar a realizar provavelmente a 30 de Outubro.

Entretanto, estão a ser revistas as conclusões das conversações realizadas entre a Suécia e os seus parceiros neutrais da E. F. T. A. — Suíça e Áustria — relativamente às possíveis negociações a celebrar com os países do Euromercado.

As conversações entre a Suécia, a Áustria e a Suíça devem prosseguir em Genebra no próximo mês. — (A. N. L.).

Feira de S. Miguel em Penela

PENELA, 28 (Pelo telefone). — Começou, hoje, a tradicional feira de S. Miguel, que foi anunciada em toda a vila com toques de alvorada pela Filarmónica Penelense, seguida de uma salva de morteiros.

Às 21 horas, exibir-se-á o Rancho Folclórico Infantil de Almeirim e o Rancho Típico de Pallão.

Amanhã, às 9 e 30, é esperado, nesta vila, o ministro do Interior, que vem reunir-se com o governador civil do distrito e os presidentes das Camaras. Depois desta reunião, o ministro do Interior visitará a povoação de S. Sebastião.

«Sir» Stanley Rous presidente da F.I.F.A.

LONDRES, 28. — «Sir» Stanley Rous, da Inglaterra, foi eleito presidente da Federação Internacional de Futebol (F. I. F. A.). — (F. P.).

Em ALCANENA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

cinema de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — Às 21: «A mulher e o fantoche» e «O vale das mil montanhas» (17 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — Às 21: «O ladrão do Grande Hotel» (17 anos).

PARADE — Royal-Cine — Às 21: «Salomão e a rainha do Sati» (17 anos).

ESTORIL — Casino — Às 21 e 30: «Katia» (17 anos). Cine-Esplanada — Às 21 e 30: «O gendarme desconhecido» (12 anos).

CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «Os 11 do Oceano» (17 anos). Académico — Às 21: «Viagem de Noivos» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto da Silva, 81-83 (Tel. 012048).

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 042039).

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 043058).

PARADE — Brandão — Av. da República, 77 (Tel. 047054).

ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira J. A. 15 — Alto Estoril (Tel. 060116).

CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento, 19 (Tel. 080141).

ESPECTÁCULO A FAVOR DAS VITIMAS DE ANGOLA

E' já no próximo sábado que se realizará, no Pavilhão dos Desportos, gentilmente cedido pela Camara Municipal de Lisboa, o espectáculo para apresentação ao publico da capital do «Conjunto Assis», notável agrupamento folclórico angolano que se encontra, há algum tempo, entre nós, a fim de angariar donativos para as vítimas dos acontecimentos em Angola.

O «Conjunto Assis», que ainda há alguns dias se exibiu, com assinalado êxito, perante os Congressistas da União Seguradora Marítima, num jantar que reuniu mais de oitocentos convivas e que se realizou na Feira Internacional de Lisboa, vai ter agora a oportunidade de contactar, directamente, com o grande publico lisboeta.

Os bilhetes para este espectáculo serão postos à venda num dos próximos dias.



FRIMATIC

lança a NOVA
Moda Prestige

Sem aumento de preço!

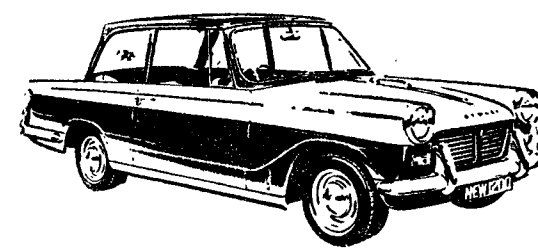
CORES ALEGRES E VIVAS

Representante geral
POLAR
RUA DE VENEZA, 10-12
PEDROS-IRMÃOS, Lda.
R. da Sufia, 141-171 • COIMBRA
J. ROCHA
R. de S. Antonio, 175 • PORTO

FRIMATIC NÃO SO, NÃO AUMENTOU OS PREÇOS, COMO CONTINUAM SENDO OS MAIS ACESSÍVEIS NO MERCADO

VENHA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES FRIMATIC

AGORA POR ESC. 60.867\$00



O NOVO

TRIUMPH

herald 1200

carro utilitário de grande luxo

Importadores:

AUTO-PUMA, LDA.
R. Castilho, 167-A
LISBOA

STOCK, LDA.
R. Santa Catarina, 1391
PORTO

**Defenda a sua saúde,
combatendo o excesso
de peso com**

*** * ***
minVitine

O excesso de peso é prejudicial à saúde, visto que sobrecarrega inútilmente o organismo.

O novo alimento MINVITINE permite que se liberte rapidamente do excesso de peso.

Sem sensação de fome
Sem perda de energia

O princípio da cura de emagrecimento MINVITINE consiste na substituição das refeições normais por refeições MINVITINE.

Cada refeição MINVITINE fornece apenas ao organismo 225 calorias. Como esta quantidade não chega, o organismo vê-se pois obrigado a ir buscar as calorias de que necessita às suas próprias reservas, ou seja às gorduras que as pessoas fortes têm em excesso. A MINVITINE actua, pois, por simples redução calórica, mas, em contrapartida, fornece ao organismo todas as vitaminas, sais minerais e albuminóides de que ele necessita.

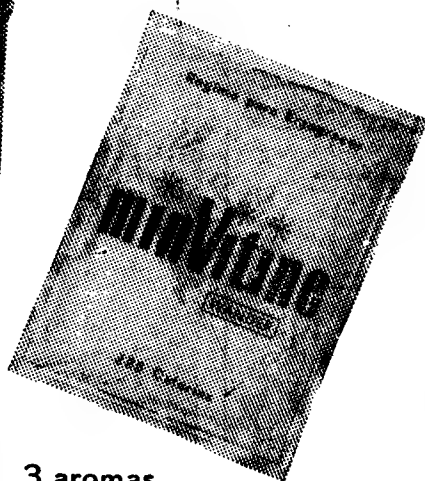
A MINVITINE tem um grande poder saciante, evitando assim toda e qualquer sensação de fome. A energia não diminui, antes pelo contrário, aumenta à medida que o organismo vai perdendo peso.

A perda de peso atinge cerca de 250 g por dia, no caso de **regime estrito**: substituição das refeições normais por 4 refeições MINVITINE de 225 calorias, cada uma.

O regime moderado (substituição diária de 1 ou 2 refeições normais por 2 refeições MINVITINE) provoca uma perda de peso suave de cerca de 1 quilo por semana.

O regime ocasional permite manter o seu peso.

Pode confiar na MINVITINE. A MINVITINE é um alimento dietético WANDER, o fabricante da mundialmente conhecida OVOMALTINE.



3 aromas
de paladar muito agradável:
Café, Chocolate, Neutro.

À venda em latas de 225 grs. dando para 4 refeições a Esc. 32\$50
e em caixas de 8 carteiras para 8 refeições individuais a Esc. 60\$00

Pode confiar na minVitine. A *** * ***
minVitine é um alimento dietético WANDER fabricante da mundialmente conhecida **OVOMALTINE**

A modernidade de Shakespeare

(Continuação da página central)

seu movimento os destinos individuais, tantas vezes capazes de lhe mudarem o curso, quando entendem a deriva da corrente, ou de o aprisionarem transitoriamente no triunfo do seu próprio capricho. As consequências do acto ressurgirão mais tarde no desenvolvimento do esquema dramático, mas, no mundo hábil em que vivemos, o homem é a medida de todas as coisas. Quer sejam as molas que o impelem as da ambição do mundo político, como em Ricardo III, ou em Macbeth, cuja usurpação vai contra a «necessidade» histórica da unidade nacional, quer sejam elas ainda a incompreensão do Mundo em que se vive, esse logro de existir, como em Lear ou em Othello, o homem só responde perante si próprio. As incertezas e as agonias da escolha são vividas à medida da sua própria grandeza.

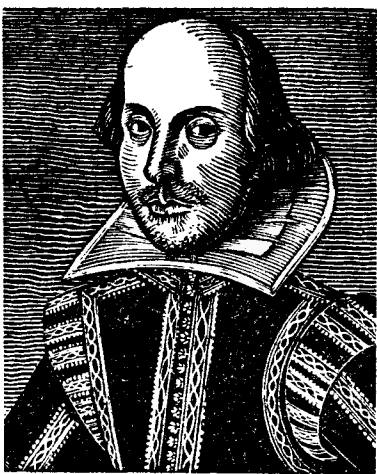
Cabe a Shakespeare e aos Isabelinos esta atitude arrojada de recuperação do humano em face da tragédia antiga. Ao passo que no mundo cruel em que Edipo sucumbiu se mantêm as leis ocultas que os deuses estatuíram, Shakespeare põe em causa a ordem do Universo. Na tragédia clássica o homem pode cair, mas os deuses ficam de pé. No drama shakespeariano o homem é agente do seu destino e é só devido à sua própria actuação por não entender ou não saber prever os actos dos outros, que se deixa enredar nas malhas do aconterecer. As forças destinais que lhe comandam a sorte, quando elas prorrompem na intriga dramática, são menos fruto do acaso do que da falta de lucidez. E esta fraqueza não é só por insuficiência do entendimento mas também pela complexidade das paixões que o sitiam constantemente. O plano que deria a felicidade a Romeu e Julieta é gorado pelo concurso de um incidente do acaso e pela torrente de paixões que ele desencadeia. No fundo é o sentido da responsabilidade do homem (se excluirmos, claro está, as peças do poeta em que a preocupação metafísica e o jogo da fantasia tornam a interpretação plurivalente), que avulta no teatro de Shakespeare,

bem como desse outro extraordinário dramaturgo que é Marlowe.

Ora as filosofias da existência e a dramaturgia do nosso tempo chamam insistentemente a atenção para estes aspectos, que são uma das molas capitais da acção no teatro de Shakespeare. O problema da escolha é sucessivamente reposto pelas suas personagens com sentido e implicações diversas. A consciência de um estar em «projectos», prorrogando a cada instante a moratória que adia a execução da pena do destino, adquire por vezes, em Hamlet, uma percutiente angústia, que se avizinha singularmente da que é experimentada por Antoine Roquentin na *Náusea*, de J. P. Sartre. Mas a riqueza e a complexidade da obra shakespeariana apresentam múltiplas facetas que se reflectem no simbolismo e na fascinação da magia (*A Tempestade*), no bobo de *Lear*, consciência reflexa da solidão do velho dementado, que lembra, na sua recusa de toda a ilusão, no seu rompimento com as sucessões lógicas e temporais, uma das personagens de Samuel Beckett.

Por outro lado, em Shakespeare, reflecte-se também o sentido do absurdo, embora de um modo diferente e em graus diversos daquele que encontramos num Heidegger. É o absurdo do mundo em que vivemos que levam *Lear* e *Othello* à loucura. Mais próximo ainda da «metafísica» heideggeriana — o reconhecimento lucido da absurdidade da existência, ou seja, uma das reacções possíveis do homem perante a náusea — está o comportamento de lago no *Otelo*. Alimentando o enredo de acordo com a convencional orientação dramática e fazendo, ao mesmo tempo, uma experiência sobre as causas e as consequências do ciúme, lago desenrola a intriga no plano lírico do qual permanece até o fim uma contra-figura ao mesmo tempo irónica e agressiva. A particularidade desta sua função foi penetrantemente salientada por um notável crítico shakespeariano, Henri Fluchère.

Outra faceta desta singular modernidade do poeta revela-se no enquadramento da acção individual com a corrente de um movimento histórico. As maquinações do cardeal Wolsey no *Henrique VIII*,



SHAKESPEARE

assim como as de um Macbeth, são inseparáveis dos acontecimentos e da história do mundo em que vivem. Estes fios subtils que enleiam o indivíduo ao meio social integram-se com justeza no jogo dramático de Shakespeare, que assim precede, de longe, o teatro de Brecht. A vida do Galileu de Brecht é inseparável da política das repúblicas italianas e do poder papal que nelas comanda. A queda de Wolsey é provocada pela sua oposição ao soberano britânico, convencido de que favorecerá a sua ambição ao sólio pontifício, quando tomava o partido da rainha, Catarina de Aragão. Há ainda em muitas obras de Shakespeare uma captação vigilante dos sintomas de desagregação, que vão minando sub-repticiamente a ordem estabelecida. A subversão dessa ordem, então factor impeditivo da centralização do poder nacional, tem dado azo a interpretações brilhantes, que só pecam pela descontinuidade que estabelecem entre a necessidade histórica da época isabelina e a de outras eras. Mas o sentido de crise e de angústia é bem nosso.

É por todas estas razões, necessariamente rápidas e apenas esboçadas, que a obra de Shakespeare tem para nós uma actualidade premente. Ela responde a muitas das nossas preocupações, força-nos a uma nova meditação e abre-nos surpreendentes perspectivas que até aqui haviam sido ignoradas. Daí a sua universalidade e a sua presença na consciência do nosso tempo, tornando imperativa a sua leitura e a sua representação entre nós.

O imposto de consumo

(Continuação da página central)

ou de luxo, ou em quaisquer das suas dependências ou anexos.

Como a expressão «casas de chá» está definida pelo S. N. I., os signatários da exposição acentuam que o problema está em esclarecer se as pastelarias, confeitarias e leitarias poderão ficar legalmente classificadas como *casas de chá*.

Ora, em face de toda a legislação que diz respeito a este assunto, parece não poder restar qualquer dúvida de que assim não é. Com efeito, dizem, a lei n.º 2073, de 23 de Dezembro de 1954, que conferiu aos Serviços de Turismo do S. N. I. competência para designar os estabelecimentos hoteleiros e similares, estabelece que essas designações são: «Restaurantes e casas de pasto; *casas de chá*, cafés, cervejarias e botequins (bares); «cabarets» e salões de dança («dancing»).

Estipula ainda a mesma lei que

CORPORAÇÃO

DA INDÚSTRIA

Sob a presidência do sr. Frederico Gorrão Henriques, vice-presidente em exercício reuniram-se, na sede da Corporação da Indústria, os industriais refinadores de açúcar do Continente, a fim de designarem um seu representante para fazer parte da comissão criada por despacho conjunto dos ministros do Ultramar e da Economia e secretário de Estado da Indústria, que irá definir o regime açucareiro a partir do ano cultural de 1966-1967.

Estiveram presentes ou representadas quase todas as firmas existentes, ao todo 21, que designaram o sr. eng. Manuel Alves da Silva, sócio-gerente da Refinação de Açúcar e Confeitaria de Belém, Lda., para fazer parte da referida comissão.

O sr. eng. Manuel Alves da Silva é presidente da Corporação do Comércio, procurador da Câmara Corporativa, vereador da Câmara Municipal de Lisboa e foi presidente da direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Confeitaria.

«as designações e classificações atribuídas aos estabelecimentos hoteleiros e similares serão publicadas no «Diário do Governo», dizendo-se noutra disposição que «em todos os diplomas e mais documentos emanados do Estado e dos Corpos Administrativos e bem assim dos organismos corporativos e de Coordenação Económica, observar-se-ão sempre e apenas as designações constantes desta lei».

Ora, o S. N. I. acrescentam, «arrogando-se competência de designação dos estabelecimentos de pastelaria, confeitaria e leitaria já existentes à data da publicação da referida lei, bem como dos que posteriormente se criarem, os designou por *casas de chá*, sem atender, porém, ao preceituado no disposto no § 2.º do mesmo artigo 1.º da referida lei, que determina: serão definidas em regulamento, provido o respectivo organismo corporativo, de características e requisitos mínimos dos estabelecimentos a que corresponde cada designação e classificação».

E afirmam: «Dado que o regulamento referido na lei não foi publicado, nem existe a designação efectuada pelos Serviços de Turismo, é puramente arbitrária e não surte quaisquer efeitos jurídicos».

Segundo, depois, um raciocínio perfeitamente claro e baseado numa série de disposições em vigor, os signatários dizem que «considerando que nos estabelecimentos em causa se não consomem artigos supérfluos ou de luxo, nem se prestam tais serviços, lógico é concluir que neles se não deve cobrar o aludido imposto».

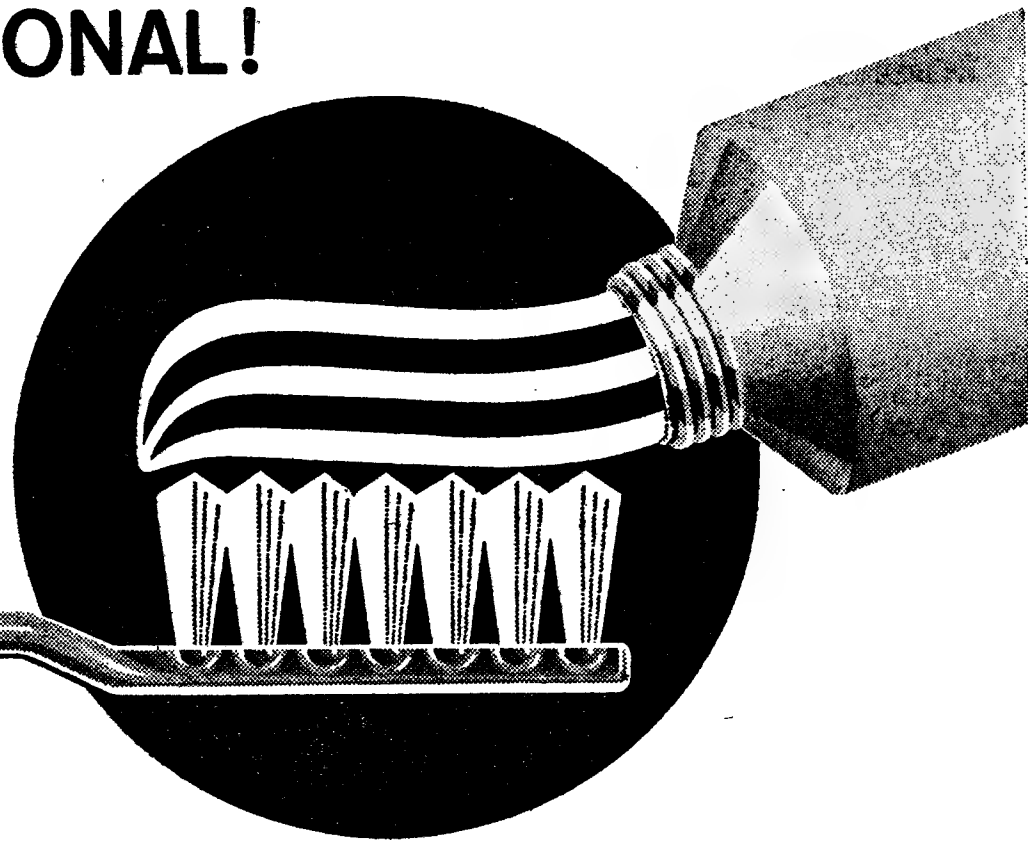
Ao terminarem, os proprietários das pastelarias, confeitarias e leitarias manifestam o desejo de que sejam emitidas, pelo Ministério das Finanças, instruções para que estes estabelecimentos não sejam abrangidos pelo diploma relativo ao citado imposto, visto que «o sr. ministro das Finanças, ao criar o imposto de consumo, só quis tributar consumos e serviços referentes a artigos supérfluos e de luxo, mas não provocar directa ou indirectamente um aumento do custo de vida neste sector da alimentação publica».

PROGRESSO SENSACIONAL!

Signal

o dentífrico

com elixir nas riscas



Para salvaguardar completamente a saúde de toda a sua boca, V. tem agora Signal que é dentífrico e elixir ao mesmo tempo. Signal contém nas riscas vermelhas um poderoso elixir, à base de Hexaclorofene, que actua em toda a boca como um anti-séptico; acção essa que completa a limpeza perfeita realizada pela pasta branca de Signal. Por isso, além de dar aos seus dentes a brancura cintilante que tanto os embeleza, Signal purifica toda a boca, graças ao Hexaclorofene das riscas vermelhas. Passe desde já a usar Signal e garanta a si e a toda a sua família a perfeita pureza da boca que tão benéfica é para si e para os outros. E com Signal é fácil convencer as crianças a lavar os dentes — elas adoram o aspecto e agradável sabor deste maravilhoso dentífrico.

Signal DÁ-LHE PUREZA TOTAL DA BOCA



A situação do pessoal da indústria hoteleira

(Continuação da página central)

Há muitos colegas meus a quem só falta tirar o dinheiro dos bolsos dos clientes, pois servem-se de todas as artimanhas. Ora isto não nos deixa bem colocados. Mas não será isto legítimo? Como se concebe que um profissional tenha de mendigar do cliente a paga do serviço que lhe presta?

É claro que, como nem todos têm feito para mendigar, lá ficam prejudicados nos proventos a receber por um trabalho digno.

Agradeço-lhe, sr. director a atenção dispensada e muitos anos de vida é que eu lhe desejo e a todos os que se batem por uma causa justa como a nossa.

A impossibilidade de fiscalizar a percentagem cobrada

Nesta outra carta, levanta-se um problema delicado:

«Pedem-se há muito providências a quem de direito, sem que se vislumbre uma forma de elas serem concretizadas. Dar-se-á o caso de alguns hoteleiros possuírem forças irresistíveis, capazes de sempre impedirem esta infeliz classe de poder usufruir os seus pequenos direitos?»

Deixemos os problemas dos horários e outros, já esclarecidos de modo a que o publico possa julgar por si. Somos, porém, obrigados a insistir numa coisa que sempre temos pedido — a integral satisfação daquilo que já nos é concedido por um contrato antiquado e desumano.

O grupo que se lhe dirige representa aquela parte de 60 % do pessoal gratuito, ou seja sem qualquer ordenado fixo. Tomaram os proprietários o compromisso de a sua remuneração ser feita pelos tais 10 %, cobrados nas contas dos clientes. Infelizmente, há estabelecimentos que não fazem a cobrança. Também existem hotéis que só procedem a ela fora dos prazos indicados pelo tal infeliz acordo ou contrato. As contas não são cobradas todos os oito dias, pelo menos a alguns hóspedes. A outros, a cobrança é feita ao fim de dois,

três, quatro meses ou mais e o pessoal nunca poderá saber se a conta foi ou não recebida, pois não lhe é dada qualquer satisfação.

Em resultado de tal organização de serviço, sucede haver empregados que trabalharam para esses clientes e, tendo deixado de prestar serviço nesse hotel, por qualquer motivo, nunca chegam a ser reembolsados da dita importância. Pergunta-se, e com razão, porque se não obrigam os proprietários a pagarem dos seus cofres as importâncias que, por sua culpa, deixaram de ser cobradas aos clientes em devido tempo?

Hoteleiros há que, em sua defesa, apregoam estar bem remunerados o pessoal! Querem, com essa afirmação, sugerir que estão a par dos hotéis com gerências estrangeiras — os únicos que cumprem integralmente o estipulado no velho contrato, quanto a alimentação, remunerações, meios de segurança e higiene do pessoal.

Alguns escudos de gratificação por despesas de centenas

E ainda esta: «Eu e meus colegas vimos por este meio agradecer a V. a atenção que tem prestado a este assunto».

Nós, empregados de mesa na indústria, não temos ordenado, nem sequer a firma onde trabalhamos nos autoriza a meter a taxa de serviço, que aliás nos é devida. Certas contas chegam a atingir duzentos e trezentos escudos e o cliente apenas dá uns míseros dez ou quinze tostões, visto nós não poderemos incluir a respectiva taxa. Muitas vezes, o cliente está convencido de que a taxa já está incluída.

Como se este facto não fosse já altamente lesivo dos nossos interesses ainda há clientes desonestos, que comem e bebem, e fogem sem pagar a respectiva conta. E somos nós, empregados, que temos de pagá-la á caixa!

Não acha que seria bem imposta a obrigatoriedade de cobrança da taxa de serviço?

Parece-nos ser a única solução para este problema».

O PORTO pelo telefone

Obras da cidade visitadas esta manhã pelo secretário da Indústria

PORTO, 28 (Pelo telefone).—O secretário de Estado da Indústria esteve hoje nesta cidade onde efectuou várias visitas. Acompanhado pelo director-geral de Minas e Serviços Geológicos, eng.º Castro e Solla, e pelo chefe da Circunscrição Mineira do Norte, eng.º Soares Carneiro, visitou a rede dos serviços da Circunscrição Mineira e a do Fomento Mineiro, na Rua Santos Pouzada.

Depois, acompanhado do eng.º Guimarães dos Santos, director dos Serviços de Fomento Mineiro, visitou as futuras instalações daqueles serviços na Amieira, junto á «Via Norte». Trata-se de um amplo edificio que ocupa uma área de 1130 metros quadrados, com 4 pisos, projectado e construído propositadamente para o fim a que se destina e que se encontra quase concluído.

LILY PONS abandona o «Metropolitan» após trinta anos de actividade

NOVA YORK, 28. — O nome de Lily Pons não figura, pela primeira vez desde que a diva se estreou em 2 de Janeiro de 1931, em Nova York, no elenco dos artistas do «Metropolitan», ontem publicado. Deste modo, confirma-se a notícia, que já corria há algum tempo, de que a artista pretendia aposentar-se.

Lily Pons, que participará na próxima semana numa «soirée» de gala na Opera de San Francisco tem a intenção de continuar a cantar em publico «uma vez por outra». — (F. P.).

Já completamente montado e a funcionar em regime de ensaio existe, num anexo, uma cavarria-piloto de preparação mecânica de minérios, com laboratório que compreende uma área de 1110 metros quadrados.

Graças ás novas instalações, o Serviço de Fomento Mineiro poderá, em breve, dar integral cumprimento á sua missão que consiste na prospecção e pesquisa de jazigos de minério, inventariação das suas reservas e estudo do beneficiamento dos respectivos minérios.

Em ultima fase, depois de construído o edificio, serão também construídas oficinas de serralharia e carpintaria, garagens, refeitórios, etc.

O secretário de Estado da Indústria percorreu demoradamente as instalações, tendo-lhe prestado todos os esclarecimentos o sr. eng.º Guimarães dos Santos.

Foi preso quando se preparava para fugir com o dinheiro roubado

O sr. Alberto Oliveira Salomé, sócio-gerente de uma tipografia e encadernação, do Campo dos Mártires da Pátria, incumbiu o seu empregado, Joaquim Almeida da Silva, residente na Rua do Zambeze, de ir levantar a um banco desta cidade, três cheques no valor de 72 contos, que deveria depois depositar noutros estabelecimentos bancários. Aconteceu que aquele empregado levantou o dinheiro, ausentando-se depois para parte incerta. Ontem, cerca das 23 horas, estava o sr. Alberto de Oliveira na estação de S. Bento quando viu o Joaquim da Silva a comprar um bilhete para Lisboa. Chamou um guarda, que prendeu o infeliz empregado, o qual na

1.ª esquadra confessou o abuso de confiança que praticara, sendo-lhe apreendidos ainda cerca de 69 contos e uma mala com roupas que comprara.

Doença súbita e mortal

No Albergue Distrital da Mendicidade, onde se encontrava internada, foi acometida de doença súbita e mortal a sr.ª Joaquina Rosa Ribeiro, de 65 anos, solteira.

Queda de uma bicicleta

Ao Hospital de Santo António, recolheu o carpinteiro José Oliveira Rodrigues Pereira, de 26 anos, residente em Crestuma, Gaia, que caiu de uma bicicleta, sofrendo traumatismo craniano.

Espectáculos de amanhã

SA DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — Uma bomba chamada Eteivina» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30 — «Raça» (17 anos).
RIVOLI — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Suspeita» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e ás 21 e 15: «Momento de perigo» e «Pala negra» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Paris, etc. e tal» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Diplomata em apuros» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «O mata sete» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e e ás 21 e 30: «Traficantes» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Noites de Rasputine» (17 anos).
S. JOAO — As 15 e 30 e 21 e 30: «Um trono para Cristina» (17 anos).
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30: «O capitão Moyan» (12 anos).

O «DIÁRIO de Lisboa» encontra-se á venda a partir das 21 horas, nas tabacarias de MATOZINHOS, FOZ, AVENIDA DA BOA VISTA, RÔTUNDA DA BOA VISTA, CARVALHOSA, PRAÇA MARQUES DE POMBAL, RUA DE COSTA CABRAL, CONSTITUIÇÃO, PRAÇA DA REPUBLICA e BOMFIM.

todos de acordo...



...sobre a roupa interior

Máximo de conforto, de bem-estar de saúde e mínimo de trabalho: eis o que lhe garante esta etiqueta concedida pela Sociedade Rhovyl á roupa interior de todas as marcas que, composta de clorofibras Rhovyl puras ou combinadas, satisfaça os contrôles efectuados por esta sociedade.

A clorofibra Rhovyl — a mais apropriada a todos os climas e a mais sã das fibras têxteis conhecidas — tonifica a epiderme, evita e afasta as «dores».

É fácil manter branca a roupa interior «recomendada por Rhovyl»: basta lavar em água fria ou tépida, com um detergente moderno e não precisa ser passada a ferro.



o têxtil do bem estar e da saúde

A vida num outro mundo

(Continuação da página central)

mais as atraem quando eles executam as suas cabriolas inocentes. O «Skansen» é ainda o local onde toda Estocolmo celebra o seu «Midsommar».

«Midsommar»

das superstições...

Traduzindo, «Midsommar» é «meio do Verão». Rigorosamente, contudo, o que os Suecos festejam é a chegada do Estio ou, ainda com maior propriedade, a vinda do Sol a esta terra que passa a maior parte do tempo envolta na penumbra e dominada por um clima melancólico.

A magia do «Midsommar» atinge a alma do povo. Depois do Natal é talvez a época mais feliz da Suécia. A das maiores deslocações humanas, da mais intensa circulação dos transportes, da mais fecunda produção literária e musical e do maior número de promessas amorosas. Fundamentalmente, a da mais profunda comunhão em torno da Natureza.

Na noite de São João os Suecos bailam canções típicas em redor de um gigantesco mastro florido. Todas as estrofes são de louvor ao astro-rei, ao Verão e às flores. É a noite mais clara do ano. Nela vigora uma estranha luz de azul e púrpura. É ainda aquela em que sempre acontecem coisas fantásticas. Para sonhar com aquele que desejam, as raparigas colocam sete espécies diferentes de flores debaixo do travesseiro... Ou para «verem» o rosto de quem as tornará felizes por toda a vida correm a mirar as águas do lagozinho mais próximo...

O lirismo do «Midsommar» tem,

todavia, um cruel adversário — o álcool. Geralmente macambuzios, os Escandinavos aproveitam todas as oportunidades festivas para beber. Segundo um próprio humorista nórdico, quando um dinamarquês toma três copos de vinho começa a cantar; quando bebe seis fala fluentemente o inglês; e quando toma nove não quer mais, mas aceitará sempre um outro se alguém insistir... Quando um sueco bebe três copos convida alguém a comer com ele e, se ingere meia dúzia, inclui-o como membro da família, chamando-o de irmão; e quando toma doze chora desesperadamente... se o impedem de engolir outra dúzia.

Vinte e quatro alcoólicos em cada mil suecos

O problema do alcoolismo na Suécia é, porém, muito sério. Só no último fim de semana a polícia de Estocolmo prendeu 169 pessoas em total embriaguez, entre as quais 14 automobilistas e 40 desordeiros. E os jornais noticiaram o facto como «um «record» alarmante».

As cabinas telefónicas e os mictórios têm sempre garrafas de vinho ou de cerveja vazias. Três senhoras já idosas, de chapéu e porte burguês, todas de braço dado e fixando o chão, chocaram bruscamente comigo, á 1 da madrugada, e perguntaram-me onde era a rua em que precisamente, estávamos. Um repugnante hálito de álcool esclareceu-me...

Apesar de todas as disposições preventivas e compulsivas, os perigos do alcoolismo parecem não diminuir na Suécia. É proibida a existência de bares e tabernas e a entrega de bebidas alcoólicas sem

refeições nos restaurantes especialmente autorizados. E estes só as poderão servir depois do meio dia. A venda de vinhos, licores e cervejas fortes e efectuada por um organismo estatal, sem intuítos comerciais, e apenas entre as 9 e as 18 horas. O preço mínimo de um litro de vinho ordinário é de 30 escudos. A cerveja normal contém só 2,8 por cento de álcool. A publicidade a favor do consumo de vinho é limitada. Nas escolas e associações e através da imprensa, da rádio e da televisão desenvolve-se a apologetica da abstinência. Os estudos científicos e sociais do problema são permanentes. As punições para os inveterados severas. O «controle» das autoridades é rigoroso. Há 700 mil organismos de temperança, que dispenderam 104 mil contos em 1959, e cerca de 2500 leitos em 40 instituições especiais para tratamento dealcoólicos.

No entanto, quase 400 pessoas morreram o ano passado de cirrose no fígado. Em 1959, de cada mil habitantes, 24 eram controlados pelo Estado devido a embriaguez habitual e 14 responderam em tribunal por delitos derivados do álcool. Havia 79 mil indivíduos contactados e 46 mil doentes, dos quais 7216 internados. No mesmo ano, o consumo de bebidas por habitante foi de 3,07 litros de vinho, 5,88 de licores e 32,36 de cerveja.

Estes números tendem a aumentar, segundo os últimos apuramentos. As razões são muitas. Além do clima, da hereditariedade, da temperamentalidade, etc., inclui-se nela a subida do nível de vida do povo sueco, e em especial a melhoria dos salários dos jovens — que formam a maior parte dos desregrados. — C. F.

A visita do Chefe do Estado ao «Infante Dom Henrique»

(Continuação da página central)

que, dentro do nosso ressurgimento económico, representou a renovação da Marinha Mercante, que tanto ficou devendo à acção do almirante Américo Tomás, como ministro. Respondeu a várias críticas, entre as quais as dos que consideram aquele paquete «lucroso» de mais para as carreiras de África, como se os Portugueses que ali vivem e labutam não merecessem todo o conforto, e as dos que consideram anacrónico construir paquetes, na era do avião, quando, afinal, este não chega para tudo, e até no ponto de vista da defesa nacional, não pode substituir o barco, para transporte de militares e de material. Disse confiar no critério e no bom-senso do ministro da Marinha e dos dirigentes da Marinha Mercante, quanto aos destinos desta.

— E que o timoneiro forte que V. Ex.ª foi, como ministro da Marinha, e o timoneiro hábil que V. Ex.ª é, na direcção dos destinos da Nação, saiba levar esta a bom rumo, no mar encapelado e louco que é o Mundo de agora.

O presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante anunciou que dentro de três semanas, outro barco, do mesmo género, embora mais pequeno, será entregue, na Dinamarca, à Empresa Insulana de Navegação, para as carreiras de passageiros entre a Metrópole e as Ilhas Adjacentes — numa nova afirmação de que prosseguirá o nosso indispensável fomento marítimo: — A Marinha Mercante — afirmou — é a pedra basilar da obra da unidade nacional, moral e territorial.

Acentuou a contribuição que a Marinha Mercante deu para a causa da própria sobrevivência nacional, destacando o que ela deve ao almirante Américo Tomás e ao ministro da Marinha.

O almirante Quintanilha Mendonça Dias disse estar certo de que o almirante Américo Tomás fez esta visita com grande satisfação, como Chefe do Estado, como marinheiro e como ministro impulsor da renovação da Marinha Mercante.

Disse que, se não se tivesse procedido a essa renovação não haveria divisas que chegassem para pagar as companhias estrangeiras os indispensáveis transportes dos militares e do material destinados à defesa da integridade do território nacional.

— Não vi ainda qualquer programa, qualquer razão de peso, que nos obrigue a mudar de rumo.

E terminou, felicitando todos os artistas que, com tanto gosto e tanto êxito, trabalharam no paquete.

O Chefe do Estado afirmou que nada teria a acrescentar ao que disseram, com conhecimento de causa, entidades que à Marinha Mercante tanto têm dado, em dedicação e em entusiasmo.

Afirmou que, após esta visita, tinha o prazer de elogiar a concepção e a decoração do navio, pelos quais podem estar de parabéns a Companhia e o País, e que não podia deixar de dirigir uma palavra de agradecimento aos artistas que tanto deliciaram os olhos de todos.

Lembrou Bernardino Correia, fundador da Companhia, para quem o «Infante Dom Henrique» constituiu o último sonho da vida:

— É um barco bonito e vai ser imensamente útil ao povo português. A sua necessidade foi prevista há 10 anos. Passou-se muito tempo. Devia ter aparecido mais cedo ao serviço da Nação, como o seu irmão, o «Príncipe Perfeito». Não

vieram então; mas vieram agora. Esqueçamo-nos do atraso do tempo, e lembremo-nos apenas da realização verificada.

Acentuou que a entrada ao serviço do «Infante Dom Henrique» marca um progresso nítido sobre os barcos anteriormente empregados nas carreiras de África, e que, se nunca defendeu o luxo, entendeu sempre que era indispensável melhorar o conforto, melhorar as condições de viagem:

— «Para trás não se volta!» — escrevi muitas vezes. — Para trás não se voltará!

Lembrou as críticas feitas aos navios anteriores, acentuando que, entre nós, «tanto dizemos mal, como dizemos muito bem com a intenção de dizer mal»:

— E já que a Providência nos permitiu ter uma Marinha Mercante decente — graças a Salazar, a mim próprio, aos armadores, aos tripulantes, ao actual ministro da Marinha e à Junta Nacional da Marinha Mercante, temos também de possuir uma mentalidade decente, para encarar o aproveitamento destes navios nas suas verdadeiras finalidades.

Não devemos — disse — lembrar-nos de Santa Bárbara, apenas quando troveja:

— Trovejou na última guerra mundial. Trovejou em Angola. E é possível que venha a trovejar ainda mais, e mais intensamente. Por isso, não podemos estar à mercê de estrangeiros. Temos de nos bastar, para termos vida própria, para continuarmos a ser alguém no Mundo, como fomos no passado. Nunca perco a oportunidade de lembrar a todos, a começar pelos armadores, que a Marinha Mercante é uma necessidade nacional, um meio de vida da Nação, que tem de ser ajudado por todos. Não se compreende que volte a haver navios amarrados às boias do Tejo, para servirem apenas quando há uma necessidade urgente.

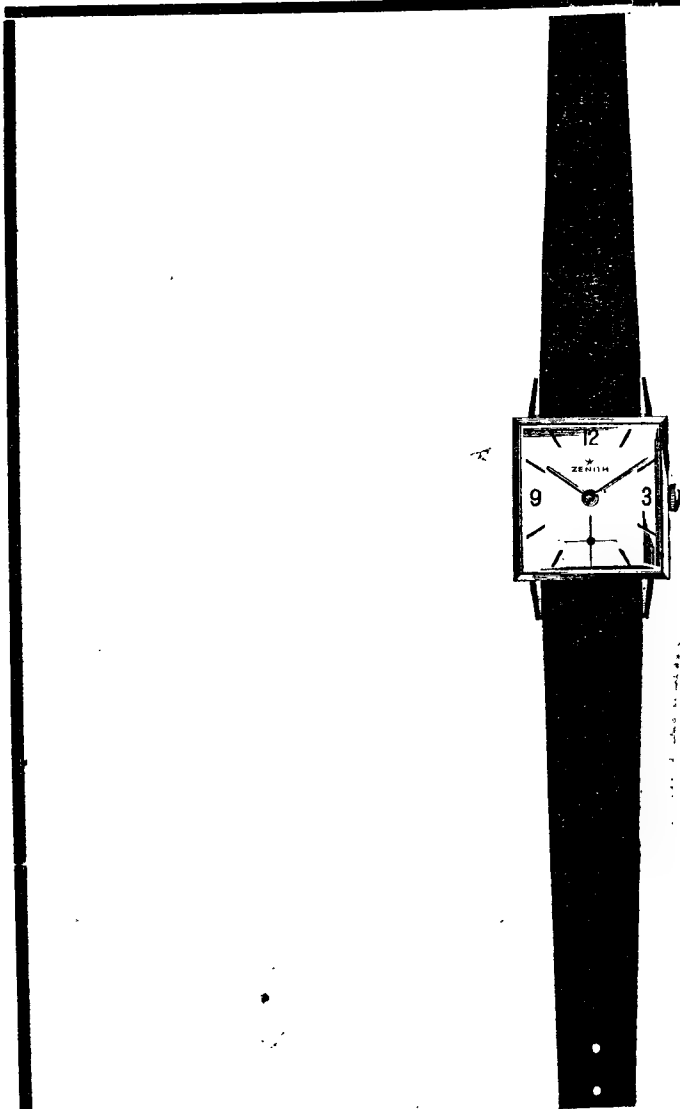
O Chefe do Estado abordou, depois, o problema da necessidade de construirmos todos os nossos navios em Portugal:

— Temos amplamente as possibilidades para isso. Possuímos engenheiros e operários. Podemos e sabemos construir, tão bem como os outros. Para isso é indispensável, porém, ter um estaleiro, no qual se construam e reparem todos os barcos — estes e os seus continuadores. Assim, ficará no País grande parte do dinheiro que, com tais fins, tem ido lá para fora.

Disse que se alegrou muito ao saber que o Grande Estaleiro Naval do Porto de Lisboa vai ser uma realidade:

— Tudo leva tempo a construir! Para ter o «Príncipe Perfeito» e o «Infante Dom Henrique» esperámos 11 anos. Para ter o estaleiro, já estamos à espera desde 1954, ano em que D. Manuel de Melo, que muito considero e estimo me apresentou o respectivo requerimento, dizendo que ele vinha de encontro às minhas sugestões, expressas em despachos e discursos. A ideia é dele. O seu requerimento visava tornar em realidade as minhas sugestões para uma construção digna do nosso País e do nosso passado marítimo:

— Que ele não se demore muito e que fique perto dessa grande obra que é a Siderurgia Nacional. Serão essas grandes obras que proporcionarão maior riqueza e maior bem-estar ao povo, farão calar a boca dos muitos «Velhos do Restelo» que ainda existem em Portugal».



Mais caro

Mais precioso

Mais exacto

Criação individual
Elegância perfeita de linhas
Superioridade da arte relojoeira
Famoso mundialmente desde 1865
Precisão atestada por 838 primeiros
prémios de Observatórios
São todas as qualidades que o conhecedor exige dum relógio fabricado e assinado por

ZENITH

CURSOS PRÁTICOS

— DE —

CORRESPONDENTES ESTENO-DACTILOGRAFOS

— EM —

PORTUGUÊS — FRANCÊS — INGLÊS

Ambos os sexos, a horas diferentes

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

Pedir folheto elucidativo à

ESCOLA PORTUGUESA DE COMÉRCIO

EXTERNATO

Director: Prof. MÁRIO DO CARMO PERES

40, Rua Antero de Quental, 42 — Telefone 42073 — LISBOA - 1

O movimento revolucionário sírio estende-se ao território do Egipto e o marechal Amer aderiu aos revoltosos — segundo revelou a emissora de Damasco

(Continuação da 1.ª página)

golpe de Estado, transmitido pela emissora local:

«Esta manhã, o vosso Exército, que era e sempre será o apoio vigilante da pátria, da sua segurança, liberdade e dignidade, sublevar-se-á para demolir a corrupção e a tirania e restituir ao povo os seus direitos legítimos».

«Proclamamos que este movimento nacionalista não tem féaldade alguma com qualquer personalidade ou classe particular. É um movimento que tende a modificar uma situação ilegítima».

«Povo árabe: confiai no vosso Exército. Somp fortes, com a ajuda de Deus. Batemos a todas as portas para obtermos reformas, antes de nos revoltarmos, mas não encontramos outro meio para nos livrarmos do explorador e trilhar o caminho da liberdade. Tivemos de recorrer á força para restituir ao povo a sua liberdade e ao Exército a sua dignidade. Doravante, não admitiremos que a bandeira do arabismo sirva de capa a qualquer situação ilegítima. Estamos prontos a derramar o nosso sangue. Tomamos o compromisso de viver dignamente».

O texto remata com a invocação: «Deus é grande. Honra aos árabes». — (F. P.).

OS REVOLUTOSOS DOMINAM A SITUAÇÃO

BEYRUTH, 28. — Um comunicado da Rádio Damasco afirma que os chefes do golpe militar detêm o domínio da situação e acrescenta que o movimento confia em que o povo sírio proteja os seus irmãos egípcios e os trate com gentileza. O «alto comando revolucionário esmagará» os sabotadores e os intrigantes.

O êxito do movimento — segundo aquela emissora — é completo em toda a Síria.

É tranquila a situação nas cidades e na província. Não se registou uma única baixa, graças á solidariedade entre o povo e o Exército. Entretanto, a Rádio do Cairo continua a retransmitir o discurso de Nasser, em que este declara que não dissolverá a República Árabe Unida e que ordenou ao I Exército que marchasse sobre Damasco. — (R. e F. P.).

JAMAL FEYSAL E SARRAJ A FRENTE DO MOVIMENTO

BEYRUTH, 28. — A Rádio de Damasco anunciou que o golpe militar triunfou sem ter sido disparado um tiro.

Depois de acusar o Governo de «atrair as responsabilidades nacionais» e de criar um Estado policial, o «alto comando revolucionário» anunciou: «Somos pela unidade árabe, desde o Golfo Pérsico ao Oceano Atlântico».

Segundo anunciou também a emissora, á frente do movimento separatista encontra-se o general Jamal Feysal, comandante supremo do Exército sírio, e Sarraj.

Foram lidos aos microfones telegramas de apoio dos diversos co-

MANIFESTAÇÃO

de automobilistas em ARGEL

ARGEL, 28. — Rebeldes argelinos raptaram e mataram o vice-presidente do Município de Boufarik, René Sprang, e seu filho Gerard, que foram encontrados com a garganta cortada — revelou a Polícia. Entretanto, os automobilistas de Argel obedeceram aos apelos da «Organização do Exército Secreto», para imobilizarem durante meia hora os seus automóveis, tocando com as buzinas as notas de «Algerie Française».

O trânsito no centro da cidade era, todavia, muito inferior ao normal, parecendo que muitos automobilistas deixaram os seus carros nas garagens. — (R.).

MOEDAS ANTIGAS

de ouro, prata e cobre. Compram-se aos melhores preços na Ourivesaria Santos Catita, Lda., Rua das Porta de Santo António, 44.

mandantes das regiões militares sírias. — (A. N. I.).

NASSER NÃO ESCONDE A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO

CAIRO, 28. — O presidente Nasser, ao falar pela rádio, para dar a conhecer ao povo da R. A. U. «que uma pequena força do Exército, tendo partido da base de Katana, ao Sul de Damasco, entre a fronteira israelita e a capital síria, ocupara a Rádio de Damasco e sitiara o alto comando do I Exército sírio», não escondeu a gravidade da situação.

«Encontramo-nos em face de acontecimentos muito mais graves que os de 1956 (o ataque ao Canal de Suez)» — declarou o coronel Nasser. «Hoje — acrescentou — são

Últimas notícias

A's 16 e 30

Interrompidas

as tréguas assinadas com o marechal Amer

DAMASCO, 28. — As tréguas assinadas em Damasco entre o marechal Hakim Amer e o alto comando revolucionário foram interrompidas — anunciou a emissora desta cidade, ás 14 e 15 (T. M. G.). O marechal foi autorizado a deixar Damasco e vai a caminho do Cairo. — (F. P.).

Próximo de Elisabethville travou-se luta entre balubas e katangueses

ELISABETHVILLE, 28. — Ontem, á noite, elementos balubas atacaram soldados katangueses estacionados em Kipushi, cidade mineira a 30 quilómetros de Elisabethville. Há, até agora, 12 mortos, dos

DOIS MORTOS E 58 FERIDOS

no primeiro incidente eleitoral na Turquia

ANCARA, 28. — Dois mortos, oito feridos graves, cinquenta feridos ligeiros e oito prisioneiros, é o balanço do primeiro incidente eleitoral importante, que pôs em presença uns 300 combatentes membros do Partido Republicano Nacional e do Partido Republicano do Povo, em Uzunavcar, aldeia da subprefeitura de Kaman, na Anatólia Central. A Polícia interveio para restabelecer a ordem. — (F. P.).

CURSO GUARDA-LIVROS

POR CORRESPONDÊNCIA

Remeta este anúncio, receberá grátis o folheto "Cursos por Correspondência"

EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO

Rua dos Anjos, 2-11. Telef. 40297 LISBOA

os nossos próprios irmãos que se levantam contra nós».

Depois de anunciar que enviara o Exército para liquidar a revolta síria, Nasser acrescentou: «Alguns pensam que dissolverei a R. A. U. Não o posso fazer. Os nossos inimigos reclamam-no: Israel, os imperialistas e seus agentes».

«Jamais dissolverei a União por minha iniciativa» — repetiu várias vezes o presidente Nasser. — (F. P.).

ENTUSIASMO POPULAR

BEYRUTH, 28. — A Rádio de Damasco anuncia grandes manifestações populares espontaneas. A multidão aclama o Exército e reúne-se em frente dos grandes edifícios do «alto comando», de que os oficiais revoltosos se apoderaram esta manhã.

O «alto comando» difundiu um apelo á população para que cesse as manifestações e as reuniões, «a fim de não permitir que os oportunistas explorem os movimentos da multidão». — (F. P.).

TERMINOU A REVOLUÇÃO

AMAN, 28. — A rádio de Damasco anunciou, ao meio-dia, que a revolução provocada por um grupo de oficiais sírios terminara.

A emissora acrescentou que o movimento revolucionário terminou depois do marechal Hakim Amer ter prometido tomar decisões imediatas para atender os pedidos dos oficiais sírios que chefiaram a revolta.

O marechal, segundo a emissora, teria mostrado inteira compreensão pelas reivindicações dos oficiais.

A rádio de Damasco, que durante toda a manhã transmitia comunicados revolucionários e música militar, voltou depois á normalidade e iniciou o seu boletim de notícias com o indicativo «Rádio da República Árabe Unida, estação de Damasco». — (R.).

quais 2 gendarmes e 2 soldados katangueses.

O incidente começou, ontem, á noite, ás portas do bairro operário. Os balubas, por razões ainda desconhecidas, atacaram á machadada alguns polícias katangueses. Rapidamente, grupos de rapazes katangueses armaram-se de facas de matar, baionetas e barras de ferro e desataram a perseguir os balubas. Estes, tendo conseguido desarmar polícias katangueses, abriram fogo. Já se contaram doze mortos e muitos feridos estão internados. Reforços de tropas katanguesas partiram de Elisabethville para Kipushi.

Os europeus, até agora poupados a estes recontros violentos entre katangueses e balubas, não parecem preocupar-se com o sucedido, limitando-se a fazer o reparo de que «é a primeira vez que o sangue corre em Kipushi». — (F. P.).

O CORONEL PARA-QUEDISTA QUERIA UMA INDEMNIZAÇÃO

PARIS, 28. — O coronel Triquier, dos pára-quedistas franceses, contratado pelo Governo katanguês para organizar o seu Exército, perdeu uma acção judicial que intentara por lhe ter sido rescindido o contrato, firmado, no princípio do ano, com Tschombé.

O motivo para a rescisão foi Triquier ter sido impedido de partir para a Katanga.

No princípio do presente mês, Triquier obtivera uma ordem judicial que congelava 400 mil novos francos — cerca de 2400 contos — pertencentes á missão katanguesa em Paris.

O tribunal que apreciou a queixa de Triquier contra o Governo katanguês, julgou, porém, que a missão nada tem a ver com o caso e descongelou essa quantia. — (A. N. I.).



Afirma-se em Estocolmo que mais dois ocupantes do avião do sr. «H» foram alvejados a tiro bem como o próprio aparelho

ESTOCOLMO, 28. — A autópsia revelou que dois dos soldados suecos Hammarskjöld tinham, também, balas no corpo, tal como o sargento norte-americano — afirma o jornal «Dagens Nyheter», sem revelar a origem da sua informação.

O jornal acrescenta que peritos balísticos estão agora a examinar orifícios encontrados em pedaços da fuselagem do avião, os quais se assemelham a orifícios feitos por balas.

Os ferimentos de bala encontrados nos corpos dos três homens serão examinados mais cuidadosamente em Londres, para se verificar se os projecteis foram disparados ou explodiram devido ao incêndio do avião. — (A. N. I.).

A RODÉSIA REBATE A OPINIÃO DOS PERITOS SUECOS

LONDRES, 28. — A Casa da Rodésia, em Londres, disse, a noite passada, que recebera um comunicado do Governo Federal de Salisbury, rejeitando as opiniões dos técnicos suecos de que as balas encontradas no corpo de um dos guardas encarregados da segurança de Hammarskjöld, tinham, forçosamente de provir de uma arma.

A mesma fonte, declarou que peritos da Scotland Yard e do Exército britânico tinham, ontem, concordado em que as balas poderiam ter vindo de uma explosão de munições no aparelho — ideia que os suecos classificaram de «pura tolice».

O comunicado acrescentava que L. C. Nickolls, perito de balística da Scotland Yard, corroborava esta opinião. — (R.).

PEDE-SE A DISCUSSÃO DO CASO NA O. N. U.

NOVA YORK, 28. — Foi apresentado, a noite passada, na Assembleia Geral da O. N. U., um pedido de investigação internacional ás circunstancias em que se verificou a queda do avião em que pereceu Hammarskjöld.

A proposta foi feita, conjuntamente, por Ghana, Índia, República Árabe Unida e Venezuela.

Pediram á Assembleia Geral que colocasse a questão na sua agenda, com carácter urgente e importante.

No seu memorando, os proponentes especificam que o inquérito deverá determinar as circunstancias exactas do «trágico acidente», as condições que compeliram o secretário-geral e a sua comitiva a empreender o voo de Ndjili para N'Dola, á noite, sem adequada escolta ou medidas preventivas, e bem assim, quaisquer outros assuntos em relação com o acidente».

A O. N. U. deveria procurar a cooperação de «todos os implica-

dos», no decurso desta investigação. — (R.).

O CORPO DO SR. «H» CHEGOU A SUÉCIA

MALMOE, 28. — Escortado, desde o limite do espaço aéreo sueco, por um grupo de caças a jacto, o aparelho que transporta os corpos de Dag Hammarskjöld e das outras vítimas do acidente de N'Dola chegou, esta manhã, ao aeroporto de Malmöe Bulltofta, vindo de Genebra. Pouco depois, seguiu para Estocolmo.

A bordo do aparelho, vinham Pierre Spinelli, representante da O. N. U. na Europa, Sture Linner, chefe da missão civil da O. N. U. no Congo, Knut Hammarskjöld, sobrinho do secretário-geral das Nações Unidas, e o coronel Stig Mauritz Moellerswaerd, representante das forças da O. N. U. — (F. P.).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco excepto no litoral Oeste em que era moderado do Sul e o céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão centrada a oeste do Cabo Mondego.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS: Bragança, 13°; Beja, 18°; Porto, 16°; Penhas Douradas, 15°; Lisboa, 17°; Ponta Delgada, 17°; e Funchal, 18°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 10 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 21,8°; na água do mar: 17,5°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS — máxima, 19,2°; mínima, 17°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 22,1°; mínima, 15°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu encoberto, diminuindo progressivamente de nebulosidade; vento moderado de Sul, rondando para Noroeste durante a tarde; períodos de chuva, passando a regime de aguaceiros.



vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 166

LIVROS CAROS

— uma das razões da limitação do movimento editorial espanhol

MADRID (Por José Réis) — Se faltam valores positivos no panorama literário de Espanha podem alegar-se muitas e variadas razões. Contudo, não será lícito afirmar que os novos lutam por encontrar incentivo para prosseguirem, mais além da tentativa incerta dos primeiros passos.

Não faltam prémios literários. Mais ou menos valiosos, mas todos ao alcance de quem escreve. São

muitos os prémios que se outorgam, desde a capital à mais modesta cidade da província! — afirmam alguns entendidos.

Apela-se para um menor numero em benefício da qualidade e da expansão. Apela-se... mas a perfeição é difícil de atingir. Com todos os possíveis defeitos de excesso têm a virtude de ser preferível a nada. Ou melhor, possibilita a escolha dos prémios a que pode inte-

ressar concorrer. Enquanto... não os havendo... tudo é impossível.

— Creio que temos prémios literários em quantidade excessiva. Uma grande parte, sem projecção nacional, premia concorrentes de pouco valor. Claro, os nomes da literatura ou as revelações não vão mandar os livros a concursos que se limitam à projecção de cidade ou província onde são outorgados.

— Mesmo assim com a «limitação» são prémios que têm pelo menos o valor da intenção.

Conversamos com um jovem escritor: Armando Lopez Salinas.

— Mais ainda, servem de estímulo.

Aqui, o nosso interlocutor reconhece que a quantidade excessiva de prémios acaba por ser aceitável.

E, diz-nos:

— São muitos prémios literários, é verdade mas não podemos esquecer que constituem uma possibilidade de revelação para aqueles neo-escritores que não sendo fonte segura de um bom negócio editorial estariam ainda ignorados.

Armando Salinas declarando-se contra o «excesso de prémios literários» mostrou o seu desejo de que exista uma maior expressão nacional para esses prémios. Valiosos ou não mas que sejam autênticos. Depois acabou por reconhecer que os novos precisam de incentivo.

O ambiente que rodeia esta entrevista não é calmo. Está longe do sentido normal de sossego e quase inteira quietude.

Conversamos nas «Cuevas Sesamo». Há de mistura com musica va-

(Continua na ultima página)



«Mulheres», de Pepi Sanchez

Vai ser publicado

um ensaio sobre a obra de Fernando Namora

Mário Dias Ramos e Dórdio Guimarães preparam um livro acerca da obra de Fernando Namora. Não quisemos deixar de ouvir numa breve entrevista os dois jovens poetas que vão dedicar a um dos nossos mais destacados escritores um estudo interpretativo e documental da sua obra.

Fomos encontrá-los na casa editora onde trabalham e fizemos a primeira pergunta a Mário Dias Ramos.

— A que se deve a ideia dum ensaio sobre Fernando Namora e qual a editora que o lançará?

— Bom: deve-se a um simples plano estabelecido entre mim e Dórdio Guimarães. Pensamos que estava chegada a hora de se estabelecer paralelos, de se fazer um balanço aos tão discutidos escritores neo-realistas. Dois nomes surgiram a prender a nossa atenção. Por isso propusemos a uma editora de Lisboa a realização de um livro biobibliográfico sobre Manuel da Fonseca, integrado na sua colecção «A Obra e o Homem». O outro projecto era a realização de um outro livro que apresentasse as coordenadas principais da obra romanesca de Fernando Namora. O primeiro — muito embora permaneçamos atentos à sua realização — ficou para segundo plano, dado, até agora, — e já vão decorridos alguns meses — não termos recebido qualquer resposta dessa editora. Quanto ao segundo e aquele que, intrinsicamente, nos traz maiores responsabilidades, começamos já a sua preparação. Trata-se de uma obra que tem de ser muito pensada, bem equacionada, uma vez que a personalidade literária do autor de «Fogo na Noite Escura» se apresenta como uma das mais vinculadas — talvez a mais definida — do movimento neo-realista. Fernando Namora, o prosador por excelência, o escritor vibrante e profundo observador da vida e dos homens, chegou, parece-me, a um dos pontos mais culminantes da sua carreira de ficcionista. Traduzidas para vários idiomas, as suas obras atingiram uma escala universal e, entre nós, contam-se por milhares os leitores que lhe dedicam a sua admiração. Aqui tem, em poucas palavras, o que pretendemos fazer. Quanto à casa que poderá editar o nosso trabalho, isso é ainda uma incógnita. Primeiro teremos de acabar o livro — e essa é a nossa tarefa mais urgente.

Não quisemos deixar de ouvir, em seguida, Dórdio Guimarães.

— Em que plano situa a obra de Fernando Namora, nos últimos 30 anos de literatura portuguesa?

— Revelou-se bem cedo, Fernando Namora, como um expressionista do neo-realismo. Através dele, exprimiu os mais vitais problemas do homem moderno, a urgência de permanecer, a inquietação social, o paroxismo e a crise do divisionismo, a solidão, o absurdo do negativismo humano, a falência dos valores mais reais perante a instabilidade da razão. A fase inicial de «As Minas de San Francisco» já revelavam profundamente e com visão segura o processo que se iria desenvolver. Integrando-se num movimento a que nunca se aliou como discípulo, teceu e construiu uma obra de firme validade que, embora longe de definitiva, já afirmou uma personalidade e uma presença marcante no romance contemporâneo português. Assim... mas isso será precisamente o livro que nos propomos escrever. Por considerarmos o caso Fernando Namora um dos momentos mais altos do nosso romance actual, e por conseguinte um dos mais sólidos representantes dos últimos trinta anos de ficção nacional, dedicamos com o mais sincero interesse a nossa atenção sobre ele. É um trabalho a que ele tem inteiro merecimento.

A nossa entrevista estava no final. Mário Dias Ramos e Dórdio Guimarães voltavam ao seu trabalho e nós colhíamos a notícia que desejávamos obter como confirmação de uma obra que se impunha no panorama literário português.

ALFREDO CARDOSO



Os autores do novo livro conversam com o nosso colaborador

Andrés Eloy Blanco

— o caso de um poeta popular

Há aproximadamente um ano ou, antes, a partir do dia 21 de Maio, começou a surgir na correspondência aérea expedida da Venezuela algo insólito: os selos traziam uma efígie desconhecida cujo nome — Andrés Eloy Blanco — aparecia acrescentado pela legenda «Poeta de América» e umas datas limite:

1896-1955. Quem viu em Portugal tais selos deve ter ficado assaz perplexo, por dois motivos: o primeiro porque não estamos acostumados a ver poetas modernos glorificados pelos lauréis filatélicos, e depois porque o nosso canhestro conhecimento das literaturas sul-americanas, principalmente as do idioma hispanico, é deficientíssimo e até, em certos casos, indecoroso. Continuamos muito voltados para a Europa, atraídos pelo magnetismo de Paris, seduzidos e cegos pelo esplendor da civilização europeia, incapacitados de relançar a vista pelos mais jovens povos latinos do novo continente. Como se explicará o facto de só agora ter começado a circular entre nós, traduzido, um Rómulo Gallegos, sério candidato ao prémio Nobel do ano passado e o maior novelista sul-americano vivo?

Para debelar no possível aquela perplexidade e também com o fito de assinalar a passagem do 6.º aniversário da morte de Eloy Blanco, tentarei traçar uma apresentação sumária do poeta que a Venezuela lembra nas suas franquias postais. Não se trata de um «poeta nacional», quer dizer, oficial, de um país, ou precisamente de um poeta popular. A poesia de Andrés Eloy Blanco move-se de preferência entre dois polos: o amor e a morte. Poesia de circunstância (no prefácio a um livro A. E. B. confessou haver sido um poeta de concursos e jogos florais), limitou-se a colher a «flor del instante» de Dario.

Surgido em 1921 com «Tierras que me Oyeron», o poeta venezuelano enquadra-se na conhecida Geração de 1918, junto com José Tadeo Arreaza Calatrava, Alfredo Arvelo Larriva, Jacinto Fombona Pachano e Fernando Paz Castillo, geração que impôs o Modernismo naquele país e pugnou por uma revalorização estética dos valores humanos autóctones, em prejuízo da influência francesa até então preponderante. Disse atrás que não se tratava precisamente de um poeta popular, mas a verdade é que a sua poesia adquiriu uma popularidade evidente. Andrés Eloy falava a linguagem do povo, incarnava, por assim dizer, a alma do povo venezuelano num transe difícil da vida nacional.

John Galsworthy

um dos maiores romancistas e dramaturgos ingleses

No princípio do presente século, John Galsworthy firmara-se entre os quatro maiores escritores, em cujas mãos estava o futuro do romance tradicional inglês. Os outros três — H. G. Wells, Arnold Bennett e Joseph Conrad (polaco de nascimento, mas um mestre auto-

didacta da língua inglesa) — conseguiram alcançar nos meados do século, a categoria de clássicos. A deplorável fecundidade de Wells deu cabo do seu talento, razão por que não deixou mais do que uma mão-cheia de livros de mérito perdurável. Bennett escreveu somente um grande romance — «The Old Wives Tales». Quanto a Galsworthy, tendo alcançado popularidade muitíssimo maior do que po-

por A. C. WARD
(escritor e antigo director da Imprensa da Universidade de Oxford)

deria sequer sonhar a princípio, porém, já mesmo antes da sua morte, ocorrida em 1933, sofria da inconstância da opinião crítica e da moda intelectual. Que, porém, o leitor comum permaneceu, de um modo geral, fiel a Galsworthy, é prova a continuada venda do seu romance múltiplo, «The Forsyte Saga», que, não obstante não ser presentemente do gosto dos críticos da novíssima geração, constitui uma perdurável contribuição para a li-

(Continua na página central)

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

com o seu romantismo algo decadente e sentimental (a nossos olhos), o seu amor heróico á liberdade e á democracia, o seu permanente bom humor polvilhado de ironia fresca. A sua poesia resulta sempre bastante assimilável para o povo que não gosta de promover esforços aturados de compreensão e ama versos epigramáticos, os trocadilhos, as metáforas sentimentais. Juan Bimba, personagem mítica que simbolizou o povo na sua permanente dor e luta, sua esperança e dignidade, animava-se exaltadamente daquela humanidade então comprometida pela ditadura gomista e entoava hinos á esperança de redenção:

«Compañeros de la tierra donde
[haya] hambre en el mundo,
vengan los hombres con hambre
que la novia de Juan Bimba tiene
[las] manos de pan.
Compañeros de la tierra donde haya
[sed] en el mundo,
vengan los hombres con sed
que la novia de Juan Bimba tiene
[un] río entre las manos.

Companeros.
alque se le acabe el fuego tome el
[camino] del sol.
Andando se va a la casa de la novia
[de los] pueblos.»

Um poema — «Angelitos Negros» — que não é o melhor de sua lavra, percorreu vários países depois de ter sido musicado; e este pormenor dá o módulo da popularidade que atingiu. Possuía em alto grau uma facilidade excepcional de versejar. Porém, se um grande número de suas poesias nasceram com o pretexto de autografar albums, as poesias do livro «Barco de Piedra», por exemplo, nasceram do seu erro por vários cárceres políticos quando a esperança seria para ele uma razão de sobrevivência. Bastantes composições tiveram a pena do fogo e por isso Andrés Eloy Blanco escreveu: «Queimar um poema é tão desalmado, tão inútil e tão mesquinho, como matar um menino. Se o poema é bom, mata-se um menino bom. Se o poema é mau, mata-se um menino mau. Os meninos meus não se matam. Tornam-se a escrever».

Uma sentimentalidade á flor dos versos, mas que não era superficial, arvorou o poeta em reu dos «malos pasos de señoritas con empleados de oficina». Mas a técnica da sua poética, embora singela e espontânea, é firme. Nota-se, certamente, a facilidade de versejar. Mas se Eloy Blanco pôde algum dia figurar como poeta popular, tal facto não se deve atribuir a motivos intrínsecos da sua poesia; os motivos foram externos a ela, estiveram na contextura do momento histórico que a Venezuela viveu. A sua popularidade resultou, por isso, de uma coincidência de poeta e público: aquele deu, no preciso momento, a poesia viva que este anelava. Poeta popular então? Não. Melhor, poeta popularizado.

De qualquer modo, a preocupação de melhorar a técnica do seu verso manteve-o em permanente insatisfação. No livro «Baedeker 2000» Eloy Blanco esboçou uma tentativa de novo estilo poético que denominou «colombismo», ao qual, mais tarde, dedicaria um volume de ensaios — «Introdução ao Colombismo» — que chegou, pelo menos, a anunciar. Em «Poda», no excelente «Canto a Espanha», em «Girafuna», ou em «Año de tu Luz» (elegias á mãe morta) e «Canto a los hijos» (espécie de testamento espiritual), o alto nível estético da sua poesia surge-nos sempre multifórmica e convincente. Era um poeta medular, autêntico, que jamais esqueceu o augúrio do mexicano José Juan Tablada que, quando ele se doutorou na Universidade Central de Caracas, lhe disse: «Já tem você um escudo para a vida. Que esse escudo não pese muito sobre o coração!»

Bardo ao bom modo, Andrés Eloy Blanco situou-se perto de um povo com fome de justiça, de pão e de luzes. Dele fez o compatriota Gonzalo Alvarez o seguinte juízo, em 1955, quando desapareceu: «Foi um grande poeta elegiaco, o nosso maior poeta elegiaco, muito superior ao já clássico José Antonio Mañón. E Mariano Picón-Salas, outro escritor venezuelano, também disse: «Ele foi o último rapsodo errante, nesta época em que a poesia se transformou em negócio críptico, de gentes que continuavam a saber sintaxe, mas olvidaram o coração». E Rómulo Gallegos: «Admirável, admirável só Andrés Eloy Blanco, bem construído por dentro, (dotado de) luminosa claridade interior». El Alfonso Reyes: «Poeta autêntico que parecia, em sua docura e limpeza, uma acusação vivente contra todas as violências e as injustiças do Mundo. Nítido e bravo, de fino aço e de fina témpera».

Foi este o poeta e o homem que na noite de 21 de Maio de 1955 morreu num estúpido acidente de viação ocorrido á saída de um teatro mexicano, deixando inacabado, no seu exílio, o «Canto a América» que um jornalista do México, Luis Manuel Peñalver, qualificou de «inconclusa sinfonia». Ele já escrevera, clarividentemente: «A pátria «el hijo grande se le muere afuera».

ARSENIO MOTA

VIDA RELIGIOSA

O 13. aniversário da morte do padre Cruz

Passando no próximo dia 1 de Outubro o décimo terceiro aniversário da morte do popular e querido padre Cruz, será celebrada missa, ás 9 horas, na capela do cemitério de Benfica, estando durante o dia aberto o jazigo onde repousam os seus restos mortais.

A ORDEM DO TEMPLO

No século XII, alguns cavaleiros, levados pela sua fé cristã, criaram uma Ordem, cujo fim era assegurar a passagem pelos caminhos que conduzem á Terra Santa e expor, se necessário fosse, a sua vida em defesa do Cristianismo. A Ordem do Templo — assim se chamava — já não existe.

MATERIAL PRECIOSO

O rádio é difícil de encontrar: São precisas 50 mil toneladas de pedra e terra para obter, ao fim de longos meses de tratamento, 2 gramas e meio de rádio. Mas a verdade é que um só grama vale uma fortuna.

Prosseguiram os trabalhos das Jornadas Teológicas ontem iniciadas no Colégio de Pio XII

Prosseguiram, hoje, os trabalhos das Jornadas Teológicas, ontem iniciadas no Colégio de Pio XII, e que decorrem com grande interesse, dada a importância dos assuntos apresentados. O dia foi ocupado, também, por três sessões de estudo, a que presidiu o sr. arcebispo-bispo de Coimbra.

A primeira sessão começou ás 10 e 30, tendo usado da palavra o rev. dr. António Ferreira Marques, professor do Seminário de Vizeu, que dissertou sobre «Os Problemas de Ecclesiologia».

O orador começou por fazer notar que o eclesiólogo deve ter, em conta o homem concreto do seu tempo, sob pena de cair num monólogo estéril.

O movimento de renovação eclesiológica mergulha as suas raízes no romantismo alemão, introduzido na Teologia. Seu grande inspirador foi o teólogo de Tubinga, J. A. Moehler, que influenciou notavelmente alguns dos mais célebres professores romanos. O pouco favor encontrado no Concílio do Vaticano pela concepção da Igreja como Corpo Místico de Cristo afrouxou o movimento. Este veio, porém, a reactivar-se após a primeira guerra mundial, contribuindo para isso vários factores.

Depois do almoço prosseguiram os trabalhos da tarde, com a segunda sessão do dia, que foi preenchida pela dissertação do rev. dr. Victorino de Sousa Alves, professor da Faculdade de Filosofia de Braga, sobre «Os problemas do evolucionismo». Na terceira sessão, que principiará ás 18 horas, o rev. dr. Urbano Duarte, professor do Seminário de Coimbra, orientará um colóquio sobre «Os compêndios de teologia».

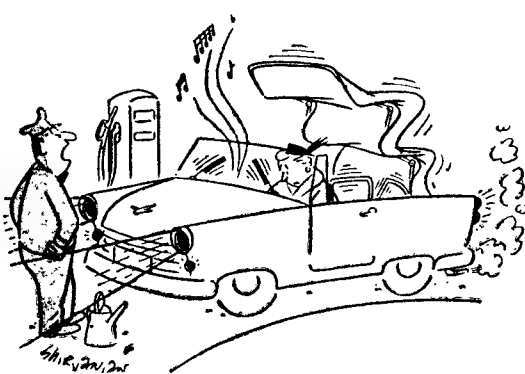
A conferência encerra-se amanhã, de tarde.



Máscara de bronze, do escultor Atila Mendy, que há anos reside em Portugal. Esta máscara, com três metros de altura, faz parte de um conjunto de baixos-relevos existente no teatro do Colégio Liceal de Benavente

Primeiros vidros

Os primeiros vidros que se empregaram nas janelas das igrejas eram pequenos e redondos. Estavam unidos por meio de pedaços de chumbo. Sobre eles pintavam-se cenas da vida de Jesus, da Virgem e dos Santos. Mas os vitrais, propriamente ditos, só apareceram no século XII.

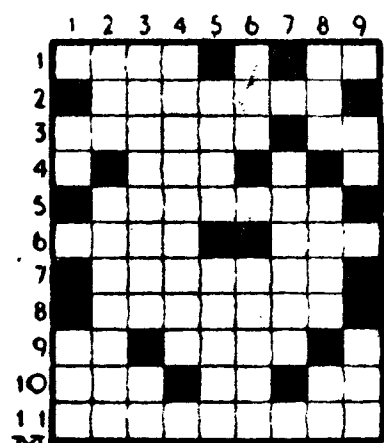


— Para abrir o «capot» é o terceiro botão a partir da esquerda.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2446



HORIZONTAIS: 1 — Semblante. Preposição. 2 — Atira. 3 — Quintal anexo á residência de um pároco. Grito de dor. 4 — Doçura. 5 — Mortalha. 6 — Castigui. Mil e sessenta em romano. 7 — Rio ou pequeno canal navegável, no Brasil. 8 — Cora. 9 — Nota de musica. Agastamento. 10 — Partida. Simbolo químico do alumínio. Ofereça. 11 — Pancadas nas canelas.

VERTICAIS: 1 — Nome de letra

grega. Textualmente. 2 — Rio da Itália, afluente do Pó. Homicida de si próprio. 3 — Rezingo. Prefixo de privação. 4 — Cercara. 5 — Conversa. Ramificação. 6 — Bilis. Incita a morder. 7 — Jactancioso. 8 — Conceder. Líquido gorduroso. Preposição e artigo. 9 — Frequentar. Imaginas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2445

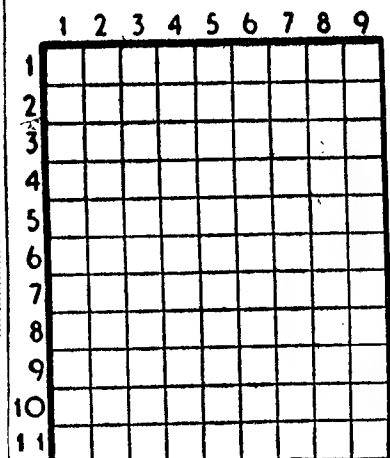
HORIZONTAIS: 1 — Ocas. LOBO. 2 — Sarem. Ir. 3 — Remata. 4 — Ad. Passa. 5 — Pó. Ranca. 6 — Está. Tara. 7 — Óleo. Cr. 8 — COM. Toms. 11 — Ia. Azes.

VERTICAIS: 1 — Os. Apelaís. 2 — CARDOS. Dei. 3 — Are. Tocaia. 4 — Sem. Ralos. 5 — Mapa. Em. Tá. 6 — Tanto. Foz. 7 — Asca. COME. 8 — Bi. Sarcos. 9 — Or. la. Aries.

(Provérbio: LOBO COM FOME CARDOS COME).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4492



HORIZONTAIS: 1 — Avistam. Lago de Itália. 2 — Partir. Apelido do autor de «O crime do padre Amaro». Símbolo químico do ouro. 3 — Peso antigo equivalente a 459 gramas. 4 — Nome de homem. 5 — Pedras de lagar. Recusa. 6 — Antes de Cristo. Pronome pessoal. Graceja. 7 — Capital do Tonquim. 8 — Molusco gastrópode de concha em espiral. 9 — Apelido. Protela. 10 — Viração. Rente. 11 — Pronome demonstrativo (pl.).

VERTICAIS: 1 — Observei. Certas. Pátria. 2 — Data. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. Atmosfera. 3 — Chefe etíope. Cidade e porto de França. 4 — Simples. Diversas. 5 — Cidade de Angola. 6 — Pesquisa. Esmurrara. 7 — Cavaleiro Carlos de Beaumont que se fazia passar por mulher. Cobres de iodo. 8 — Assim que. Parecência. Rio de Portugal. 9 — Alternativa. O pico mais alto da serra de Monchique. Preposição e artigo (pl.).

Solução do problema n.º 4491

HORIZONTAIS: 1 — Notívago. 2 — Aires. 3 — Rs. Ais. Pé. 4 — Mal. Mas. 5 — Alas. Réus. 6 — Ramal. 7 — Avô. Sr. 8 — Ana. Ova. 9 — Ró. Tui. Os. 10 — Atra. Ova. 11 — Lá. Loa. A's.

VERTICAIS: 1 — Normal. Aral. 2 — Saí. Anota. 3 — Cá. Larva. 4 — Tia. São. Tal. 5 — Iris. Tu. 6 — Vés. Rás. Ida. 7 — A's. Melro. 8 — Pau. Avoca. 9 — Odessa. Asas.

A CAMÉLIA

A camélia é oriunda da China e deve o seu nome ao padre Camelli, jesuíta, que, em 1739, a enviou para a Europa.

QUEM CANTA

seu mal espanta...

Os teus peitos são dois ninhos
Muito brancos, muito novos,
Meus beijos os passarinhos
Mortinhos por pôrem ovos.

ANTÓNIO NOBRE

DIZ QUEM SABE

O hipócrita é o mais atrevido dos pecadores, pois peca contra Deus e com Deus, que toma como instrumento para pecar.

* Se o diabo alguma vez se ri, deve ser dos hipócritas, que servem-no bem e não recebem salário.

HENRY BILLINGS

* O pecado não é tão pecaminoso como a hipocrisia...

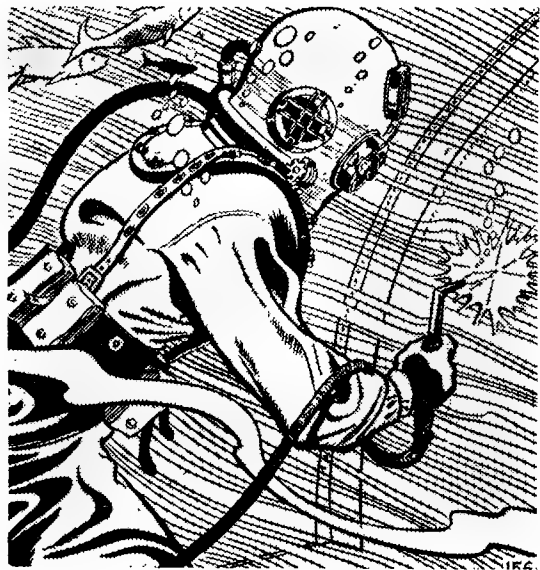
MADAME DE MAINTENON

ALIMENTO DIÁRIO

O arroz procede da Ásia, em especial da China. Foi trazido pelos árabes para a Europa. Nos países asiáticos é alimento quotidiano, isto é, de todos os dias, para as classes pobres.

Drama em profundidade

por WILLIAM VANCE



Folhetim semanal do Diário de Lisboa

16

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Clint Lisbon procurava refazer a sua vida como mergulhador, após estar preso. Foi procurado por um indivíduo chamado Buckner, que lhe propôs um trabalho aparentemente desonesto. Lisbon recusou em princípio, mas acabou por aceitar. Tratava-se de mergulhar no local onde caíra um avião e retirar de lá uma bolsa de lona. Logo no primeiro mergulho, Clint localizou o avião e verificou que a tarefa ia ser difícil.

CAPÍTULO IV

Clint Lisbon subiu, e permaneceu boiando ao lado do casco do navio, enquanto Olaf lhe removia o lastro. Uma vez despojado do colete de chumbo, subiu facilmente e, num momento, Olaf tinha-lhe tirado o capacete e os sapatos de chumbo.

— Então? — perguntou Charles-Buckner.

— O avião jaz no fundo, de lado, mesmo sob o navio. — Parou de falar quando Olaf lhe meteu na mão um torrão de mel. Chupou o torrão, observando atentamente Buckner que, após dar umas passadas pela coberta, veio parar à sua frente.

— Pode lá voltar agora? — perguntou. — Pode trazer hoje a bolsa?

— A maré começou agora a subir — respondeu Clint — e é perigoso descer agora. Talvez dentro de duas horas. Talvez as minhas mãos já não estejam tão entorpecidas. — Meteu o torrão todo na boca e ergueu as mãos azuladas e engelhadas, mostrando ainda as marcas dos elásticos nos pulsos peludos.

Buckner praguejou, virou-se bruscamente e afastou-se.

— Aquele tipo tem alguma encasquetada no bestunço, não te parece, Clint? — perguntou Olaf. — Parece. Ajuda-me a despir o fato.

Depois de tirar o fato térmico, encaminhou-se para o beliche. Ouvindo o mar rugir nos recifes, envolveu-se no robe e deitou-se no catre. Sen-

17

tia-se cansado. Muito mais do que um mergulho de trinta ou quarenta minutos a sessenta braças o cansaria.

Olaf empurrou a porta e entrou.

— Não estou a gostar disto, Clint.

— Que queres dizer, Olaf? — perguntou Clint. Sabia muito bem o que o maquinista queria dizer, mas sentia-se impotente e queria ver o que pensava Olaf daquilo tudo.

— Enquanto estavas lá em baixo, Curt Slacker veio cá a bordo numa canoa automóvel. Esteve muito tempo a conversar com Buckner. Slacker está metido nisto, Clint, podes ter a certeza.

Lisbon acenou a cabeça. Não se sentia surpreendido. Curt Slacker, de uma forma ou doutra, sempre se atravessaria na sua vida para o resto dos seus dias. Suspirou profundamente. Só havia uma coisa a fazer — retardar a coisa o mais tempo possível. Mas teria de prevenir as autoridades. Tinham de ser prevenidas antes de fazer segundo mergulho. Uma coisa parecia certa: Buckner tentava que o segundo mergulho fosse o último da carreira de Lisbon.

— Ouviste falar no desastre de algum avião, Olaf?

— Ouvi. Um avião da Alaska World Airlines. Ouvi a notícia pela rádio. Um quadrimotor. O avião fora fretado pela Força Aérea, Clint. O aparelho comunicou com uma estação — Sandspit, julgo eu — e depois disso deixou de dar notícias.

Clint permaneceu de cabeça baixa. Era o mesmo. Sabia agora que era o AWA desaparecido e pensou no que poderia conter a bolsa de lona, tão cobrada por Buckner. Ergueu-se, atou o cordão do robe em torno da cintura e disse:

— Vou à cabina de comando, Olaf. Vê se entretens o Buckner. Mantem-no longe da cabina. Compreendido?

Olaf acenou a cabeça.

O maquinista abriu a porta e parou. Do outro lado estava Buckner. Empunhava uma pistola que apontava ora para um ora para outro.

18

— Retire-se, Olaf — disse Buckner.

Olaf olhou para Lisbon e o mergulhador acenou a cabeça, engolindo em seco. Uma palavra sua e Olaf carregaria sobre o outro, armado e tudo.

— Obedece, Olaf — disse Clint.

Olaf soltou um grunhido e começou a afastar-se.

— Espere aí! — ordenou Buckner, e havia na sua voz a nota de um homem pronto a matar. Olaf parou.

— Escute, Clint — disse Buckner lentamente. Você vai acabar o trabalho, ou acabá-lo-á Curt Slacker. Com a diferença de que você não chegará a sabê-lo. Deixe-se de parvoíces! Agarre a bolsa, receba os cinco mil dólares e esqueça o resto.

— Já lhe disse que faria o trabalho — respondeu Lisbon, acenando a cabeça.

— Ouve-o, Olaf? — perguntou Buckner, e Olaf soltou um grunhido.

Buckner estendeu a mão para a chave da porta de Clint, tirou-a da fechadura e deu um passo atrás.

— Agora, vá descansar, camarada. Logo que a maré esteja cheia, você mergulha e trás-me a bolsa. Nada de espertezas, há? — Fechou a porta e Clint ouviu o girar da chave.

Tornou a deitar-se no catre, esforçando-se por relaxar os músculos, pensando que, de uma maneira ou de outra, a partida estava perdida. Só podia fazer o jogo de Buckner e rezar por uma oportunidade.

Lá fora, acima do rugir do mar, rugiu um poderoso motor; provavelmente o da canoa automóvel em que Curt Slacker viera, enquanto ele estava lá no fundo. O pensar em Slacker quase lhe deu volta ao estômago e, por momentos, sentiu-se tomado de uma cólera impotente. Continuou deitado no catre, a tremer convulsivamente. Um homem só pode beber até uma certa medida. E perguntou a si próprio se não estaria já saturado. Procurava em vão uma resposta quando uma voz chamou baixinho:

19

— Mr. Lisbon!

Clint rolou sobre a barriga e deparou com uma cabeça despenteada, que emergia por baixo do catre. Era Eddie Trimble.

Clint enterrou a cabeça no travesseiro.

— Oh, não! — gemeu com amargura e tornou a levantar os olhos. Não era sonho. Eddie Trimble, a nadar num «pulover» de gola alta, olhava-o gravemente.

— Eu ouvi o que ele disse, Mr. Lisbon.

Clint sentou-se.

— E sabes o que eles fazem de ti se te encontram?

Eddie acenou solenemente a cabeça.

— Mandam-me desta para melhor — declarou.

— Justamente! Mandam-te desta para melhor! Que fazes tu a bordo?

— Quero ser mergulhador. Escondi-me e pensei...

— Escuta — disse Clint, com desespero. — Percebes alguma coisa de rádio?

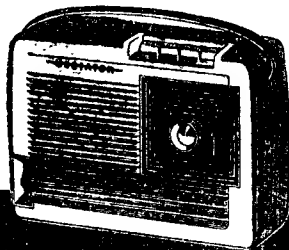
— Decerto. Se até um dia construí um. Uma galena...

Mas Clint abanou a cabeça.

— Refiro-me a um transmissor radiofónico. Ouve: com atenção, Eddie... — Agarrou um lápis e uma folha de papel, fez uns rápidos desenhos e mostrou a Eddie os interruptores e as bandas de frequência do rádio de bordo. Depois, industriou o rapaz sobre quem devia chamar e o que devia dizer.

— Tenho de fazer outro mergulho e vou lá ficar em baixo o mais tempo possível. Depois que eu tiver descido e logo que te seja possível, vai à ponte de comando e começa a manobrar o rádio. O natural é que estejam todos interessados no que eu vou trazer para cima e que não sejam notado. Mas se fores... — Calou-se e olhou para Eddie.

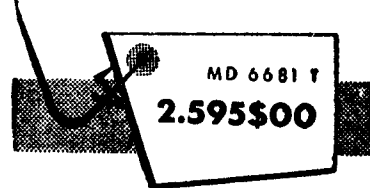
(Continua)



É um transistor
MEDIATOR
Radio

PORTATIL DE ALTO
RENDIMENTO COM
3 GAMAS DE ONDA

ALVEOLO PARA
LIGAÇÃO A ANTENA
DE AUTOMÓVEL



MD 6681 T

2.595\$00

O serviço ferroviário

de «FIM-DE-SEMANA»

é económico e repousante

Em qualquer estação do ano as estações ferroviárias estão às ordens de V. Ex.ª para lhe venderem bilhete de «fim-de-semana», pois durante o ano há 48 «fins-de-semana» e o direito de repousar conquistase pelo trabalho, que é uma instituição universal do ano inteiro. Mas V. Ex.ª só pode descansar na descontração.

Descontração significa ausência de preocupações, músculos lassos sob o domínio de um espírito tranquilo que não receia os caminhos pelos quais se mete.

Os Caminhos de Ferro podem assegurar-lhe essa tranquilidade com a maior economia.

Compre bilhete de «fim-de-semana» desde as 17 horas de sexta-feira até às 12 horas de domingo. (Se a sexta-feira for dia de feriado oficial, pode adquiri-lo desde as 17 horas da quinta-feira anterior) e regressar desde as 12 horas de do-

mingo até às 24 horas da segunda-feira seguinte (se a segunda-feira for dia de feriado oficial, pode regressar até às 12 horas de terça-feira seguinte).

Os preços dos bilhetes, por passageiro e quilómetro de ida e volta, são os seguintes:

Em 1.ª classe, \$73,6; em 2.ª classe, \$64; em 3.ª classe, \$48.

Estes preços, de ida e volta, de base quilométrica constante, multiplicam-se pelo número de quilómetros do percurso simples para o qual se adquira bilhete.

A sua modicidade pode ser verificada nos exemplos seguintes:

Lisboa, (T. P.) — Barreiro, em 1.ª classe: 7\$50 e em 3.ª: 5\$00; a Setúbal: 29\$00 — 19\$00; a Beja: 121\$00 — 79\$00; a Évora: 93\$50 — 61\$00; a Faro: 219\$00 — 143\$50; a Coimbra: 162\$00 — 106\$00; ao Porto (S. Bento): 250\$50 — 163\$50. De Porto (S. Bento) a Braga: 42\$00 — 27\$50; a Viana do Castelo: 63\$00 — 41\$00.

Um bilhete de ida e volta a preço tão baixo abre a V. Ex.ª o caminho repousante para um «FIM-DE-SEMANA» sem problemas!

Vá utilize todas as semanas este serviço C. P.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

FACULDADES

E

INSTITUTOS



**REPETIDORES
UNIVERSITÁRIOS**

Licenciados em Matemáticas e Físico-Químicas

LICÇÕES INDIVIDUAIS E EM PEQUENOS GRUPOS
MATEMÁTICAS GERAIS, GEOMETRIA DESCRITIVA, CÁLCULO INFINITESIMAL, FÍSICA GERAL, QUÍMICA GERAL, FÍSICA E QUÍMICA MÉDICAS, ETC.

ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES

Rua do Conde de Redondo, 56, 3.ª, D.ª

Telefone 736380

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos nervosos, inapetência e astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA



SURDEZ?

Experimente os modernos aparelhos auditivos únicos no Mundo garantidos por 3 anos.

BONOCORD

Peça folhetos grátis

MICRO-SOM, LDA.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4

A vida e a obra de John Galsworthy

(Continuação da 17.ª página)

teratura e história social do século XX.

Como dramaturgo, a fama de Galsworthy, durante muitos anos, era apenas inferior à de Bernard Shaw. Porém, temos aqui também que registar uma diminuição de interesse pelas suas peças, não obstante não acreditarmos que no futuro se deixará de reconhecer que, pelo menos duas delas — «The Strife» e «The Skin Game» — com excepção das de Shaw, não têm rival entre as obras contemporâneas de teatro.

Será, assim, Galsworthy vítima inocente do preconceito crítico e do menosprezo da nossa época?

Inocente é com certeza, mas talvez nem sempre completamente irresponsável.

John Galsworthy, cujos pais eram da média burguesia, nasceu no condado de Surrey em 1863. Frequentou uma das melhores «public schools» da Inglaterra e da Harrow, transitando depois para uma das mais antigas e famosas universidades, Oxford. Seu pai era solicitador e Galsworthy foi educado de forma a seguir a carreira de jurista, mas em vez disso, dedicou-se às letras e publicou em 1897 um volume de contos, sob um pseudónimo — John Sinjohn — com o qual lançou os seus seguintes livros de ficção. O seu primeiro sucesso chegou em 1906, com a publicação, já com o seu nome verdadeiro, do romance «The Man of Property» e com a representação da sua peça de teatro «The Silver Box». «The Man of Property», não obstante nenhuma indicação haver disso, veio a ser o primeiro duma série de romances e contos, coligidos num único volume em 1922, sob o título de «The Forsyte Saga», série que mais tarde, em 1929, ficou concluída com três outros romances agrupados sob o título de «A Modern Comedy».

Entretanto, Galsworthy continuava a escrever peças, apresentadas com grande êxito nos teatros de Londres. Uma delas — «Justice» — apresentada em 1910, originou o abrandamento das condições prisionais na Inglaterra, porque (dizia-se), tendo Winston Churchill, então ministro do Interior e portanto responsável pelas cadeias, assistido a uma representação, se deixara comover pela apresentação feita por Galsworthy da desumanidade da prisão maior celular. Já numa peça anterior, «Strife» (1909), Galsworthy demonstrara a futilidade do antagonismo entre patrões e empregados, apresentando-os numa longa greve numa fábrica metalúrgica do País de Gales — greve que terminou com prejuízo para ambas as partes.

Mas porque a recente perda de favor de Galsworthy entre os críticos se deve, principalmente, a uma qualidade especial (que alguns consideram de defeito) do seu temperamento, vamos limitar os nossos comentários a duas das suas obras, que ilustram esta característica.

O factor primordial da formação mental e emotiva de Galsworthy foi a sua preocupação pelos deserdados da fortuna — não apenas pelos que trabalhavam demasiado e eram mal pagos, mas também por todos aqueles que, pertencendo a um nível social diferente, eram privados dos privilégios da liberdade individual nas suas relações pessoais.

A acção do «Forsyte Saga», como foi originariamente concebida, gira à volta do desejo do «proprietário» Soames Forsyte, de estabelecer uma tirania, correspondente à posse absoluta, da sua jovem esposa Irene, e por ele considerada como sua propriedade humana. A atracção emotiva sentida por ela a outro homem conquistou as simpatias de Galsworthy, apesar do constante esforço do autor de apresentar as pessoas e os problemas com imparcialidade. Aqui, como sempre, o desapaixonado intelecto de Galsworthy entrava em luta contra as suas emoções tendenciosas, agravando-se o conflito à medida que os personagens da família Forsyte iam entrando pelos anos adentro, ao mesmo tempo que o equilíbrio emotivo do seu criador pairava ao alto. As mudanças sociais e éticas resultantes da Primeira Grande Guerra produziram uma geração nova, com padrões de comportamento odiosos à alma sensível e ao espírito aristocrático de Galsworthy.

Por contraste, portanto, o outro-

ra desprezível Soames passou agora a parecer quase admirável, colocado entre a nova geração do pós-guerra — mal podendo nós fugir à impressão de que Galsworthy abandonara as suas antigas convicções.

A verdade é que Galsworthy não tinha um temperamento suficientemente forte a ponto de aceitar, com imparcialidade, as realidades duras e por vezes brutais que sustentam um exame meramente teórico dos problemas de justiça social. Tendo estabelecido para si um elevado padrão de refinamento e de gentileza, não podia suportar as pessoas falhas destas qualidades. Quando surgiu a geração do pós-guerra (de 1914-18), conspicuamente grosseira e maliciada, Galsworthy ficou profundamente chocado e por isso regressou aos padrões das eras vitoriana e eduardiana, representados pelos Forsytes mais velhos, que por mais gananciosos e opressivos que fossem, ao menos eram cavalheiros.

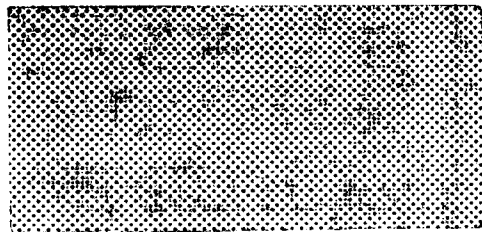
Na sua peça «The Skin Game» (1920), surge a mesma dificuldade. O ex-oprimido Hornblower conseguiu alcançar posição e poder através de riquezas adquiridas subitamente, ao passo que os ex-ricos Hillcrists caíram em maus tempos. O oprimido ganhou os seus «direitos», mas é agressivamente desrespeitado dos direitos dos outros. Por outro lado, os Hillcrists perderam os seus privilégios, mas conservaram os seus padrões éticos e as suas maneiras corteses de pessoas bem nascidas.

Galsworthy era, em si, um dilema. Os oprimidos que ele há tanto defendera e idealizara, revelaram-se ser pessoas que chocavam a sua delicada sensibilidade, ao passo que as que ele considerava de «exploradores» dos pobres e caídos em desgraça eram — tanto no nascimento, como na educação e comportamento — os únicos que tornavam o mundo tolerável para a sua maneira de ser.

A sua sensibilidade estética achava-se reflectida na lucidez e clarividência (embora também em certa forma de preciosismo) do seu estilo de prosa. E porque o seu dilema pessoal, apanhado como foi entre dois mundos, era o de toda uma geração, os seus livros irão certamente, na altura oportuna, reconhecer a atenção séria, não só como notáveis obras literárias, mas também como documentos reveladores duma sociedade em transição, se não em dissolução.

A SEMANA DE PARIS

por
FREDERICO
MENDES



E, ultima das revelações...
«Aluguei um «chalet» na praia a uma dama. Disse ela: — «Ah, «metteur-en-scène»!...» — Ela tão bem como banqueiro». Ah! é bom, é grande, é magnífico ser «metteur-en-scène», ser N. V., ser Godard!



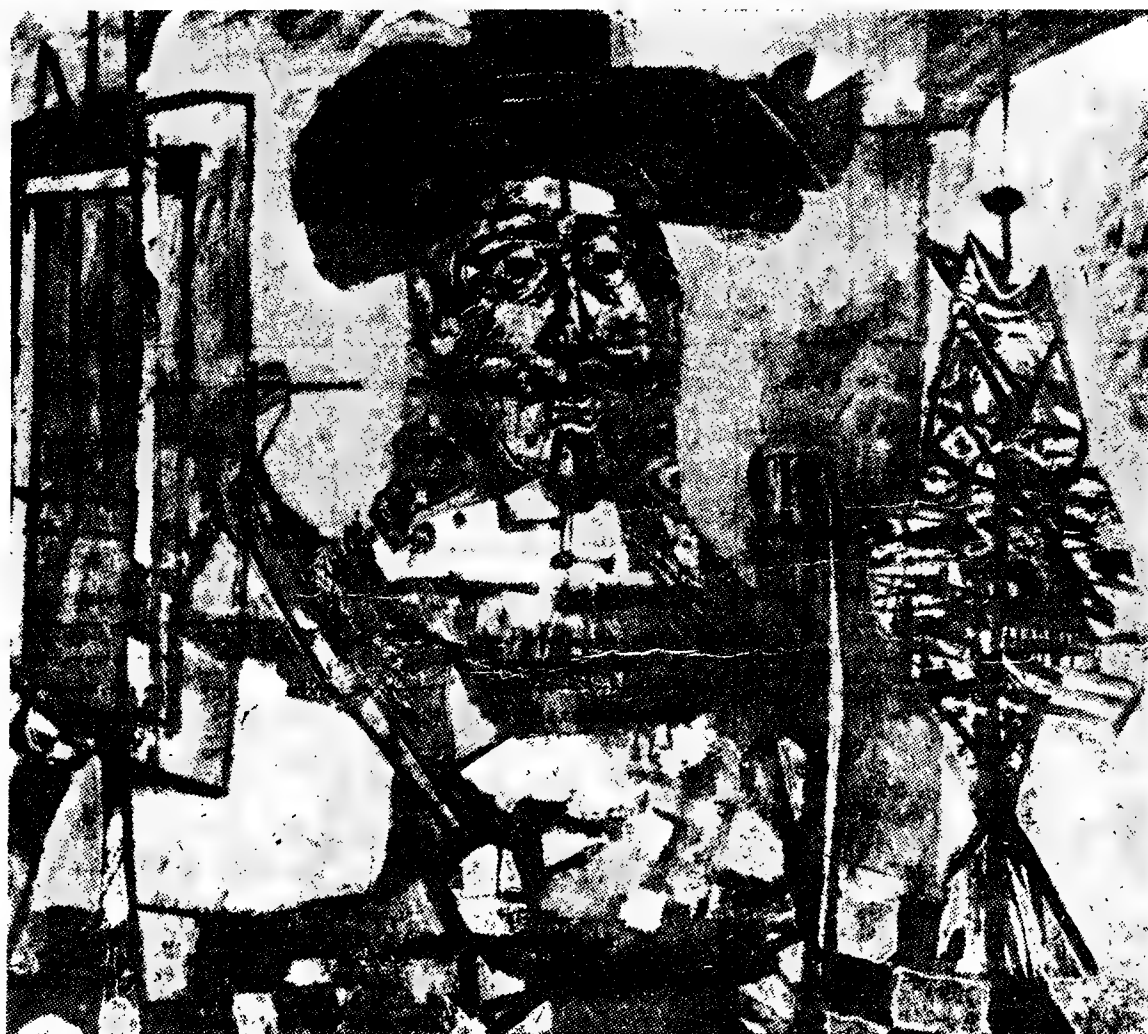
mente bela contada pela protagonista (até onde possível). Enfim. Um livro de férias.



Em casa de Gonçalo Duarte, um dos jovens pintores portugueses que aqui vivem.
Falamos de pintura e dos seus quadros. Conheço as suas experiências de há longo tempo, os monstros dos primeiros anos, a sua purificação posterior entrando decididamente pelo abstraccionismo dentro.

Mostra-me agora o que tem feito e que é fusão dos dois tipos das suas experiências anteriores, uma repre-

(Continua na página seguinte)



Uma das obras mais significativas de António Clave

OS NOSSOS

INTER

Texto de ARSÉNIO MOTA

O homem teve um pensamento inusitado depois de lavar as mãos, quando se dirigia para a mesa onde o esperavam a sopa fumegante, o peixe, a carne, a fruta; retrogradiou, dirigiu-se ao escritório, empunhou nervosamente a caneta e escreveu em caracteres bem negros de tinta da china: «Todos os homens devem sentir remorsos quando vão para a mesa». Releu o que escrevera, meditou-o e encheu-se de satisfação. Eis uma grande verdade, uma verdade humaníssima, franjada de poesia, para pregar aos homens de ventre farto! Podia escrever um artigo sobre aquele tema.

O homem dava pelo nome de Redondo Saraiva, era chefe de uma conservatória do Registo Civil e alimentava veleidades de escritor. Ao lado da secretária, na parede do fundo, uma mancha policroma emoldurada em cristal e ouro ardia suavemente em tons neutros, cerúleos e róseos. O exterior estava ali representado por um jardim, um repuxo e um pedaço de céu estilizado rodeando a nudez barroca das estátuas meditativas convidando ao alheamento. Do exterior recebia-se uns tantos centímetros quadrados de tons coados, esteticamente aproveitáveis devido ao equilíbrio perfeito dos tons e dos volumes conjugados com os elementos da decoração geral da moradia.

O homem contemplou, de olhos atentos, a paisagem de planos tão habilidosamente dispostos e no seguimento da subita inspiração rasgou outra do bloco e escreveu: «Nós principiámos a domar a Natureza e a exercer um domínio sobre a realidade no dia em que decorámos com paisagens e outras criações de arte as nossas casas». Pressentiu que a ideia não fora bem explicita e anotou: «Quer dizer, a arte da decoração, tão esplendorosamente florescida na Renascença Italiana, evidencia o primeiro impulso histórico de estetizar a natureza do mundo visual, de reduzir as evidências ao Mito e tanto marca o predomínio da inteligência, fruto da civilização, sobre a desordem irracional, indisciplinada, do Mundo». Releu o que escrevera, meditou-o e encheu-se novamente de satisfação. O que mais lhe agradava era fazer pensar os outros, parecer um autor penetrante e desassombrado, capaz de escandalos. Estava num dia sim.

Da sala de jantar o bater das colheres nos pratos chamava-o. «O remorso de comer com regularidade!» pensou. Grande frase! Eis um tópico capaz de lhe dar impulso para um ensaio onde poderia meter umas citações, se quisesse! O seu humanismo surgiria a plena luz. Mas decididamente estava com apetite.

A sopa. Televisão na sopa. A televisão obriga a recordar aquele documentário curioso visto no ultimo domingo, no cinema, que mostrou o povo polinésio e alguns dos seus costumes. O povo polinésio, a semelhança de outros, subsistia ainda hoje no estado do mais genuíno primitivismo. Suas reacções individuais e comportamento social forneciam originalíssima matéria para o estudo do homem no seu habitat primário, natural, incontaminado de toda a civilização. Os antropologistas, os sociólogos, os folcloristas e os psicólogos dispunham na Polinésia de um acervo riquíssimo de estudos a fazer! «A evolução do homem!...» — lembrou, confuso, com o peixe nos dentes. Quando saísse da mesa correria outra vez ao escritório para anotar o pensamento seguinte: «A civilização enriquece a multiplicidade de dons do homem; o homem de ontem não era tão evoluído e cerebral quanto o de hoje ou o de amanhã. A humanidade é efectivamente como um só homem que, através dos anos, vai caminhando e aprendendo, segundo pretendeu Pascal. Uma parte sedimentada das experiências humanas são transmissíveis de geração para geração, pela via da hereditariedade, porque se o não fossem, o homem não teria melhorado as percepções de inteligência, sensibilidade e consciência». Apesar de não ser inédito,

registaria, to-
to. Importava-
antigos, dan-
«ovos. Se do
«fé o seu re-
algum porma-
traição intim-
tração à Cu-
pois do café
na da sala d-
entumescida-
manábulas s-
A carne.
«Aquele loco-
estupenda!»
Era uma pe-
fosse tragá-
como um bi-
estava duro,
depois de li-
ponta do gu-
verdadeiram-
«E' engraç-
está no Mu-
leza não ser
congénito d-
zer que nem
mas são mes-
cas nunca t-
rapaz jamais
delas! Os bi-
os reinos an-
ral provém
produtor, ou
mum de ví-
tigo de divul-
formos ao hi-
animado de

de nós um
logo ao que
cionismo de
quem recebe
ou fonte co-
verdade que
biólogos já f-
nos laborató-
riológicos, a-
tíficiais obti-
diferentes r-
que os mes-
os meteorito-
cósmico, os
Vida, esse
O que fará
belas ou fe-

De repente
pada de m-
no corpo esp-
a ir longe de
gamentos. As
homens nest-
vez os biólo-
sediciosos; t-
que por si m-
não costum-
se nenhum
resultado de
versão das
de vigiar a
não aceites
nuar firme
Miguel Ang-
coberto das
Mundo. O m-
e harmoniz-
discordância
com uma fr-
tou. Depois
«A Beleza d-
toque da va-
blime Criado-
de Deus».

INTERIOR

ARSENIO MOTA

Ilustração de LUIS JARDIM

registaria, também este pensamento. Importava repetir os conceitos antigos, dando-lhes, porém, um ar de novos. Se deixasse para depois do café o seu registo, talvez esquecesse algum pormenor, e isso seria uma traição íntima a ele mesmo, uma traição à Cultura do seu país! Depois do café amodorrava na poltrona da sala de visitas com a barriga entumescida, o peito oprimido, as manípulas sudorosas.

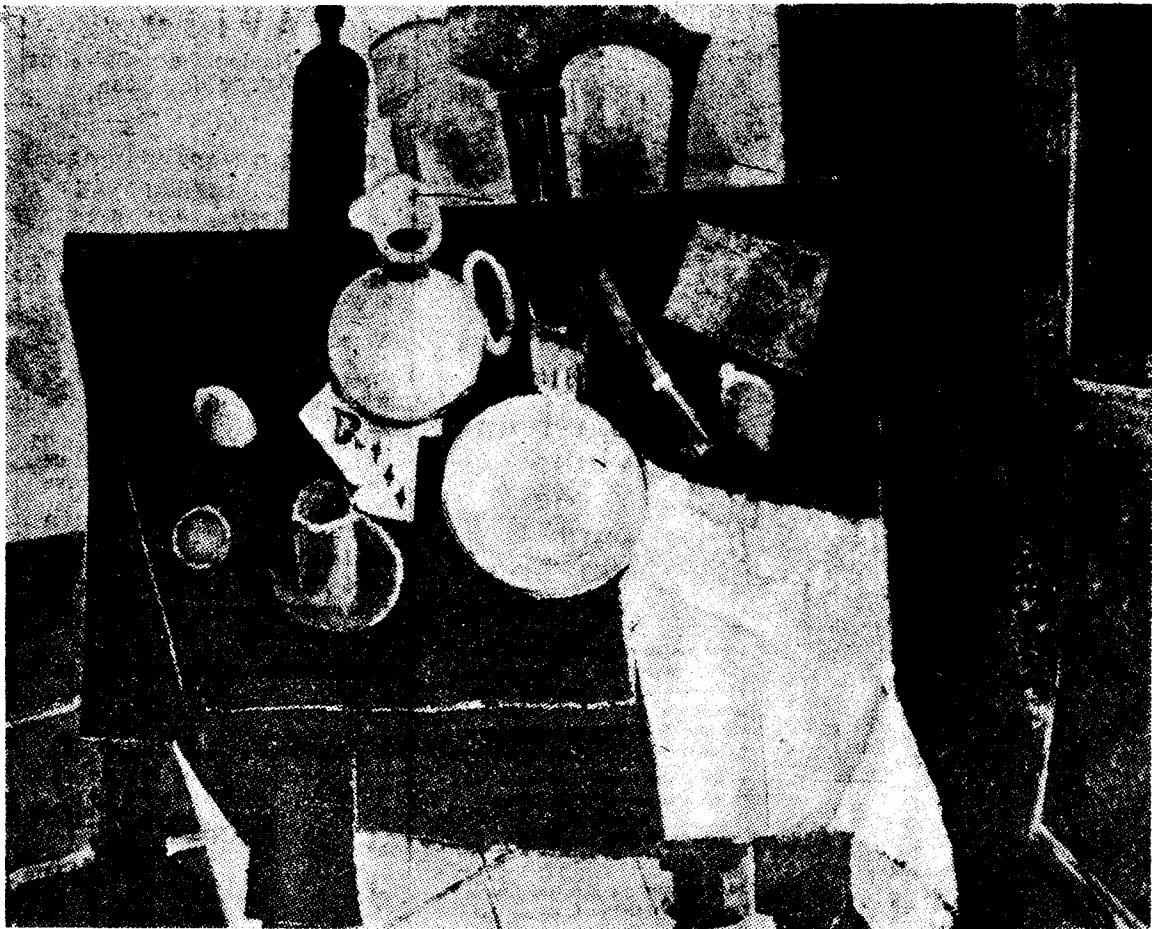
A carne. Televisão na carne. «Aquele locutera tinha uma figura estupenda!» — ouviu dizer a filha. Era uma pena que a Beleza não fosse tragável, comestível em suma, como um bife. Aliás, o seu bife estava duro. Reclamaria a criada, depois de limpar os lábios naquela ponta do guardanapo que persistia verdadeiramente imaculada.

«E' engraçado ver como a Beleza está no Mundo!» — pensou. A Beleza não será, talvez, um atributo congénito das criaturas. Basta dizer que nem todas são belas, algumas são mesmo feias. A Tó e a Quilcas nunca tiveram beleza. Se fosse rapaz jamais casaria com qualquer delas! Os biólogos insistem em que os reinos animal, vegetal e mineral provêm dum vírus unico, reprodutor, ou seja, duma fonte comum de vida. Leu-o em certo artigo de divulgação científica. Mas se formos ao hipotético primeiro vírus animado de Vida, teremos diante

Respirou. Estava em maré de fúria e a excitação aumentava-lhe a voracidade. Serviu-se de mais batata frita e sorveu uns goles satisfeitos de vinho. O começo da vertigem que sentira esconjurara-o com aquela última ideia: «A Beleza deve nascer do toque da varinha de condão do Sublime Criador». Havia de ter animo para correr ao escritório, no fim do jantar. Oxalá se lembrasse de quanto pensara.

Fruta. Notícias de violências na fruta. O mundo exterior estremecia desde os alicerces, como um edifício velho sitiado por hordas bravias. Aqui e ali, dentro do edifício sitiado, flamejavam focos de incêndio. Avançariam as chamas hiantes por toda a superfície deste Mundo? A multidão que habitava o edifício era presa de inquietação. Muitos vultos saltavam durante a noite das ameias inacessíveis para o escuro e aliavam-se às hordas vampíricas. Outro tanto já ele mesmo desejara fazer, mas falhava-lhe a coragem. Do outro lado estava-se mais comodamente, pois se estava com o futuro. O Mundo de hoje retalhava-se de problemas decisivos. Ah, seria tão bom ter vivido na Renascença ou numa época medieval!

O mal-estar regressou com uma sensação de impotência, um alarme visceral advertindo do perigo — o ignoto perigo dos dias de hoje. O perigo de comer excessivamente. O



Natureza morta, de Alvaro Delgado

ESFINGE

Como um anjo da guarda bacharel
Em Freud e Teologia, ela me assiste.
Não sei se me acompanha, se vigia
A perdição do meu olhar tão tiste.

Não durmo sem a ver à cabeceira,
Na penumbra das luzes apagadas.
Se acordo ou sonho, está ao pé de mim,
Senhora das pupilas invioladas.

Tão muda que não pede uma palavra,
Mata nas almas toda a confissão.
Se é carne, porque tem essa frieza?
Se é pedra, porque fere o coração?

Só o diabo, só Deus espreita as almas.
E eu temo o olhar da esfinge tão calada.
Vejo-a, ela me vê, tão face a face
Que o seu gelo me deixa a alma gelada.

Não responde sequer, se a esconjuro.
Nem pestaneja, se lhe rezo aflito.
Olha, fita-se em mim, vara-me todo
Quando o pavor que infunde a sós medito.

A esfinge não me perde com o olhar
No deserto que sempre me acompanha.
Por me seguir, parece familiar.
Por se calar, parece tão estranha.

Mal a distingo na confusa bruma,
Mas vejo que não há outra mais bela.
É bela, porque é filha do silêncio.
E pelo olhar que nunca se faz nela.

Anjo ignorado, de asas incolores,
Em vão procuro ao menos descobri-la.
Persigo-a, pois sou tanto perseguido,
Mas sei que jámais hei-de possuí-la.

São já rivais os olhos dela e os meus.
Parece que nasceram inimigos.
Pertencem-se uns aos outros fatalmente
Com a gula dos cães e dos mendigos.

Agora, tanto espero a esfinge escura,
Em busca do segredo que não deu;
Tanto me espera ela e me procura
Que não sei se ela é espinge, se sou eu.

DINIS DA LUZ



de nós um problema angular, análogo ao que propuseram ao evolucionismo de Darwin: De que ou de quem recebeu esse vírus primário, ou fonte comum, o sopro vital? E' verdade que, segundo disseram, os biólogos já fabricam sinteticamente, nos laboratórios, em caldos bacteriológicos, as primeiras células artificiais obtidas pela combinação de diferentes reagentes químicos, e que os mesmos insistiam em que os meteoritos podem ser, no espaço cósmico, os portadores da Vida. — Vida, esse mistério incognoscível! O que fará na origem as criaturas belas ou feias?».

De repente senti com uma guinada de mal-estar penetrando-lhe no corpo espesso, que se aventurara a ir longe de mais com os seus pensamentos. Assim se perdia muitos homens nesta época exigente! Talvez os biólogos fossem uns tipos sediciosos; talvez aquele artigo — que por sinal lera num jornal que não costumava ler — não merecesse nenhum crédito e fosse mesmo resultado de qualquer plano de subversão das consciências. Precisava de vigiar a infiltração das ideias não aceites oficialmente, de continuar firme e mudo na adoração de Miguel Ângelo, Rafael, Ticiano, a coberto das odiosas convulsões do Mundo. O melhor seria voltar atrás e harmonizar dialécticamente as discordâncias perigosas e heréticas com uma frase conciliatória. Matuto. Depois disse para ele mesmo: «A Beleza deve mas é nascer do toque da varinha de condão do Sublime Criador. A Beleza é um sinal de Deus».

café bebido em cima do vinho fura-lhe sempre desaconselhado pelo médico. Aumentava a tensão arterial, dava-lhe cabo do coração. Porque bebera café logo em cima de vinho? Tacteu o ventre galhardo e sentiu-o rígido, ameaçado por conjuras subterrâneas. Pressentimentos? O instinto de conservação é o mais visceral dos instintos humanos. Lembrou-se dum fragmento de diálogo lido algures: «Crês em Deus?» «Se Vida é Deus, eu creio em Deus».

O que era a Vida, afinal? O que ele, Redondo Saraiva, admitia em casa nos quadros, nas gravuras, no globo terrestre da estante, na gaiola do canário, através da televisão, dos jornais, dos livros, das cortinas de casa e dos reposteiros? O que ele pensava em certos momentos de lucidez solitária, ou de fraqueza? O que fazia no trabalho dos dias úteis com a consciência gritando-lhe a sua inutilidade? Enfim, o que era a Vida? Seria essa visão dantesca e ameaçadora que se erguia do Mundo de hoje, como fantasma de condenado inocente, sequioso de vinganças, de charcos de sangue, de represálias bárbaras? Ah, poder regressar à Idade Média e vivê-la serenamente, devagar, á sombra benfazeja da paz e da solidez dos valores imutáveis, respeitado pelo povo que veria nele um homem justo, talvez um sábio...

Extraiu o palito da boca. A maçã que comera era verde e ácida como cornos do diabo. Poderia ter optado por bananas. Agora era tarde, tarde...

ARSENIO MOTA

PUBLICAÇÕES

«BOLETIM» DO S. N. I.

Recebemos o n.º 1 do «Boletim» editado pela direcção dos Serviços de Turismo do S. N. I., destinado à divulgação, informação e esclarecimento, e que é muito bem apresentado. Na capa, traz uma bela gravura de Sintra e na contra-capas uma da Pousada de Obidos.

Insere: «Duas palavras» do dr. César Moreira Baptista; «Equipamento turístico — a planificação»; «Um problema do nosso turismo: o excursionismo»; «Orgãos locais de turismo»; «Recepção turística — Agências e Postos de informação»; «Serviço de Reclamações»; «Motivos de atracção turística»; «O serviço de assistência aos estabelecimentos hoteleiros e similares»; e «Os congressos internacionais na actualidade».

BOLETIM DA EMBAIXADA DE MARROCOS

O ultimo numero do «Boletim de Informação» publicado pela Embaixada do Reino de Marrocos em Portugal, insere trabalhos, de interesse, como estes: «Marrocos a caminho da instituição de uma monarquia constitucional»; «Texto do «dahir» sobre a lei fundamental»; «Sua Majestade Hassan II anunciou a supressão do «Tertil» (imposto rural)»; «Mobilização da população marroquina para o desenvolvimento rural». Traz também informações sobre o «Serviço Civil Nacional» e actualidades de política, cultura e desportos de Marrocos.



**um bom
vinho
verde
para
um bom
serviço...**

para um serviço requintado, com
vinhos escolhidos a acompanhar
cada prato, o «maitre» reco-
menda-lhe
**VINHOS VERDES DA
GARRAFA MOURA BASTO**
e para um «hors d'œuvre» ou
para o peixe, o magnífico
ADAMADO
Colheita especial

para os serviços populares, onde
haja necessidade de um bom vi-
nho verde, o «maitre» indica-lhe
CASAL DA DEVEZA
branco e tinto e agora o insu-
perável **ROSÉ**, em garrafas de
litro a preços populares.

**Em qualquer circunstância e para qualquer
refeição, prefira os famosos vinhos das
CAVES MOURA BASTO — AMARANTE**
sempre mais qualidade em qualquer tipo

ÚNICO AGENTE DISTRIBUIDOR NO PAÍS:

J. CÂNDIDO DA SILVA

Av. Almirante Reis, 238 — Telefone 727643 — LISBOA

Rua de S. Luiz, 12 a 18 — Telefones: 22602 27202 34585 34656 — PORTO

Sociedade Hidro-Eléctrica do Revué

S. A. R. L.
Capital: 200 000 000\$00

SEDE: Rua Joaquim António de Aguiar, N.º 45-2.ª, Dt.ª — Lisboa

DELEGAÇÃO: Vila Pery — Moçambique

**SERVIÇO DE TÍTULOS
PAGAMENTO DE JUROS**

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que os juros das obrigações que se vencem em 1 de Outubro deste ano serão pagos de acordo com os seguintes valores:

EMISSÃO DE 40.000 CONTOS/1956 — 5% — CUPÃO N.º 10
JURO LIQUIDO

Obrigações averbadas a Caixas de Previdência 24\$75
Obrigações ao Portador 20\$25

EMISSÃO DE 35.000 CONTOS/1957 — 5% — CUPÃO N.º 9
JURO LIQUIDO

Obrigações averbadas ao Governo Geral de Moçambique 25\$00
Obrigações ao Portador 20\$25

EMISSÃO DE 65.000 CONTOS/1959 — 1.ª e 2.ª Fase — 5% — CUPÃO N.º 4
JURO LIQUIDO

Obrigações averbadas ao Governo Geral de Moçambique 25\$00
Obrigações ao Portador 22\$50

O pagamento dos cupões referentes às obrigações averbadas ao Governo Geral de Moçambique e Caixas de Previdência efectuar-se-á na Sede desta Sociedade o pagamento dos cupões relativos às restantes obrigações efectuar-se-á, nas sedes ou dependências dos seguintes estabelecimentos de crédito:

BANCO TOTTA-ALIANÇA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO BURNAY
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
AUGUSTINE, REIS & CA.
PANCADA, MORAES & CA.
PINTO DE MAGALHÃES, LDA.

NOTA: A diferença do rendimento líquido que se nota com vantagem para as obrigações da emissão de 1959, corresponde à redução do imposto de aplicação de capitais concedido para esta emissão por despacho de Sua Excelência o Ministro das Finanças.
Lisboa, 26 de Setembro de 1961.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

AVISO

Sindicato Nacional dos Caixeiros
do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29 — Lisboa

**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO
PROFISSIONAL**
Ano Lectivo 1961/1962

Avisam-se os Filiados deste Organismo que as matrículas para as aulas da Escola de Aperfeiçoamento Profissional encerram improrogavelmente na próxima 2.ª-feira.

Horário das matrículas na Secretaria:

Todos os dias úteis das 9 às 11,
das 14 às 17 e das 21 às 22 horas
No sábado, das 9 às 11 horas

A DIRECÇÃO

Em Agueda, o «Diário de Lisboa» encontra-se à venda na agência da Raul Conde.

A SEMANA DE PARIS

(Continuação da página anterior)

sentação nova, «abstracta», dos seus monstros iniciais, continuamente possuídos de um erotismo crispado e negro.
E' a pintura de natureza mais satânica que conheço entre os jovens pintores portugueses, e creio mesmo que é da pintura mais importante e fascinante que entre eles se manifesta.

☆ ☆ ☆

Falemos de cinema.

Foi editado um livro sobre a «Nouvelle Vague». Título: «Nouvelle Vague», Edition du Cerf, collection 7.ª Art. Autor: Jacques Siclier.

Siclier fala-nos do histórico «putsch» que permitiu a alguns jovens cineastas-teóricos fazerem a prova real das suas belas teorias e de como, após os primeiros êxitos comerciais, encontraram lugar no sistema de produção habitual com larga liberdade de criação. Segue-se depois um catálogo dos novos realizadores e na ultima parte do livro o autor realiza... a «psicanálise» da N. V. diz (por exemplo):

«A N. V. não propõe senão filmes de indivíduos cuja abertura para a realidade de hoje é reduzida... O seu cinema está num impasse. Perde pouco a pouco o benefício das suas conquistas económicas...».

E diz por fim:

«A N. V. desempenhou um papel determinante na transformação do cinema francês. Não depende senão dela, no presente, outra coisa mais do que o de uma serpente que morde a própria cauda».

2 NOVAS E COMPLETÍSSIMAS SECÇÕES NA FARMÁCIA INTERNACIONAL

PERFUMARIA

Com as melhores marcas mundiais dos mais famosos produtos para a beleza feminina.

INFANTIL

Um novo mundo de ternura na arte de cuidar, alimentar e distrair o bebé.



O BEBÉ É REI
NA SECÇÃO INFANTIL DA
FARMÁCIA INTERNACIONAL
RUA DO OURO, 228 - LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

UM BENEFÍCIO: transporte rápido de pequenos volumes a preço uniforme para qualquer distância.

OUTRO BENEFÍCIO: podem ser sobre-carregados de reembolso.

Os preços de transporte, previstos na Tarifa Especial n.º 8/108 de G. V., são os seguintes:

Até 5 quilogramas, 3\$50; 10, 7\$50; 15, 10\$50; 20, 14\$00; 30, 20\$00; 40, 26\$00.

A taxa de reembolso é de 3\$50 por cada 1000\$00.

Quando a remessa, ao abrigo da Tarifa 8/108, for sobre-carregada de reembolso, o expedidor deverá apresentar o volume a despacho acompanhado de declaração de expedição (que é um contrato de transporte), na qual indicará que deseja a aplicação da Tarifa 8/108.

Despache os pequenos volumes por caminho de ferro — e oferece o serviço que lhe oferece a Tarifa de Reembolsos.

FEIRA DE S. MIGUEL NA CIDADE ESPANHOLA DE CACERES

De 26 de Setembro
a 1 de Outubro de 1961

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende, nas estações de Abrantes, Crato, Elvas, Entroncamento, Lisboa (Santa Apolónia), Marvão-Beirã, Porta Alegre, Santarém, Tomar, Torre das Vargens, Trancão e Vila Franca de Xira, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos para a estação de Cáceres, por ocasião da feira de S. Miguel naquela cidade.

Validade dos bilhetes: a ida: de 21 de Setembro a 1 de Outubro; a volta: de 26 de Setembro a 6 de Outubro.

Pega informações e adquira o seu bilhete nas estações atrás referidas

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 12 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas.
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Mário Jacques — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.



“ITALIA”
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:

AMÉRICA DO SUL

GIULIO CESARE

5 DE OUTUBRO

Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

OS AGENTES:

Em Lisboa:
**AGÊNCIA MARÍTIMA
TRANSATLÂNTICA, LDA.**
Rua do Alecrim 20-F, 1.
Telefone 27264

No Porto:
**KENDALL, PINTO BASTO
& C.ª, LDA.**
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

O «DIÁRIO DE LISBOA», em Torres Novas, é vendido na TABACARIA CENTRAL e pelo conhecido vendedor sr. Costa Pereira

BOLIMMIDO DIA

HA TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 28 de Setembro de 1931, do artigo «A Raça» de João de Barros, se transcreve:

«Tem algo significado e são uma inteligentíssima demonstração de afecto, as festas comemorativas, realizadas além Atlântico, do quarto centenário da chegada da frota de Martin Afonso de Sousa às terras que mais tarde pertenceriam ao Estado de S. Paulo, o mais rico, o mais culto, o mais adiantado do Brasil. O «Século» que trouxe um largo relato, carinhosíssimo, desse acontecimento luso-brasileiro, acentuou bem, e com plena justiça, o seu valor e importância, e a sinceridade, a cordialidade da intenção que a ele presidiu. É necessário é que o registem e louvem, sem a menor restrição, os portugueses todos, qualquer que seja o critério, a opinião, o partido que preconizarem a seguirem.»

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSIONA — Programa A: 451 m. — 655 kc./s. — Programa B: 397 m. — 755 kc./s.

Programa A — As 17: A casa e o mundo; 17 e 30: Canções; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 19: O pianista Jean Paques e conjunto; 19 e 10: Concerto pelo sexteto de ergos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Música de filmes; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: A nossa terra; 21: Noticiário — Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 40: O pianista Carmen Cavallaro e Orquestra de Domenico Savino; 21 e 45: Teatro das Comédias: «O Equívoco», de Ricardo Alberty; 22 e 17: O trompetista Roberto Rapetti e a sua orquestra; 22 e 30: Música portuguesa; 22 e 45: 2ª emissão do jornal sonoro; 22 e 55: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 5: O cravista Hubert Claveccin e conjunto; 23 e 15: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 35: Música de dança; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa B — As 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Festival de Viena, 1961, Gravações cedidas pela Rádio Nacional Austríaca; 20 e 40: Arias, das óperas «Sonambola», «Trovador» e «La Fanciulla del West»; 21: Noticiário; 21 e 30: Música e poesia; 21 e 50: Recital pelo cantor Francisco Loureiro Dinis, com a colaboração da harpista Esmeralda Alves. Programa inteiramente preenchido com composições de Frederico de Freitas; 22 e 10: «Ricercare», a seis partes, de Bach, pela Orquestra de Camara de Stuttgart, dirigida por Karl Münchinger; 22 e 20: Horizonte semanário de letras e artes; 22 e 50: Música contemporânea: Cinco canções napolitanas, de Hans Werner Henze, baritonos Fischer-Diskau; «Concerto para flauta e orquestra», de André Joviet, Fernand Dufren e Orquestra Nacional da Radiodifusão Francesa, dirigida pelo autor; «Sinfonia n.º 6», de Karl Amadeus Hartmann, e Orquestra Sinfónica da Rias, de Berlim, dirigida por

Melhoramentos locais

Na freguesia de Maças de Gaminho

ALVALADE, 28 (Pelo telefone) — Com a assistência do sr. Olímpio Duarte Alves, governador civil de Leiria, do presidente da Junta Distrital, do director escolar, de todas as autoridades do concelho e de outras entidades, será inaugurada, no próximo domingo, a luz eléctrica, nos lugares de Casais, Quinta de S. Gens, Valhom, Relvas, Maças do Caminho e Carvalhal da Igreja, da freguesia de Maças do Caminho, procedendo-se também à inauguração de um edifício escolar, na sede da referida freguesia.

No concelho de Oliveira do Bairro

OLIVEIRA DO BAIRRO, 28 (Pelo telefone) — Com a assistência do presidente da Camara e de outras entidades oficiais, foi inaugurado o abastecimento publico de água à freguesia de Mamarosa, obra levada a efeito pela Camara deste concelho com a comparticipação do Estado.

Começaram os trabalhos de reparação a betuminoso da estrada que liga o lugar do Silveira ao limite da freguesia de Fermentelos (concelho de Agueda), passando por Giesta e Rego, obra orçada em cerca de 400 contos.

Ferenc Fricsay; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RADIO CLUBE — As 17: Motivos portugueses; 17 e 30: Canções; 17 e 45: Noticiário; 19: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Solistas; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Hot Clube; 22 e 15: Canções; 22 e 30: Mensagem do soldado; 22 e 45: Artista; 23: «Asi és Espana»; 23 e 30: Ritos de baile, da Cave; 23 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

EMISSIONA DE MIRAMAR — As 17 e 32: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Solar da Herminia; 18 e 15: Ritos de baile; 19 e 15: Imagens por musica; 19 e 35: Uma orquestra; 20: Noticiário; 20 e 15: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Motivos portugueses; 21 e 30: Paisagem intelectual; 22: Programa «jazz»; 22 e 30: Canções; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 30: Programa do Pinguim; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18: Passatempo para o lar; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa eventual; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: França, horizonte do Mundo; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 21 e 30: Amadora em marcha; 22 e 30: Sinal verde; 23: A

23ª hora; 1 e 50: Noticiário; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS — Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Gracia; das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 a 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

As 19 e 30, abertura; 19 e 32, «Teletjornal» (edição da tarde); 19 e 50, episódio da série «O menino do circo»; 20 e 15, «A criança» (um programa do dr. Manuel João Farnhouse); 20 e 35, «Mantovani Show»; 21 e 5, «Temas Literários», encontro com o escritor Luís Cação; «Montra Falada»; 21 e 30, «Teletjornal» (edição da noite); 22 e 5, «Seleção Policial»; 22 e 40, «A hora Grundig (transmissão dos estudos do Porto); 23 e 5, «Futebol internacional: Belenenses-Hibernian» (comentários); 23 e 20, «Teletjornal» (últimas notícias).

HORAS DAS MARES

PRETA-MAR
Dia 28 — As 6 e 41 (4ª, 20); 19 e 1 (4ª, 13).
Dia 29 — As 7 e 21 (3ª, 99); 19 e 47 (3ª, 84).

BAIXA-MAR
Dia 28 — As 12 e 18 (0ª, 92).
Dia 29 — As 0 e 38 (1ª, 11); 12 e 58 (1ª, 17).

Dia 30 — As 1 e 24 (1ª, 39); 13 e 56 (1ª, 46).

CARTAZ DO DIA

TEATROS
MONUMENTAL — «Criada para todo serviço».

VARIEDADES — «Divorciados» ABC — «O trunfo é espadas».

VARIEDADES — «Espanta o gato».

CINEMAS
TIVOLI — «Porgy e Bess».

S. LUIZ — «Espíões em acção».

S. JORGE — «Um voto para John nles».

IMPERIO — «O sangue e a rosa».

EDEN — «O mundo de noite».

ODEON — «Os melhores anos da nossa vida».

MONUMENTAL — «Spartacus».

ALVALADE — «Espíões em acção».

POLITEAMA — «A voz do desejo».

CONDES — «Uma parisiense».

ROMA — «Uma parisiense».

AVIS — «Louisa».

ROYAL — «Profissão perigosa».

OLIMPIA — «O invencível Capitão Marvel».

IDEAL — «Os bravos não voltam costas».

SALAO LISBOA — «A seita do Dragão Vermelho».

ARCO-IRIS — «Fúria das armas».

ESPLANADA PORTUGALIA — «Gangsters falhados».

PROMOTORA — «A bela de Vera Cruz».

RESTELO — «O escudo negro».

S. L. BENFICA — «Os homens morrem assim».

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda	C. Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	650\$00	649\$00	651\$00	Ilha do Principe	—	—	—
Cons. 3 % T. 10	700\$00	700\$00	701\$00	Incomati	—	1.120\$00	1.200\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	810\$00	809\$00	811\$00	Mocambique	80\$50	80\$50	—
Centenários 4 % 1940	1.950\$00	1.945\$00	1.950\$00	Zambézia	—	376\$00	380\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.007\$00	—	Diamantes	—	321\$00	340\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.006\$00	—	Lobito	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.010\$00	—	C. Diversas	—	—	700\$00
Extern. 1.ª série	—	1.050\$00	1.120\$00	Cimentos 1eja	—	—	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.100\$00	1.140\$00	Cimentos Leiria	—	55\$50	55\$80
Extern. 2.ª série	—	1.080\$00	—	Crédito Predial	—	310\$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.080\$00	—	Industrial Aliança	—	455\$00	465\$00
Extern. 3.ª série	—	1.385\$00	1.390\$00	Portugal e Colónias ..	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.385\$00	—	Nacional Navegação ..	—	750\$00	790\$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	207\$00	—	Colonial Navegação ..	—	—	—
Obrigações	—	—	—	Port. de Celulose	1.180\$00	1.180\$00	1.200\$00
Agua Lisboa 5 %	—	—	—	Portuguesa de Pesca...	305\$00	305\$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	101\$50	—	Port. de Tabacos	—	600\$00	610\$00
Gás Elect. 3 3/4 % ...	905\$00	—	910\$00	Tabacos de Portugal...	—	—	—
Gás Elect. 4 %	—	—	918\$00	Agua, Electricidade e Gás	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	907\$00	—	Agua Lisboa 1934	—	320\$00	325\$00
Gás Elect. 5 %	974\$00	972\$00	976\$00	Agua Lisboa 1936	—	313\$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	81\$00	—	Elect. das Beiras	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—	Gás e Electricidade ...	291\$00	291\$00	291\$50
U. E. P. 4 % 1948	—	87\$00	—	H. Alto Alentejo	—	160\$00	161\$00
U. E. P. 4 1/2 %	90\$00	89\$50	—	H. E. Cávado	1.270\$00	1.260\$00	1.270\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—	H. E. Zézere	1.255\$00	1.255\$00	1.260\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	925\$00	935\$00	Nac. de Electricidade ..	1.255\$00	1.245\$00	1.255\$00
H. E. do Douro	—	626\$00	700\$00	União Electrica Port. ..	169\$00	168\$00	169\$50
H. E. da S. E. 3 1/2 ...	990\$00	985\$00	—	H. E. do Douro	—	1.160\$00	—
C. P. 4 1/2	—	910\$00	912\$00	H. E. Portuguesa	—	—	102\$00
Metropolitano	—	—	—	H. E. S. Estrela	—	—	—
Accões	—	—	—	PAISES	COMPRA	VENDA	
Bancos	—	—	—	Africa do Sul	37\$00	39\$00	
Alentejo	—	—	1.600\$00	Alemanha	7\$05	7\$30	
Angola	—	—	—	América:			
Espirito Santo	—	1.500\$00	1.850\$00	Dólares de 1 e 2	28\$20	28\$70	
Lisboa & Açores	—	—	2.640\$00	Dólares de 5 a 1000	28\$40	28\$90	
Portugal	1.240\$00	1.235\$00	1.245\$00	Argentina	\$33	\$36	
Ultramarino	58\$00	52\$50	58\$50	Austria	\$110	\$115	
Agricultura	—	—	—	Bélgica	\$66.5	\$68.5	
Seguros	—	—	—	Brasil	\$09	\$10.5	
Mundial	331\$00	330\$00	333\$00	Canadá	27\$40	28\$00	
Sagres	—	—	—	Congo Belga	\$20	\$25	
Tagus	—	1.300\$00	—	Dinamarca	4\$05	4\$25	
Soberana	—	—	—	Espanha	\$47	\$48.5	
C. Ultramarinas	—	—	—	França (N. Franco) ...	5\$68	5\$85	
Ag. Casseque	—	700\$00	—	Holanda	7\$30	8\$10	
Ag. das Neves	—	180\$00	250\$00	Inglaterra	79\$25	81\$25	
Ag. Agric. Colonial	—	165\$00	—	Itália	\$04.57	\$04.72	
Ag. de Açores	900\$00	885\$00	910\$00	Inglaterra (Libra)	5\$10	5\$30	
Boror	—	175\$00	200\$00	Marrocos	3\$92	4\$12	
Cabinda	—	35\$00	—	Noruega	5\$40	5\$70	
Cadã	—	1.100\$00	1.200\$00	Suécia	6\$55	6\$75	
Colonial do Buzi	90\$50	90\$00	91\$00	Suíça	—	—	

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM GARANTIA REAL através de

A FINANCIADORA

COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO S. A. R. L.

Sucursais no Porto e Coimbra

Sede: Avenida da Liberdade, 3 2.ª — LISBOA

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	37\$00	39\$00
Alemanha	7\$05	7\$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$20	28\$70
Dólares de 5 a 1000	28\$40	28\$90
Argentina	\$33	\$36
Austria	\$110	\$115
Bélgica	\$66.5	\$68.5
Brasil	\$09	\$10.5
Canadá	27\$40	28\$00
Congo Belga	\$20	\$25
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$47	\$48.5
França (N. Franco) ...	5\$68	5\$85
Holanda	7\$30	8\$10
Inglaterra	79\$25	81\$25
Itália	\$04.57	\$04.72
Inglaterra (Libra)	5\$10	5\$30
Marrocos	3\$92	4\$12
Noruega	5\$40	5\$70
Suécia	6\$55	6\$75
Suíça	—	—
Ouro:	285\$00	297\$00
Portugal — Barra	33\$60	34\$60
Portugal — Barra fino	33\$80	34\$80

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras TELEF. 21273 RUA DO OURO, 72 Papeis de crédito

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO D
(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256).

ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563).

ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) * Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).

ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV (843571).

ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * Nova Iorque, R. António Patrício, lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (760658).

AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Águas Livres, 8 (681515).

AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).

AVENIDAS NOVAS — Lunenit, Av. da Republica, 55-A (772132) * Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) * Sá da Bandeira, Av. Duque de Avila, 203-B (41961) * Oliveira Viagas, R. Viriato, 29-29-A (48966).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (26575).

BENFICA — Vicente, Est. de Benfca, 466-A (782606) * Alegria, Est. de Benfca, 180-A-B (780511) * Progresso, Rua A-da-Maia, 64-C (702226).

CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).

CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (23446).

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) * Lináida, R. Ferreira Borges, 30 (660955).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Salutar, R. B. 75 (Bairro da Liberdade) (683694).

DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (382470) * Barha, Est. de Chelas, 173-175 (382241).

ESTEFANIA — Fonseca, Largo de D. Estefania, 4-5 (54808).

ESTRELA E LAPA — Alb. R. de Santana, 4 Lapa, 156 (663562).

GRACA — Almeida Dias, L. da Graca, 38-A-39 (862909) * Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, R. do Lumiar, 122 (790332) * Douro, Al. Linhas de Torres, 93 (791131).

MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117).

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).

MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464).

PALHAÇA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202 (780841).

PEDROUCOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

PICHELEIRA — Mariuz, Calc. da Picheleira, 140-B-C (720703 - 728395).

REGO — Berne, Av. de Berne, 44-A, (773568).

S. BENTO — Confiança, Pr. das Flores, 59 (27901) * Valentim, Ld., R. Poço dos Negros, 88-90 (661353).

ST. AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

ST. MARTA — Luis de Magalhães, H., R. de Santa Marta, 15-A-B (46490).

PEDRO DE ALMEIDA E MANUEL DE OLIVEIRA

partem amanhã para Paris

Acompanhados do seu treinador, prof. Moniz Pereira, seguem amanhã para Paris, onde vão participar num torneio internacional de atletismo, os sportinguistas Pedro de Almeida e Manuel de Oliveira.

Por esse motivo foi adiado para o dia 5 de Outubro, o jantar de homenagem a todos os campeões de atletismo do Sporting, realizando-se, no entanto, no próximo sábado, às 15 horas, o anunciado desafio de futebol.

O «DIÁRIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em PONTA DELGADA — AÇORES, na TABACARIA ESPERANÇA, de JOÃO LUIS DE MEDEIROS.

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«O Mundo dos Outros»

por José Gomes Ferreira

A personalidade literária de José Gomes Ferreira, como poeta, como escritor de ficção e como cronista, tem sido geralmente interpretada como a de um «moderno», no sentido corrente do termo desde há trinta anos. A sua obra mais definida e acabada, que é a de poeta, consagra a classificação dominante. Abrangidas mais largamente, porém, as suas aptidões múltiplas de escritor, o que se desdobra com certa surpresa é a índole mais profunda de um homem de letras que conjuga, sem nunca os fundir por inteiro, os ecos de muitas épocas literárias transactas, de muitas sugestões esfumadas de tendências, hábitos e gostos oriundos de quadras os mais diversos. Há nele um barroquismo formal que parece gerado em remotas raízes clássicas; um romantismo de brumas e visões, de sonhos vagos e de espectros em que a todo passo afloram estrelas, luares, desesperos, solidões; um certo humor amargo beaudelaireano; a tentação frequente do realismo popular, entremeada de sarcasmo; as inquietações disformes em que se embeberam os vultos mais representativos da geração da «Orfeu»; e ainda a vo-

cação do social, não por temperamento ou formação, mas como reflexo de convicções sinceramente partilhadas; um fugidio satanismo em que se adivinha por vezes o apetite de nada poupar; uma «gaminerie» facilmente zombeteira — e quantas coisas mais...

Homem complexo e de sínteses sempre incompletas, este José Gomes Ferreira, que nunca deu — talvez por isso mesmo — a medida satisfatória e desejável dos seus dons versáteis. E' neste livro de «crónicas e vagabundagens» intitulado «O Mundo dos Outros», que tal cunho tão dificilmente definível, tão embaraçoso para empolgar numa caracterização precisa, se revela com maior evidência. Tudo o que há de vario nesta figura singular da vida literária portuguesa dos últimos quarenta anos pode pressentir-se nos seus versos, em que há muitíssimos lances de beleza estranha, de pureza e de quase perversão lírica confundidas, de penetrante simplicidade e também de obscuridades inquietas. Mas no volume de livros prosas agora editado (ou reeditado?) a pulverização das sugestões possíveis é de tal modo flagrante que quase apetece, página a página, colecionar as classificações inúmeras dos seus «modos» de espirito e das suas «maneiras» de estilo. A obra fica mais rica de referências, por isso — em literatura e em psicologia literária. Mas deixa também, entre algu-



JOSÉ GOMES FERREIRA

mas perplexidades, um desejo de maior limpidez, de mais directa e clara representação estética e hu-

mana — de maior transparência.

O que é este «Mundo dos Outros» em que José Gomes Ferreira oferece de si mesmo tão difusa e desconcertante imagem? E' pouco defini-lo como recolha aleatória de «crónicas». Há nelas muito frequentes passos de ficção, de poesia, de crítica, de memórias. O «Mundo dos Outros» é, antes de tudo, o próprio mundo de José Gomes Ferreira. As figuras reais ou fantasiosas que atravessam o livro em trajectórias curtas afiguram-se — ainda quando manifestamente reais — prismáticos reflexos do próprio autor. E em que medida se toma ele a sério, a si e aos «outros», como a tudo o que a si e aos outros envolve? Ou será por tomar tudo muito profundamente a sério que das suas páginas prevalece, em reviravolta estranha, uma impressão de sarcasmo desabusado?

O escritor em prosa, quase tanto como o poeta, tem muito interesse. Maior interesse, todavia, é o dos enigmas que lhe estão subjacentes. O homem que humoriza «com os olhos do avesso a chorar por dentro» é, talvez, a melhor representação desta personagem singular — protagonista entranhada, nunca liberto de si mesmo para se transferir a outras personagens, de todas as páginas que escreve. Sob o sarcasmo, o trocadilho, o lirismo por vezes exótico e redundante, uma amargura estrangulada ronda sem cessar o porfiado monólogo de José Gomes Ferreira. E essa ronda não tem fim — nem sequer na prefiguração dos mais aéreos e desgarrados sonhos. Nem as convicções humanísticas, nem as satisfações estéticas, nem a facilidade do pendor sarcástico, a têm detido na obra literária de José Gomes Ferreira. O «moderno» vem a situar-se, assim, fora do tempo — do seu tempo e de quaisquer tempos definitivos. Mas a vibração, a versatilidade e a expressividade com que escreve são o testemunho de uma arte literária que os leitores, para além de tudo mais, terão de acompanhar com interesse veemente — mesmo nos casos em que não lhes desperte a simpatia das claras e luminosas criações. (Collecção Os Livros das Três Abelhas, Publicações Europa-América, Lisboa).

com equilíbrio e coerência, justificando fecundas reflexões.

• «O testamento de Camilo Pessanha», de Danilo Barreiros, editado em Lisboa, constitui apreciável estudo da personalidade e de alguns aspectos biográficos do grande poeta que a sedução do Oriente absorveu. Sem intuitos críticos ou interpretativos muito demorados, é principalmente na execução das disposições testamentárias de Camilo Pessanha que o estudo se alonga, documentado com textos inéditos encontrados em Macau e com observações pessoais sobre os descendentes do escritor que apresentam manifesto interesse para os estudiosos. Algumas fotografias sugestivas e elementos úteis para uma bibliografia sobre a vida e a obra de Pessanha valorizam o livrinho, a cuja unidade e equilíbrio de composição é devida especial homenagem.

• Carolina Lima Vaz publicou o livro de poemas «O Dia Esquecido», expressão de um lirismo claro e tranquilo que flui sem inquietações nem angústias, recusando-se às veemências perturbadas e inserindo na própria paisagem as suas breves emoções. Como poesia confessional e simples, combinando muito bem as formas modernas e os ritmos tradicionais, a criação lírica de Carolina Lima Vaz desperta profunda simpatia.

• Nas séries editoriais de Publicações Europa-América vieram a lume dois volumes de especial atracção: «O flagelo da suástica», por Lord Russel, de Liverpool, documentário sempre actual e impressionante do organizado crime contra a Humanidade que foi o nazismo; e «A matemática dos jogos», por Maurice Kraitchik, que apresenta no mais atraente nível de divulgação várias recreações matemáticas muito conhecidas pelos especialistas ou de original invenção. No primeiro, é um panorama político ainda com muitas sobrevivências que surge à luz da apreciação objectiva, sugerindo reflexões retrospectivas e actuais. No segundo, é uma colectânea de exercícios de inteligência e habilidade que se oferece aos apreciadores.

• O fecundo trabalho revelador da Portugália Editora confirmou-se ainda neste final de Verão com algumas traduções de manifesto interesse: a novela «O Diabo sobre as colinas», de Cesare Pavese, em que se apresenta com solícita sugestão o processo literário inconfundível deste escritor italiano, combinando subtilmente a fantasia e o realismo; a conhecida narrativa de aventuras «Vinte anos depois», de Alexandre Dumas, que continua o fabuloso êxito de «Os três mosqueteiros»; a novela de Noëlle Didier «Sabrina», que vem valorizar a meritória Biblioteca das Raparigas, mantida há longos anos por aquela editorial; e a história policial «A emboscada», de Maurice Procter, integrada na colecção Olho de Lince, que fornece aos leitores do género seleccionadas criações.

LIVROS CAROS

(Continuação da 17.ª página)

riada siada de um plano, café, conhaque, juventude reverente e in...! Vêm-se inscrições pelas paredes e pinturas abstractas. O escritor ou o pintor vêm às «cuevas» para beber um conhaque ou um café e conversar com os amigos.

Armando Lopez Salinas, 36 anos de idade; pouco mais de três anos dedicados inteiramente a escrever. Impôs à sua vida uma curiosa encruzilhada, problema de ser ou não ser capaz de...

— Seguir a carreira literária, pretendendo viver para a pena e da pena. Não vai ser fácil e talvez que as minhas esperanças desapareçam pela total impossibilidade de viver dos livros que escrevo — e acrescenta — Dei um prazo a mim mesmo de seis anos.

— Para vencer ou desistir? — perguntamos.

— Creio ter já passado as piores dificuldades. Tudo ainda pode acontecer mas espero que não seja para pior.

— Em que se ocupava antes de começar a escrever?

— Era desenhador de uma empresa industrial.

— E sentia-se satisfeito com essa profissão?

— Não devo afirmar que me desagrada. Mas com verdade, ano após ano sentia-me menos ambientado com aquele trabalho.

— E porquê? — inquirimos.

— Compreendia que embora gostando da profissão, o meu espírito cada vez mais se afastava para outros anseios.

— A literatura? — interpelamos.

— Precisamente. Já escrevera algumas prosas que tentei inculcar como devaneios de juventude. Na vida de estudante revela-se quase sempre uma vontade literária algumas vezes de efémera duração.

— O que não aconteceu consigo.

— Não vou ao ponto de afirmar que pretendi esquecer a vontade literária. Que procurei ignorar essa vontade, que pressentia vocação dedicando-me inteiramente à minha profissão.

— Continuou escrevendo?

— Assim foi. Até que chegou a altura de me encontrar perante o «dilema», continuar como desenhador, integrando-me mais na minha profissão, com o abandono definitivo dos devaneios literários, ou precisamente o contrário. Deixei a profissão vai para quatro anos para me dedicar à literatura.

— E que tal?

— Tenho mais dois anos como prova literária. Se entretanto não puder continuar vivendo dos livros que escrevo voltarei a ser desenhador. A empresa onde trabalhava deu-me uma licença limitada. Foram simpáticos!

— Será escritor?

— Espero que sim. Desejo-o.

— Qual foi o seu primeiro livro?

— Tem o título de «Aquele Abril» e é uma «novela curta».

— De que se trata?

— Das consequências da guerra.

— Guerra civil espanhola?

— Claro!

— Existe uma considerável maioria de autores espanhóis que dá preferência ao ambiente da guerra civil nos seus romances.

— Justificável pelo menos, se considerarmos que a nossa adolescência, dos homens que têm 30 e tantos anos, decorreu nessa época.

— E, só por isso — insistimos.

— E, também, porque atingindo as proporções que todos conhecemos a guerra civil constitui, ainda hoje, um inesgotável manancial de produção literária.

— Portanto, a sua primeira obra literária decorre no ambiente do...

— ...pós guerra. A história de «Aquele Abril» é contada por uma testemunha ocular. Começa a história quando essa testemunha, ainda criança, e nos dias que precedem o fim da guerra civil, está sentada à porta da sua casa, brincando com outros garotos. Para eles o ter terminado a guerra não se podia classificar de acontecimento que entendessem. Enquanto dura a brincadeira das crianças vêem passar um homem da terra debaixo de prisão. Reconhecem-no: é o pai da criança protagonista de «Aquele Abril». Então, esse garoto deixa a brincadeira e os companheiros para seguir o pai. Nem um só momento se afasta da prisão. O pai é julgado, condenado e executado. A tudo a criança assiste.

Em «Aquele Abril» a criança conta como viveu aqueles momentos.

— Acredita que a guerra civil provocou um ambiente literário e o aparecimento de uma geração?

— Absolutamente. Podemos, até, estabelecer um paralelo.

— Sim?

— Entre a queda de Mussolini na Itália e a guerra civil espanhola.

— Que espécie de paralelo?

— A de uma literatura típica dessas épocas. Com a queda de Mussolini surgiram romancistas como Moravia e Pavese, entre outros. Então havia em Itália uma censura apertada a pôr certas limitações à literatura. Esses romances traduzidos na Argentina, apareceram à venda em Espanha e interessaram o nosso publico.

— Aconteceu com a censura espanhola o mesmo que com a italiana.

— No tempo presente a censura literária em Espanha possibilita que o escritor veja com sentido realista os problemas dos seus romances.

— Mas vive ainda a literatura es-

panhola do ambiente tremendo da guerra civil.

— Não creio. Esse ambiente interessa como motivo e análise. Mas o autor está tomando plena consciência dos problemas actuais e penetrado de que não os deve esquecer.

— Qual é o tema de «A Mina», que, segundo nos recordamos foi finalista do Nadal?

— E' o romance de que mais gosto.

— Haverá justificação para essa preferência?

— Sim... filiada no facto de «A Mina», que como disse, ter chegado a finalista do Prémio «Nadal» marcando a forma sistemática da minha procura de «ser romancista» com este romance sinto ter começado uma etapa de escritor.

— Qual é a história de «A Mina»?

— Descreve a emigração da gente do campo ao abandonar as suas terras pouco compensadoras e que obrigam a trabalho intenso, de relativa compensação.

— E para onde emigram?

— Para as minas. Aí o trabalho não é menos pesado que no campo. O contacto do homem do campo com o operário industrial é mesmo um «embate» quase certo. Não se compreendem.

— E «A Mina» é...

— ...é a história de uma família do campo que se muda para um centro mineiro. Julga ir encontrar aí uma vida desafogada e ao sofrer as limitações e dificuldades provocadas por um salário diminuto avolumam-se-lhe os problemas. Depois surge a luta do mineiro pelo aumento de salário. Aquela família abandona problemas de gente do campo para começar a pensar e a agir como mineiro.

— Quando publicou o seu ultimo livro?

— O ano passado. Escrevi-o com António Ferres, meu antigo companheiro de trabalho. Intitula-se «Caminhando pelos Hurdas». Um livro de viagens.

A entrevista está a terminar. Fazemos mais algumas perguntas.

— Lê-se muito em Espanha?

— Podia ler-se mais. É bastante pouco. É preciso muito mais.

— Há uma razão...!

— Uma das razões é a de que os livros são caros e, como deve calcular, nem todos podem acompanhar o movimento editorial adquirindo livros que em média custam entre sessenta e oitenta pesetas.

— Mas o livro caro não beneficia o autor?

— Limita a edição. Julga que uma tiragem de 6000 exemplares é muito?

— Para a população de Espanha afigura-se pequena. Mas uma bebida e a entrevista terminou.

Registo

• Pela Coimbra Editora foi publicado o trabalho ensaístico «Considerações sobre Frederico Nietzsche», de Romeu de Melo, que vem testemunhar a perene actualidade do pensador e moralista, como do fascinante escritor de «Assim falava Zaratustra». Obra de inspiração muito pessoal e livre, sem sujeições a critérios já estabelecidos, mas carecente de mais sólida fundamentação filosófica, é como exercício intelectual sugestivo que se poderá encontrar nela o mais vivo interesse e perdurável valor. Do pensamento de Nietzsche podem extrair-se, como a história das ideias nos últimos oitenta anos demonstra, as mais diversas direcções e interpretações. Romeu de Melo perfilha pessoalmente a de um aristocratismo de confinadas elites que se recusa ao inelutável movimento da nossa época — no caminho da conformação ideal das massas em elites. Mas a exposição do tema é desenvolvida

colecção
DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS
acaba de sair

ÍNTIMOS DA MORTE

de PIERRE CLOSTERMANN

A odisseia de uma missão
ingrata de pilotos franceses
mobilizados na guerra da Argélia

Esc. 45\$00

LIVRARIA BERTRAND